

*Antonieta  
de Barros  
crônicas selecionadas*



**CEE**  
Conselho Estadual de Educação  
de Santa Catarina



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA  
DO ESTADO DE SANTA CATARINA**





ANTONIETA DE BARROS – CRÔNICAS SELECIONADAS

Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina – ALESC  
Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina – CEE/SC

Organização: Professor Felipe Felisbino  
Pesquisa: Ramires Sartor Linhares  
Revisão ortográfica: Professor Fábio Ballmann  
Digitação: Raisa Ruana Linhares  
Design gráfico, diagramação e editoração: Marcca Comunicação Ltda  
Foto da capa: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina – IHGSC

C755e	Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina
	Antonieta de Barros: crônicas selecionadas / organização: Felipe Felisbino, José Raul Staub, Osvaldir Ramos. – 1 ed. – Florianópolis (SC): CEE/SC; ALESC, 2021. 139 p.: il. color.
	ISBN XXX-XX-XXXX-XXX-X
	1. Educação – História. 2. Antonieta de Barros - História. I. Felisbino, Felipe. II. Staub, José Raul. III. Ramos, Osvaldir. IV. Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC). V. Título.
	CDD 370.9 CDU 37.09

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Camilla Vargas Barreto  
CRB14/1722

**VENDA PROIBIDA**

*Antonieta  
de Barros  
crônicas selecionadas*

*Organizado por:*

Felipe Felisbino

*Pesquisa:*

Ramires Sartor Linhares



# Apresentação

A educadora, política e cronista Antonieta de Barros nos deixou uma rica história, que já foi estudada, interpretada, discutida e contada das mais diversas formas.

No entanto, tudo o que se refere ao que Antonieta produziu, seja nas salas de aulas, nos grêmios estudantis, na tribuna da Assembleia Legislativa e, especialmente, nas páginas dos jornais, sempre rende mais um pensamento, mais uma ideia, mais uma história.

O Conselho Estadual de Educação e a Assembleia Legislativa de Santa Catarina apresentam, em forma de livro, mais um apanhado de produções desta inigualável catarinense. O livro Antonieta de Barros - crônicas selecionadas reúne 50 crônicas especiais, publicadas em jornais de Florianópolis entre os anos de 1929 e 1952, incluindo uma crônica póstuma publicada no jornal O Estado, escrita por um de seus colegas de trabalho, em homenagem a Antonieta.

Antonieta tinha seus escritos como “farrapos de ideias”, assim mesmo quase sempre intitulados, e que, para ela, teriam vida breve, exígua, quase despercebida em cada número de jornal. Não foi bem assim...

Aqui, as crônicas escolhidas são apresentadas exatamente como escritas à época de suas publicações, mantendo o estilo peculiar de Antonieta, com todas as expressões utilizadas na forma original. Para assegurar total compreensão da grandeza de tudo quanto foi abordado, apresentamos também as crônicas revisadas, obedecendo à forma ortográfica atualizada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, com direito a breves glossários dos termos menos usuais de nossa língua.

As crônicas de Antonieta de Barros versaram sobre muitos temas. As que escolhemos para esta publicação, tentamos classificá-las, dividindo-as em capítulos, com as seguintes temáticas: Vida; Comportamento, Sentimento humano; Mulher; Educação, Magistério; Política, Governo; Cidade, Cotidiano, Jornalismo; e Espiritualidade, Fé.

Agradecemos aos familiares de Antonieta de Barros pela compreensão da importância deste resgate histórico, autorizando a publicação da obra e participando de sua concepção, num esforço coletivo para mantermos viva a memória e os feitos de Antonieta.

Por fim, almejamos que a obra sirva para conhecermos, ainda mais, as ideias de uma das mais importantes mulheres de Santa Catarina.



**Deputado Estadual Mauro De Nadal**  
Presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina

### **Antonieta, adiante do tempo**

Quem chega a Florianópolis por via aérea, para alcançar o centro da capital dos catarinenses, passa pelo túnel Antonieta de Barros. Quem vem do Continente para a Ilha, rumo à nossa Universidade Federal, também utiliza o complexo de túneis que modernizou a cidade, rompendo o Morro do Mocotó, desde a Baía Sul até o Saco dos Limões. Já em nossa Assembleia Legislativa, grandes eventos, quando não são realizados no Plenário, têm como palco o Auditório Antonieta de Barros. E não por mera coincidência o programa de inclusão social do Poder Legislativo, que oferece estágios a jovens de comunidades carentes, leva o nome de Antonieta de Barros.

Mas, afinal, por que Antonieta tem esse nível de reconhecimento, emprestando seu nome também à Comenda que homenageia pessoas ilustres de nossa sociedade, destacadas pela defesa dos direitos da mulher e ao Prêmio instituído pela Secretaria de Igualdade Social, do Governo do Estado? Antonieta de Barros foi, sem dúvida, uma mulher adiante de seu tempo, uma ilustre catarinense reconhecida, com justiça, por posições que mudaram a nossa sociedade. O maior exemplo está em suas intervenções em favor da educação, na defesa da alfabetização de adultos, do acesso da mulher à formação superior, de oportunidades aos menos favorecidos e do exemplo pessoal, de buscar na política o espaço democrático para fazer a diferença.

Se esses são temas ainda atuais, imagino qual a dimensão de sua personalidade, como professora, jornalista e deputada estadual em plena transição do Brasil, vivendo as primeiras décadas da República, na metade inicial do Século XX.

Acrescente o fato de ser uma descendente de escravizados que se alfabetizou aos cinco anos, alçou à formação como professora aos 17 e logo criou uma escola. De ser atuante na crônica da comunidade, opinativa, defensora da população carente, das mulheres e da educação, escrevendo mais de mil artigos em vários jornais e revistas, muitos assinados com o peculiar codinome de Maria da Ilha. E ter se tornado a primeira mulher negra eleita Deputada Estadual no País, apenas dois anos depois de as mulheres assegurarem o justo direito de votar e serem votadas.

Antonieta de Barros abre a galeria das mulheres parlamentares de nossa Assembleia Legislativa, enaltecendo a presença feminina na sociedade e dando dimensão à negritude, ainda hoje apontada como necessidade para a superação de barreiras sociais que permitam o maior avanço da comunidade em padrões de oportunidades igualitárias para todos.

Não tenho dificuldade em perceber que Antonieta esteve adiante de seu tempo. E está adiante do tempo. Viva entre os catarinenses, exemplo para o futuro.

Sua vida e sua obra têm aqui justo resgate, merecedor de meu reconhecimento.



### **Prof. Dr. h. c. Osvaldir Ramos**

Presidente do Conselho Estadual de  
Educação de Santa Catarina – CEE/SC  
Presidente do Fórum Nacional dos Conselhos  
Estaduais e Distrital de Educação - FONCEDE

*“O tempo presente e o tempo passado estão ambos, talvez, presentes no tempo futuro e o futuro contido no tempo passado. Se a plenitude do tempo é eternamente presente, o tempo, como um todo, é irremediável.”*

**T. S. Eliot**

Com o término do período Imperial, para a consolidação da República era necessário se construir uma nova imagem para o país, minimizando o caráter colonial, atrasado, inculto e “primitivo” que pesava sobre o Império do Brasil, mesmo com a visão moderna e avançada do Imperador D. Pedro II. O Brasil muda a sua forma de governo mas não muda as cabeças pensantes que comandavam a sociedade, continuando a grande maioria em suas posições estratégicas no poder. Então, já naquela época, no início do século XX, usaram o discurso da educação como uma das bandeiras para mudar definitivamente a imagem do Brasil, idealizando a modernização do país.

A catarinense Antonieta de Barros foi uma importante educadora, jornalista com destaque na política, onde levantou bandeiras na luta contra o racismo e o machismo na região Sul.

Recém-formada na Escola Normal Catarinense, instituição que preparava professores, criou em 1922 um curso para alfabetizar a população carente em sua casa, onde o olhar para a educação deixava de ser somente um discurso político de época.

Mulher de opinião, empreendedora, também fundou o jornal A Semana, onde publicou parte de seus artigos sobre educação e desigualdade racial e de gênero.

A manifestação de sua veia política talvez tenha sido influenciada pela família Ramos. Família para qual a sua mãe Catharina trabalhava como lavadeira, formada por eminentes homens públicos da história de Santa Catarina, como o patriarca Vidal Ramos e os filhos Celso Ramos e Nereu Ramos – este, o único catarinense a ocupar a Presidência da República.

Seu ingresso na política começa concomitantemente com a permissão do voto feminino no Brasil. Conquista de 1932, o direito ao voto estendido às mulheres foi consolidado na Constituição em 1934, ano em que Antonieta se tornou deputada suplente. E a educadora cumpriu o mandato de 1935 a 1937, tornando-se a primeira deputada de Santa Catarina e a primeira mulher negra deputada, sendo também a primeira mulher a presidir uma sessão de Assembleia Legislativa no Brasil.

Nas primeiras décadas do século XX, mulheres de vanguarda ousavam discutir os problemas sociais, algumas das quais eram classificadas como anarquistas, por defenderem um reposicionamento da sociedade em atenção ao trabalho, à educação, à mulher, enfim, defendiam a cidadania, sendo Antonieta de Barros uma dessas predestinadas.

Discutir, naquela época, temas polêmicos da realidade social, era sinônimo de muita bravura, pois hoje ainda são temas calorosos, pautados com muito melindre, mas Antonieta entendia que a crítica, além de excelente produtora de conhecimento, era uma das grandes possibilidades para que mudanças pudessem acontecer.

Antonieta, mesmo tendo publicado algumas manifestações em favor do empoderamento feminino, o conjunto de sua obra deixa claro que a questão da emancipação da mulher poderia ser resolvida com uma revolução social mais ampla, de onde se originaria um mundo fundado na igualdade, na justiça e na liberdade. Ou seja, o respeito à mulher estaria relacionado à emancipação de toda a sociedade, onde a mulher teria os seus direitos não apenas reconhecidos, mas ampliados.

Para o bem e a felicidade da humanidade, a voz feminina tem ecoado forte, longe, e gerado transformações estruturais em toda a sociedade. De formas diretas e indiretas, a ousadia e o pioneirismo em diversas frentes repercutem a experiência, a força e a criatividade de mulheres que, dentro e à frente do seu tempo, percorrem os dias transformando o mundo. A soma do esforço de diversas trajetórias individuais, de homens e de mulheres, de visionários, que colaboraram para fazer avançar direitos e debates de interesse comum a toda a sociedade brasileira vem, ao longo destes anos, lapidando uma nova sociedade, onde a evolução é positiva.

Antonieta de Barros, igualmente a outras personalidades de Santa Catarina, tem sua histórica e memorável trajetória pouco difundida, infelizmente. O reconhecimento coloca em relevo as características, as competências, as habilidades e os talentos da pessoa, indo além da homenagem – destacando as boas práticas, os bons exemplos, as lutas sociais em favor do coletivo. A etimologia da palavra reconhecer tem origem no latim *recognoscere*, que significa tomar conhecimento, trazer à mente de novo, certificar. Esta obra cumpre, assim, o objetivo de tornar a história de Antonieta mais conhecida, remontando algumas de suas passagens e contextualizando a importância do seu olhar crítico para o cenário nacional.

Na epígrafe deste meu texto eu citei Eliot – O tempo. Na contemporaneidade, nos deparamos com uma encruzilhada onde as escolhas serão decisivas, neste momento que é o mais longo período democrático desde a queda da monarquia. Aqueles tempos passados foram momentos fundadores da nação; agora é a chance de lançar as bases para o futuro, ou viveremos o risco das incertezas.

Há de se ter liderança, para manter este processo de aprimoramento constante, pois nada funciona sem uma liderança disposta a mudar a realidade. Espero que esta obra alcance os jovens, líderes do hoje, ensinando que os atos de um passado distante influenciam a vida hoje. E é agora que se faz o futuro, sendo que uma parte dele já está determinada pelas escolhas que fizemos no passado. Portanto, a caminhada será muito mais leve do que a de Antonieta de Barros.



### **Profª Luciane Carminatti**

Deputada estadual (PT)  
Presidente da Comissão de Educação,  
Cultura e Desporto da Alesc

#### **Ideias de uma mulher ímpar, dos jornais antigos para o mundo!**

*“O momento que passa é de aprendizado e aprendizado intenso, para todos quantos entendem a vida, com uma finalidade útil que foge a um simples passar. Na verdade, todo aquele que se der ao trabalho de avançar, observando, olhando e procurando ver a paisagem psicológica que dá colorido à vida, sentirá, como nós, a riqueza de ensinamentos com que nos presenteia o momento que vivemos. Não somos dos que descreem do Bem, só porque, momentaneamente, o Mal o ofuscou, nem afirmaremos a inexistência do sol se uma nuvem o escondeu. (...) A nossa profissão fez-nos idealistas. Assim, lutamos e esperamos.” (pág. 95)*

E pensar que agora essas ideias poderão ganhar o mundo! Ainda busco a palavra certa para descrever tamanha satisfação em participar da publicação desses escritos da Antonieta de Barros, até então restritos às páginas de jornais de quase oito décadas atrás. Tornar realidade essa obra póstuma é mais um gesto da Assembleia Legislativa de Santa Catarina e da sociedade catarinense para fazer jus à notoriedade desta mulher ímpar.

Mulher, negra, professora, jornalista, política, primeira mulher eleita deputada em SC e primeira mulher negra eleita deputada no Brasil. Órfã de pai e filha de uma escravizada liberta, Antonieta aprendeu a ler e escrever na pensão para estudantes que a mãe improvisou em casa para sobreviver. Conseguiu se formar professora, fundou um curso de alfabetização na própria casa, uma revista semanal e escreveu um livro, o Farrapos de Ideias, que assinou com o pseudônimo de Maria da Ilha.

O Brasil em que Antonieta fez tudo isso era um país em que mulheres não podiam sequer votar, o que revela ainda mais a coragem e a luta desta mulher negra que fez história no Brasil e na política nacional. É duro constatar que, na Santa Catarina de 2021, as três causas da vida e luta de Antonieta, mesmo

com avanços, permanecem ainda a serem alcançadas: educação para todos, valorização das vidas pretas e emancipação da mulher.

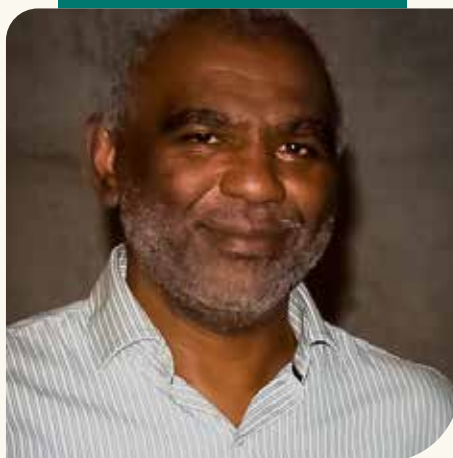
Por isso, como estamos fazendo com esta publicação, é imperativo promover a sua existência e suas ideias, todos nós que ansiamos por equidade racial e de gênero, por liberdade de expressão e por educação de qualidade como meio de mudar e melhorar as nossas realidades.

Como colega de profissão, vejo na atuação da educadora Antonieta incontáveis lições para os desafios atuais que a Educação de Santa Catarina enfrenta e valorizo, de modo especial, a defesa pela valorização dos professores, que os leitores encontrarão em diversas páginas deste livro.

Ao longo da minha trajetória como deputada estadual, tenho honrado o compromisso que assumi com a memória da Antonieta de Barros: em meus mandatos, na coordenação da Bancada Feminina e na presidência da Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Alesc. Sobre a minha existência social como mulher e deputada, não é demais dizer que “eu sou” porque “ela foi” antes de mim. Por isso, sou autora da Lei Estadual 18.226/21, que inclui a história de mulheres como Antonieta de Barros no conteúdo das escolas públicas e privadas de Santa Catarina. E, também, fui a autora da emenda que garantiu ao antigo prédio da escola que leva seu nome, no centro da Capital, vir a se tornar o Centro de Memória e Cultura Negra de Santa Catarina, quando for, enfim, reformado.

Conto ainda uma experiência pessoal marcante que vivenciei no carnaval de 2019, em Florianópolis, terra da Antonieta: atravessei a passarela Nego Quirido cantando o samba-enredo da Consulado, no qual a grande homenageada foi ela. A pele arrepiou ao entoar “Anda, vai juntar os farrapos, ensinar aos sem-trapos conquistar seus direitos!” Não foi apenas um samba-enredo cantado na avenida. Foi um compromisso reafirmado com aquela que muito me inspira e muito nos orgulha.

Hoje, ao trazer presente nossa grande Antonieta de Barros e suas ideias progressistas e emancipadoras, nunca reunidas em um livro até então, acredito que este gesto, que também é político, dá conta de renovar em nós muitas esperanças da Santa Catarina que almejamos. A leitura de cada linha, de cada página, é surpreendente e reveladora, a reforçar o potencial de cada uma, de cada um de nós. É também inspiradora e motivadora de novos protagonismos na sociedade atual. De modo especial, destaca a potência das mulheres negras e a necessidade de valorizarmos e promovermos os movimentos negros, defensores de uma cultura cuja preciosidade a vida de Antonieta nos revela. Seu primeiro e único livro publicado em vida é uma reunião de artigos semanais e crônicas ligeiras, como ela mesmo descreveu, dos tempos de 1937. Da obra da Maria da Ilha a esta obra que agora chega às suas mãos, mais de oito décadas depois, seguimos dando continuidade à trajetória de Antonieta de Barros e mantendo viva a sua existência! Boa leitura! Viva Antonieta!



### **Flávio Luís Soares de Barros**

Por ocasião dos cento e vinte anos de nascimento e setenta anos de morte de Antonieta de Barros, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina e o Conselho Estadual de Educação do Estado trazem a público uma coletânea com cinquenta textos dessa catarinense ilustre.

Cidadã do mundo, Antonieta, com os pés fincados em Florianópolis, acompanhou com atenção os temas que preocupavam a humanidade. Guerra, paz, condição da mulher, educação e questões sociais são a base sobre a qual, com uma linguagem direta, clara e que merece mais estudos, elabora seu pensamento, extremamente moderno, sem nunca se esquecer da realidade e dos problemas locais.

Em seus textos, também temas fundamentais, como a própria vida e os sentimentos, são abordados com um olhar analítico, de quem deseja sinceramente encontrar, se não respostas, pelo menos uma maneira de se situar na História.

Para Antonieta, a educação era mais que um caminho para a superação da miséria. Era uma “escalada deslumbradora”: processo e propósito. Um ideal humanista, de extrema generosidade, voltado para o enfrentamento dos problemas de sua época, que, infelizmente, até hoje não conseguimos resolver.

Era uma lutadora, que questionava o papel atribuído à mulher e que rompeu barreiras. Tenhamos certeza. Não foi fácil. Talvez, outros milhares de Antonietas tenham desistido no meio do caminho. Outros milhares de Antonietas surgem a cada dia, para mostrar, como diz o samba enredo da Consulado em 2020, que o povo também tem poder. É nossa função, enquanto formadores, permitir que esses espíritos irrequietos floresçam.

A leitura das crônicas aqui reunidas, no contexto em que vivemos hoje, assim como eventos que todos conhecemos, me fazem pensar em Chimamanda Adichie: como somos vulneráveis em nossa relação com a História. O trabalho de resgate histórico empreendido pela professora Jeruse Romão, em livro publicado recentemente, e por Flávia Person, que, com base em material de arquivo, produziu um documentário emocionante sobre Antonieta, são fundamentais para conhecermos melhor Santa Catarina, o Brasil e o mundo em que vivemos.

Se, por um lado, é preciso, sempre, lembrarmos do exemplo da deputada que não baixou a cabeça quando provocada, as perguntas que ecoam são, quase sempre, as mesmas: onde estão as pessoas negras? Onde estão suas famílias? Onde está a família de Antonieta?

A mãe de Antonieta e Leonor, Catarina, teve, segundo consta, seis filhos. Deles, apenas Cristalino e Maria tiveram filhos. Entre os descendentes de Maria, cito Edilmari, que hoje reside no Paraná, e Diógenes, que mora em Brasília. Cristalino, por sua vez, teve dois filhos, Cristalino de Barros, pai de Cristalino José e de Antonieta, residentes em São Paulo, e Antônio Carlos, pai de Norma e meu pai. Essa é minha família, essa é minha história.

A distância impediu que os contatos fossem mais frequentes entre esse ramo da família e os descendentes de Maria. Eu me lembro com clareza dos relatos sobre os primos de Santa Catarina, que meu pai fazia de tempos em tempos, citando os camarões e a vida nas proximidades do mar. Em 1973, meu pai e meu tio estiveram em Florianópolis, para o enterro de Leonor.

Recordo, novamente, o perigo da história única, citado por Adichie: muitas vezes, há um apagamento da história das famílias negras e das relações familiares. Além, claro, do questionamento necessário sobre a participação de pessoas negras nos espaços de poder.

Os relatos sobre Antonieta, quase sempre, a trazem como mulher solitária. Como bem mostra a pesquisadora Jeruse Romão, em seu estudo alentado, a família era importante para a educadora e para Leonor. Mas pouco se fala sobre essa família e descendentes, que, no entanto, carregam bem vivo o legado dessa família de mulheres fortes, dedicadas.

As crônicas deste livro podem ser lidas tendo essa indagação em mente. Ao falar sobre a vida, sentimentos, política ou espiritualidade, acredito ser interessante pensar no espaço que a condição de pessoa negra ocupava no pensamento de Antonieta.

Em 2001, a deputada Ideli Salvatti requereu a realização de uma sessão solene na Alesc, para comemorar o centenário de Antonieta. Na ocasião, lembrou de algumas realizações de Antonieta: a defesa do concurso público, afastando as interferências políticas nas remoções de professores, por exemplo. Em sua fala, Ideli Salvatti relembra uma foto em que se vê Antonieta, chamada de “séria” e “rigorosa” pelos que a conheceram, rindo, abertamente. No verso da foto, está escrito: “São mentirosos os que dizem que sou triste.”

Como se diz, é necessária toda uma vila (ou cidade) para educar uma criança. A educação, que se faz com seriedade e rigor, mas também com alegria no olhar. Talvez seja essa a mensagem de Antonieta para o século 21, educar com seriedade e alegria. Para a cidade e pela cidade. Para um mundo melhor. Um provérbio sudanês diz: queremos deixar duas coisas para nossos filhos: raízes e asas. Catarina, Antonieta e Leonor nos deram raízes e, a cada retorno a elas, nos dão asas.

Beijos, tia Negrinha.

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	5
Prefácio - Mauro de Nadal - Presidente da ALESC .....	8
Prefácio - Osvaldir Ramos - Presidente do CEE.....	10
Prefácio - Luciane Carminatti - Presidente da Comissão Educação .....	12
Prefácio – Flávio Luís Soares de Barros.....	14

## **CAPÍTULO: “Antonieta de Barros - Perfil Biográfico”**

Perfil Biográfico.....	21
------------------------	----

## **CAPÍTULO: “Primeira crônica”**

Folha Acadêmica (01/08/1929) .....	27
------------------------------------	----

## **CAPÍTULO: “Vida”**

Folha Acadêmica (16/10/1929) .....	31
República (15/11/1931).....	33
República (29/01/1933).....	35
República (24/09/1933).....	37
República (15/04/1934).....	39
República (06/05/1934).....	41

## **CAPÍTULO: “Comportamento e sentimento humano”**

República (19/02/1933).....	45
República (12/03/1933).....	47
República (26/03/1933).....	49
República (23/04/1933).....	51
República (06/08/1933).....	53
República (13/08/1933).....	55
República (08/06/1934).....	57
República (01/07/1934).....	59
República (29/07/1934).....	61
O Idealista (01/08/1945) .....	63
O Idealista (01/06/1946) .....	65
O Estado (27/05/1951).....	67
O Estado (22/07/1951).....	69

## **CAPÍTULO: “Mulher”**

República (16/04/1933).....	73
República (03/09/1933).....	75
República (15/01/1933).....	77





### CAPÍTULO: “Educação e Magistério”

República (14/05/1933).....	81
República (28/05/1933).....	83
República (17/09/1933).....	85
República (05/11/1933).....	87
O Idealista (01/06/1947) .....	89
O Estado (08/04/1951).....	91
O Estado (22/04/1951).....	93
O Estado (20/05/1951).....	95

### CAPÍTULO: “Política e Governo”

República (24/10/1931).....	99
O Estado (15/04/1951).....	101
O Estado (29/04/1951).....	103
O Estado (06/05/1951).....	105
O Estado (03/06/1951).....	107
O Estado (17/06/1951).....	109
O Estado (13/01/1952).....	111
O Estado (20/01/1952).....	113
O Estado (17/02/1952).....	115

### CAPÍTULO: “Cidade, cotidiano, jornalismo”

República (01/10/1933).....	119
República (24/06/1934).....	121
O Idealista (01/06/1945) .....	123
O Estado (13/03/1951).....	125
O Estado (24/06/1951).....	127

### CAPÍTULO: “Espiritualidade, fé”

Folha Acadêmica (01/07/1930) .....	131
República (01/11/1931).....	133
República (27/08/1933).....	135
República (24/12/1933).....	137

### CAPÍTULO: “Crônica póstuma”

O Estado (30/03/1952).....	141
Epílogo - Professor Felipe Felisbino .....	144
Considerações bibliográficas .....	147



# *Antonieta de Barros*

*Perfil biográfico*



## Perfil biográfico

Antonieta de Barros nasceu em 11 de julho de 1901, em Florianópolis, capital de Santa Catarina, na rua Arcipreste Paiva, número 15, esquina com a Vidal Ramos. A mãe de Antonieta de Barros, dona Catarina de Barros, tinha seis filhos: Antonieta de Barros, Leonor de Barros, Cristalino, Manoel, Bermino e Maria do Nascimento.

O pai de Antonieta de Barros, segundo consta em escritos sobre ela, era Rodolfo de Barros, entretanto, na certidão de nascimento não consta o nome do pai, nem dos avós paternos.

Dona Catarina de Barros era escravizada liberta e trabalhou como doméstica e lavadeira na casa do político Vidal Ramos, pai de Nereu Ramos, ambos influentes no estado e no país. Catarina sempre considerou a educação a herança mais cara que deixaria para as meninas Antonieta e Leonor, as duas que passou a criar sozinha, após vir para Florianópolis. Acabou formando duas professoras.

Aos cinco anos de idade, Antonieta de Barros teve aulas particulares com a professora Maria Meira Lima e, mais tarde, com 7 anos, foi matriculada no Grupo Escolar Lauro Muller, para cursar as séries iniciais. Aos 17 anos ingressou na Escola Normal Catarinense, atual Instituto Estadual de Educação, onde realizou o curso equivalente ao Ensino Médio. Graças ao esforço da mãe, ela e a irmã Leonor concluíram o que então era conhecido como «Curso Normal», que formava professoras. Antonieta diplomou-se em 1921.

Depois de concluir os estudos na Escola Normal, uma das alternativas encontradas por Antonieta e sua família para garantir a sobrevivência foi transformar sua casa, que localizava-se na rua Fernando Machado, no Centro, em uma pequena escola particular, denominada Curso Particular Antonieta de Barros, que recebia crianças em período de alfabetização, bem como adultos para cursos preparatórios. O projeto contou com a ajuda de sua irmã Leonor de Barros e manteve-se ativo entre os anos de 1922 e 1965.

Em Florianópolis, lecionou na Escola Normal Catarinense (português e literatura), no Colégio Coração de Jesus e no Colégio Dias Velho, neste último foi diretora de 1937 a 1945. Foi professora do atual Instituto Estadual de Educação, entre 1933 e 1951, e diretora de 1944 a 1951, nomeada por Nereu Ramos, quando se aposentou, mas continuou ensinando até o fim de sua vida.

Além do ofício de professora, Antonieta procurou fazer parte de movimentos e de associações onde sua voz e suas ideias passaram a ser ouvidas. Desde os tempos de estudante, com os grêmios estudantis e, mais tarde, em outros grupos na Igreja ou entidades como a Liga do Magistério, a Sociedade de Letras Catharinenses, o Centro Catharinense de Letras, entre outras.

Antonieta de Barros iniciou sua carreira jornalística em 1929, no jornal Folha Acadêmica, sob a epígrafe “Farrapos de Ideias”, assinando com o pseudônimo “Maria da Ilha”. Por este tempo, consta que também escreveu para o jornal A Semana, onde era editora, o que não há confirmação. Em junho de 1931, Nereu Ramos passou a dirigir o jornal República e convidou Antonieta de Barros para escrever em seu jornal. Ela passou a escrever, semanalmente, crônicas com a mesma epígrafe “Farrapos de Ideias”. Por volta de 1930 também escreveu para o periódico Vida Ilhoa, em Florianópolis.

As crônicas de Maria da Ilha foram publicadas também nos jornais A Pátria (1931-1935), Folha Acadêmica

(1931), Correio do Estado (1934), Dia e Noite (1937-1938), O Idealista (1945-1947) e O Estado (1934-1952), entre outros.

Os escritos publicados no jornal República (1929-1937), principalmente no caderno dominical, tinham grande repercussão e os mais importantes foram reunidos no único livro lançado por Antonieta de Barros, intitulado “Farrapos de Ideias”, em 1937, também sob o pseudônimo de Maria da Ilha.

Mesmo com apenas um livro, Antonieta de Barros deixou uma considerável produção escrita. Sempre optou pela imprensa como forma de atingir um número cada vez maior de leitores e em sua obra há aspectos da vida cotidiana da cidade, comentários sobre ocorrências nacionais e, principalmente, ensinamentos de cunho moral. Devota e inspirada nos preceitos cristãos, a Maria da Ilha era autora preocupada com o pacifismo, com a necessidade da alfabetização, com as diferenças sociais e com os papéis de homens e mulheres na política e na vida. Chegou, por sua importância no meio, a fazer parte do Conselho Deliberativo da Associação Catarinense de Imprensa, a partir de 1938.

Lida e discutida por seus escritos, admirada pela eloquência com que defendia suas ideias, no início da década de 1930 passou a defender uma participação política mais efetiva. Há registros de que nessa época trocava correspondência com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), onde se relacionou com Bertha Lutz, ativista pelo direito do voto feminino.

A liderança de Antonieta na constante defesa de causas que começavam a fervilhar nos anos 1930 chamaram a atenção de políticos experientes da época. Nereu Ramos, que já tinha ligações com a família de Antonieta, preservando sempre a amizade desde os tempos em que sua mãe trabalhou na casa da família, incentivou-a a filiar-se ao Partido Liberal, do qual era um dos líderes no estado.

Era 1934, a primeira eleição em que as mulheres brasileiras puderam votar e serem votadas para o Executivo e Legis-

lativo, Antonieta concorreu para uma das vagas de Deputado à Assembleia Legislativa catarinense. Ficou com a primeira suplência do Partido Liberal Catarinense (PLC). Como Leônidas Coelho de Souza, deputado eleito, não tomou posse, Antonieta foi convocada, assumindo o mandato à sua primeira legislatura (1935-1937).

Foi constituinte em 1935 e relatora dos capítulos de educação, de cultura e de funcionalismo. Em 19 de julho de 1937 presidiu a sessão da Assembleia Legislativa, sendo a primeira mulher no Brasil a assumir a presidência de um ente legislativo estadual. Era deputada atuante, propondo sempre projetos de lei, menções e diretrizes para a carreira do magistério catarinense, conseguindo aprová-los e pô-los em prática, enquanto fazia parte do governo e dele recebia apoio.

Após a queda do Estado Novo e o início da redemocratização do país, em 1945, outra vez Antonieta de Barros disputou o cargo de Deputada Estadual, concorrendo à Assembleia Legislativa catarinense, agora pelo Partido Social Democrático (PSD). Recebeu 2.092 votos, ficando na segunda suplência do partido. Em junho de 1948 assumiu durante afastamento do deputado José Boabaid - novamente a única mulher no Parlamento Estadual. É de sua autoria a lei que instituiu o Dia do Professor (15 de outubro) e o feriado escolar (Lei Nº 145, de 12 de outubro de 1948).

Quando Antonieta faleceu, em 28 de março de 1952, no Hospital de Caridade de Florianópolis, por complicações advindas do diabetes, estava em um dos mais produtivos e críticos momentos da sua vida. Aposentada, publicava seus artigos regularmente no jornal O Estado, com textos mais engajados, que denunciavam problemas de corrupção, desrespeito às leis e perseguição política por parte do governo do estado, do qual agora era opositora. Mesmo tendo sido deputada e trabalhado como professora, diretora de escola e jornalista até quase o fim da vida, Antonieta morreu quase sem posses e sem ter deixado nenhum descendente direto. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São Francisco de Assis, em Florianópolis.

Antonieta teve, no entanto, sobrinhos, filhos dos irmãos Cristalino e Maria. Sobrinhos-netos e sobrinhos-bisnetos de Antonieta de Barros hoje vivem no Paraná, Brasília e São Paulo.

Por sua trajetória é comum vermos seu nome associado a iniciativas ligadas à educação e a outras causas importantes. Em sua homenagem foi criada a “Medalha do Mérito Antonieta de Barros” pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina, que é outorgada às pessoas físicas e jurídicas que realizaram relevantes trabalhos ou que se destacaram na defesa dos direitos das mulheres. A Câmara Municipal de Florianópolis tem iniciativa parecida, assim como outros órgãos pelo estado, mantendo viva a memória dessa grande catarinense, nominando espaços, obras, programas e iniciativas em sua homenagem.

*“O instrumento básico da vida é a instrução. Se educar é aprender a viver, é aprender a pensar. E nessa vida, não se enganem, só vive plenamente, o ser que pensa. Os outros se movem, tão somente.”*

*Antonieta de Barros*



*Primeira  
crônica*

# Farrapos de ideias

«A multidão é, sempre, um ser acéfalo.

Age, levada pela onda de entusiasmo, ou de ódio, de alegria, cujo movimento tem principio numa voz que, sempre, encontra eco.

É essa voz actúa, reperente e se transmite e domina a multidão, como se cada individuo fosse o elo duma grande cadeia, junto da qual houvesse passado uma scintilha.

Todo sentimento humano, quando transmitido ao povo, com a voz do coração, invade-lhe a alma, como vento em casa de janelas escancaradas.

Reunidos pela curiosidade, os homens se agitam ao sabor das falas dos que vibram por um sentimento qualquer, e se tornam água dum mesmo mar, raios oriundos de um só foco, iluminando ou destruindo, segundo as vibrações do foco, donde emanam.

É essas falas electrizantes, possuidas dum entusiasmo gritante e comunicativo, arrastam a massa e fazem-na espôucar em gargalhadas ou em vaías, bater palmas ou atirar pedradas.

E cada um desses homens, capaz de se tornar incendiário, capaz dos maiores absurdos é, isolado, um ser pacato que teme, as mais das vezes, um gesto desabrido, uma palavra menos polida.

Ninguém resiste ao horrivel contágio das multidões.

E, por isto, tão somente por isto, não se lhe pode crer nem no ódio que lhe arma o braço, nem na alegria que rebenta em palmas e chuva de flores.

Epolis.

María da Iha



*“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
FOLHA ACADEMICA  
(Órgão Oficial do Grêmio Cultural  
“Antonieta de Barros” do Instituto  
de Educação de Florianópolis)  
Ano I – Nº 03  
01 de agosto de 1929*

*FOLHA ACADÊMICA, 01 de agosto de 1929*

“A multidão é, sempre, um ser acéfalo<sup>1</sup>.

Age, levada pela onda de entusiasmo, ou de ódio, de alegria, cujo movimento tem princípio numa voz que, sempre, encontra eco.

E essa voz atua, referente e se transmite e domina a multidão, como se cada indivíduo fosse o elo duma grande cadeia, junto da qual houvesse passado uma centelha.

Todo sentimento humano, quando transmitido ao povo, com a voz do coração, invade-lhe a alma, como vento em casa de janelas escancaradas.

Reunidos pela curiosidade, os homens se agitam ao sabor das falas dos que vibram por um sentimento qualquer, e se tornam água dum mesmo mar, raios oriundos de um só foco, iluminando ou destruindo, segundo as vibrações do foco, donde emanam.

E essas falas eletrizantes, possuídas dum entusiasmo gritante e comunicativo, arrastam a massa e fazem-na espocar<sup>2</sup> em gargalhadas ou em vaías, bater palmas ou atirar pedradas.

E cada um desses homens, capaz de se tornar incendiário, capaz dos maiores absurdos é, isolado, um ser pacato que teme, as mais das vezes, um gesto desabrido<sup>3</sup>, uma palavra menos polida.

Ninguém resiste ao horrível contágio das multidões.

E, por isso, tão somente por isso, não se lhe pode crer nem no ódio que lhe arma o braço, nem na alegria que rebenta em palmas e chuva de flores.”



1 - Sem cérebro, sem pensamentos.

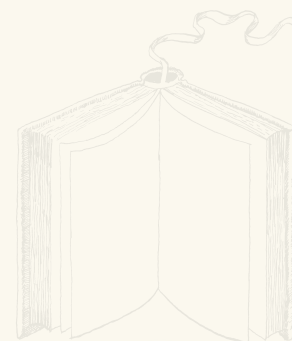
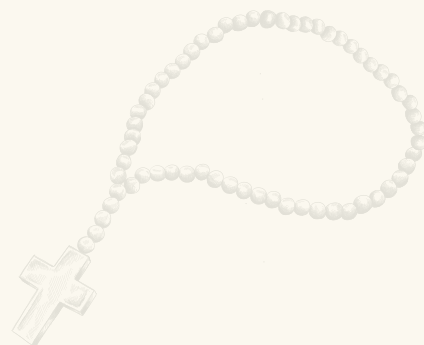
2 - Estourar, emitir barulho.

3 - Agressivo, atrevido.





# Vida



# FARRAPOS DE IDEIAS

(Especial para a "Folha Acadêmica").

A vida, cadeia de ilusões que preenche todo o desejo do menos ambicioso coração.

E, porque todo homem assim a quer, a ela se agarra com ânsia infinita, com vontade firme de alcançar o rosário de ilusões múltiplas que a entretecem, e lhe anestesia a alma, e alcatifam a estrada íngreme e dificultosa.

Ilusão vem! Ilusão vai!...

E, entre elas, o rápido e fugitivo instante de um desencanto que o poder fascinante de outros sonhos abafa, sufoca, mata.

E o coração humano, ávido de mais vida, encontra, nesta herceuse, todo o encanto e a razão de viver....

Mas, se, imprevidente, ou num movimento involuntário, mesmo, olha, por alguns momentos, o que já passou, há de, com tristeza, sentir e notar, como o poeta:

E' um cemitério a estrada, a custo, percorrida:  
Jazem nele ilusões e sonhos do Passado.

O cadaver do Ideal que se buscou na Vida!

Fpolis., 929 outubro.

Maria da Ilha



*"Crônica farrapos de ideias"  
crônica publicada em  
FOLHA ACADÊMICA  
(Orgão do centro academico  
Dr. José Boiteux)  
Ano I - Nº 05  
16 de outubro de 1929*

*FOLHA ACADÊMICA, 16 de outubro de 1929*

A vida, cadeia de ilusões que preenche todo o desejo do menos ambicioso coração.

E, porque todo homem assim a quer, a ela se agarra com ânsia infinita, com vontade firme de alcançar o rosário de ilusões múltiplas que a entretecem, e lhe anestesiavam a alma, e alcatifam<sup>1</sup> a estrada íngreme e dificultosa.

Ilusão vem! Ilusão vai! ...

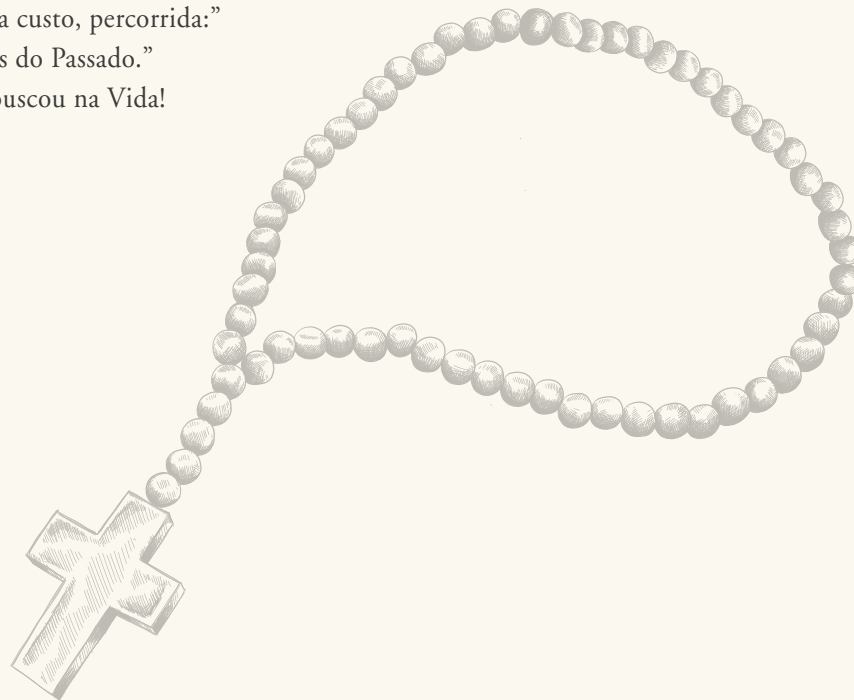
E, entre elas, o rápido e fugitivo instante de um desencanto que o poder fascinante de outros sonhos abafa, sufoca, mata.

E o coração humano, ávido de mais vida, encontra, nesta “berceuse<sup>2</sup>”, todo o encanto e a razão de viver... Mas, se, imprevidente, ou num movimento involuntário, mesmo, olha, por alguns momentos, o que já passou, há de, com tristeza, sentir e notar, como o poeta:

“É um cemitério a estrada, a custo, percorrida:”

“Jazem nele ilusões e sonhos do Passado.”

O cadáver do Ideal que se buscou na Vida!



1 - Tapar, cobrir com tapetes.

2 - Um tipo de canção de ninar.



*“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano I- Nº 321  
15 de novembro de 1931*

## Farrapos de ideias

A' margem da vida, que é luta, trabalho, conquista, existem os indiferentes.

Vencidos? Não. Desencantados.

As terríveis soalheiras dos desenganos emmurcheceram-lhes, orestaram-lhes os sonhos; os desejos de conquista foram destruídos pela inexplicável força do Desconhecido.

Com o tempo, na sua marcha veloz, passam os sorrisos escarninhos da existencia, transformada, aos poucos, num infinito de ilusões em farrapos.

E a alma, insensivelmente, como que amedrontada, entrincheirou-se nesta barreira de desencantos, fechando-se aos anelos que agitam os homens e lhes dão a única razão de ser da vida.

\* \*

Os desencantados... Farrapos de seres, abandonados, voluntariamente, aos solavancos da sorte...

Falta-lhes o quid divino, existente em cada individuo, para a criação dos soberbos mundos interiores, para a arquitetura maravilhosa dos castelos no ar, donde, muita vez, surgem as grandes realizações.

E indiferentes, ficam á margem da vida, que é luta, trabalho, conquista.

**María da Ilha**



*REPÚBLICA, 15 de novembro de 1931*

À margem da vida, que é luta, trabalho, conquista, existem os indiferentes.  
Vencidos? Não. Desencantados.

As terríveis soalheiras<sup>1</sup> dos desenganos murcharam-lhes, crestaram<sup>2</sup>-lhes os sonhos; os desejos de conquista foram destruídos pela inexplicável força do Desconhecido.

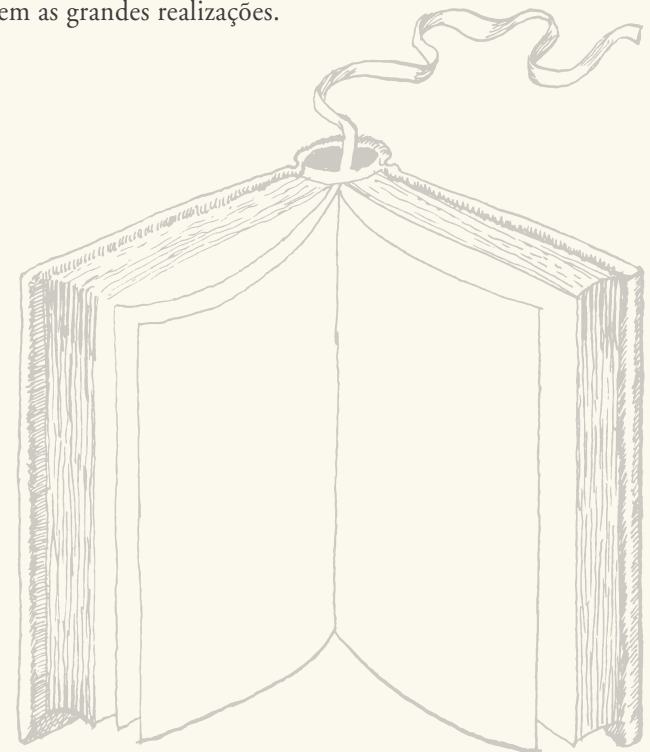
Com o tempo, na sua marcha veloz, passam os sorrisos escarninhos da existência, transformada, aos poucos, num infinito de ilusões em farrapos.

E a alma, insensivelmente, como que amedrontada, entrincheirou-se nesta barreira de desencantos, fechando-se aos anelos<sup>3</sup> que agitam os homens e lhes dão a única razão de ser da vida.

Os desencantados... Farrapos de seres, abandonados, voluntariamente, aos solavancos da sorte...

Falta-lhes o quid<sup>4</sup> divino, existente em cada individuo, para a criação dos soberbos mundos interiores, para a arquitetura maravilhosa dos castelos no ar, donde, muita vez, surgem as grandes realizações.

E indiferentes, ficam à margem da vida, que é luta, trabalho, conquista.



1 - A hora em que o calor do sol é mais intenso.

2 - Queimaram.

3 - Aspiraões, desejos intensos.

4 - Do latim, o mesmo que "quê". Refere-se também ao ponto mais importante de uma questão.

# Farrapos de ideias

O grande trapezio. A Humanidade e os seus recursos do circo. A pantomima. O salto mortal.

A humanidade é artista e artista de circo.

E, no entanto, muita gente pensa que não tem dotes artisticos.

Todos nós, voluntariamente ou não, somos ginastas, vivemos a tentar equilibrio no grand trapezio, o trapezio da vida.

E, para se firmar, a Humanidade não olha meios.

Lança mão de todos os seus recursos de artista de quasi dois séculos de circo.

Que importam os meios?

O necessario é que cada um se firme no trapezio obrigatório e consiga arrancar palmas dos assistentes.

A vida é assim, e a Humanidade se revela inteligente, procurando nela integralizar-se.

Cada artista esquece os demais, lembrando-se, tão sómente, de si, de que é preciso vencer e de que a estabilidade, é difficil de alcançar-se, devido à concorrência.

Oh! a concorrência! Ela é a causa mater do aparecimento de todos os truques, creados

e multiplicados pela imaginação ardilosa das creaturas..

Acabaram-se, hoje, nos circos de brinquedo, os pequeninos circos, feitos á imagem da vida, as pantominas.

A civilização que tudo destrói, que tudo mata, acabou com as pantominas.

Depois do palhaço, o drama.

Cá, no circo de verdade, continúa a existir a pantomima.

A Humanidade é conservadora; não se pode negar.

Drama? Para que? A pantomima é mais humana, mais acessivel.

Toda gente, nela, é artista consumado.

E os que assistem, batem palmas, com vontade, com entusiasmo.

E, se pudessem, bisavam.

Mas, em geral, quando a isso se dispõem, um impulso contrário á vontade do artista, fá-lo dar o celeberrimo e indesejavel salto mortal, obrigando o a penetrar no Desconhecido, onde acordará ou não acordará.

Maria da Ilha

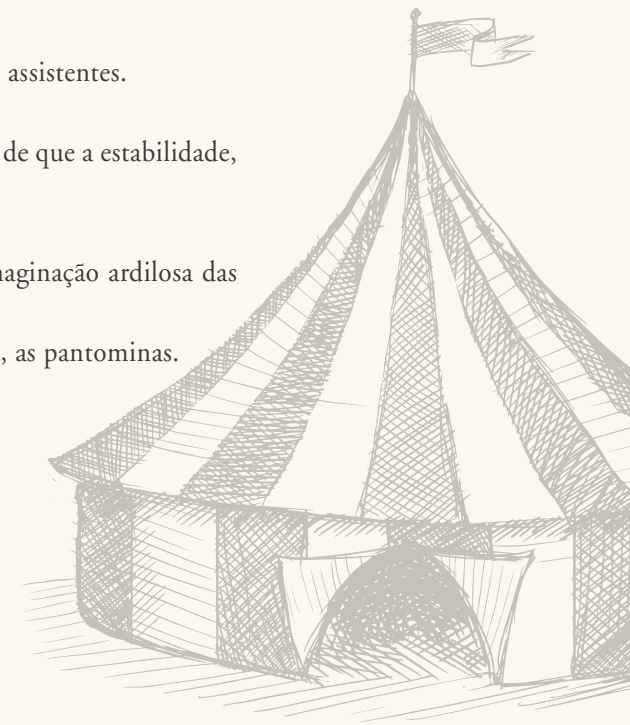


“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II- Nº 723  
12 de março de 1933



*REPÚBLICA, 12 de março de 1933*

O grande trapézio. A Humanidade e os seus recursos de circo. A pantomima<sup>1</sup>. O salto mortal.  
A humanidade é artista e artista de circo.  
E, no entanto, muita gente pensa que não tem dotes artísticos.  
Todos nós, voluntariamente ou não, somos ginastas, vivemos a tentar equilíbrio no grande trapézio da vida.  
E, para se firmar, a Humanidade não olha meios.  
Lança mão de todos os seus recursos de artista de quase dois séculos de circo.  
Que importam os meios?  
O necessário é que cada um se firme no trapézio obrigatório e consiga arrancar palmas dos assistentes.  
A vida é assim, e a Humanidade se revela inteligente, procurando nela integralizar-se.  
Cada artista esquece os demais, lembrando-se, tão somente, de si, de que é preciso vencer e de que a estabilidade, é difícil de alcançar-se, devido à concorrência.  
Oh! A concorrência!  
Ela é a causa mater do aparecimento de todos os truques, criados e multiplicados pela imaginação ardilosa das criaturas.  
Acabaram-se, hoje, nos circos de brinquedo, os pequeninos circos, feitos à imagem da vida, as pantominas.  
A civilização que tudo destrói, que tudo mata, acabou com as pantominas.  
Depois do palhaço, o drama.  
Cá, no circo de verdade, continua a existir pantomina.  
A Humanidade é conservadora; não se pode negar.  
Drama? Para quê?  
A pantomima é mais humana, mais acessível.  
Toda gente, nela, é artista consumado.  
E os que assistem, batem palmas, com vontade, com entusiasmo.  
E, se pudessem, bisavam.  
Mas, em geral, quando a isso se dispõem, um impulso contrário à vontade do artista, fá-lo dar o celeberrimo e indesejável salto mortal, obrigando-o a penetrar no Desconhecido, onde acordará ou não acordará.



1 - Estilo de teatro no qual se representa apenas com gestos.

O que o homem tem procurado, constantemente, não é, na realidade, nem a dor, nem o prazer, e, sim, a vida, simplesmente.

Oscar Wilde

Há, dentro da vida, uma poderosa força atrativa, de beleza irresistível, à qual os homens obedecem, sem o mínimo desgosto, num desejo, cada vez mais intenso de escravização, — é a própria vida.

Todo o infinito complexo de anseios que caracterizam a existência humana, toda a medonha luta em que se debatem as multidões, são sínteses expressivas da vontade de prolongar e conservar a vida, ainda a mais miserável.

A vida é a máxima preocupação e a máxima causa de sofrimento. Os seus efeitos são tão diversos que não podem ser julgados pelos seus interesses.

## FARRAPOS DE IDEIAS

À LILIA SILVEIRA,

Maria da Ilha

E, porque a causa é única e único esperam ver o efeito, há este acotovelamento asfíxiante, este entrecosto contínuo de egoísmos que obrigam os homens a se negarem as mãos.

Tudo aquilo que se consegue ver além dos gestos e das palavras, além dos sorrisos e das expressões, tudo o que em tristeza os sonhadores, é fruto do desejo de viver.

E o ódio, a inveja, a calúnia, o amor, todo o mal e todo o bem, tudo quanto avilta ou eleva as criaturas, não passa de máscaras com que esse anseio dominador se dissimula.

Os homens, infelizmente, em todas as épocas, em todos os meios, em todas as classes, idades e condições, vão olhar os meios por onde devem chegar ao seu objetivo.

E, porque cada um se sente escudado por um direito infinito de justiça, há, no ar, surda e invisível, intangível e poderosa, uma aterradora luta de sentimentos.

Falta aos indivíduos a noção básica da ciência da vida, que é o conhecimento do limite da sua própria individualidade, para que a sua ambição não

fira, nem prejudique a individualidade do próximo.

Todavia, o que se vê, é cada ser, tocado do desejo de viver, amando a si mesmo acima de todas as cousas.

E, dessa egolatria depressiva, surgem as dores de que se juncam todas as estradas, as lágrimas que marejam todos os olhos.

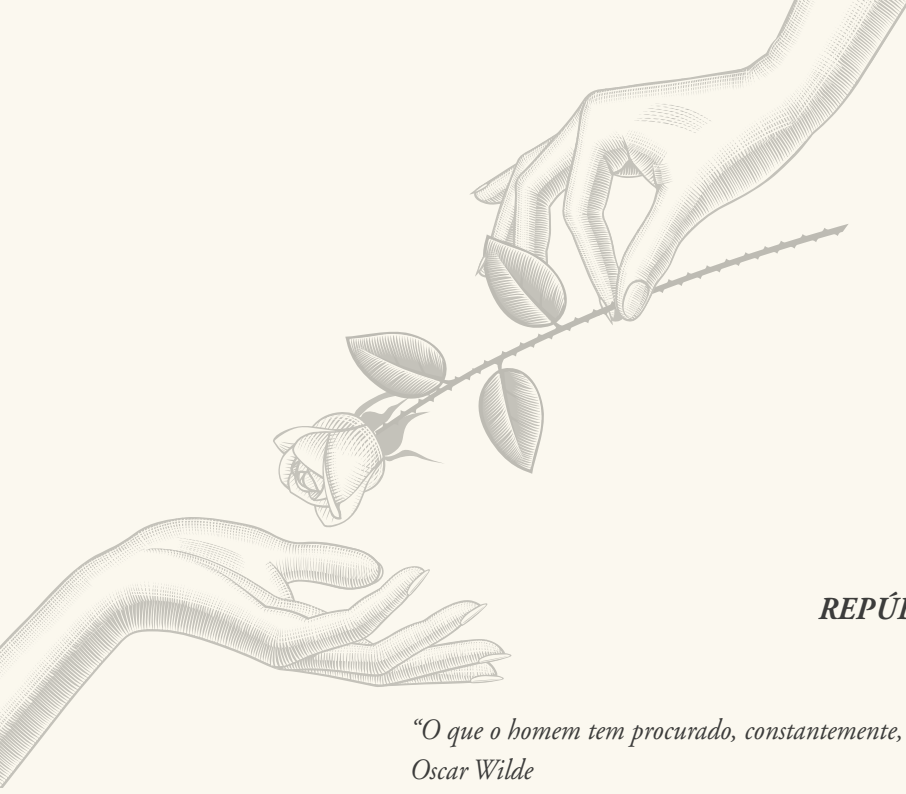
A humanidade tem os olhos fechados para os encantos, a alegria sutilíssima das infinitas possibilidades das conquistas interiores, em busca do aperfeiçoamento.

Só por meio dessas conquistas conseguiria transformar as atitudes exteriores, reflexo do coração.

E isto, simplesmente, porque, dentro da ilusão da vida, às criaturas só que importa, apenas, é viver.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II- Nº 972  
24 de setembro de 1933



*REPÚBLICA, 24 de setembro de 1933*

*“O que o homem tem procurado, constantemente, não é, na realidade, nem a dor, nem o prazer, e, sim, a vida, simplesmente.”*  
Oscar Wilde

Há, dentro da vida, uma poderosa força atrativa, de beleza irresistível, à qual os homens obedecem, sem o mínimo desgosto, num desejo cada vez mais intenso de escravização – a própria vida.

Todo o infinito complexo de anseios que caracterizam a existência humana, toda a medonha luta em que se debatem as multidões, são sínteses expressivas da vontade de prolongar e conservar a vida, ainda a mais miserável.

A vida é a máxima preocupação e a máxima causa de que os efeitos são tão diversos quantos podem ser as criaturas e os seus interesses.

E, porque a causa é única e único esperam ver o efeito, há este acotovelamento asfíxiante, este entrechoque contínuo de egoísmos que obrigam os homens a se negarem as mãos.

Tudo aquilo que se consegue ver além dos gestos e das palavras, além dos sorrisos e das expressões, tudo o que entristece os sonhadores, é fruto do desejo de viver.

E o ódio, a inveja, a calúnia, o amor, todo o mal e todo o bem, tudo quanto avilta ou eleva as criaturas, não passa de máscaras com que esse anseio dominador se dissimula.

Os homens, infelizmente, em todas as épocas, em todos os meios, em todas as classes, idades e condições, vão olhar os meios por onde devem chegar ao seu objetivo.

E, porque cada um se sente escudado por um direito infinito de justiça, há, no ar, surda e invisível, intangível e poderosa, uma aterradora luta de sentimentos.

Falta aos indivíduos a noção básica da ciência da vida, que é o conhecimento do limite da sua própria individualidade, para que a sua ambição não fira, nem prejudique a individualidade do próximo.

Todavia, o que se vê é cada ser, tocado do desejo de viver, amando a si mesmo acima de todas as coisas.

E, dessa egolatria<sup>1</sup> deprimente, surgem as dores de que se juncam<sup>2</sup> todas as estradas, as lágrimas que marejam todos os olhos.

A humanidade tem os olhos fechados para os encantos, a alegria sutilíssima das infinitas possibilidades das conquistas interiores, em busca do aperfeiçoamento.

Só por meio dessas conquistas conseguiria transformar as atitudes exteriores, reflexo do coração.

E isto, simplesmente, porque, dentro da ilusão da vida, às criaturas “o que importa, apenas, é viver”.

1 - Adoração a si mesmo.

2 - Ato de dispor juncos, um tipo de madeira, sobre as estradas. No contexto, material com que se pavimenta uma rua.



As conquistas, o progresso, tudo quanto procura fugir ao que a Rotina solidificou, sofre, agora e sempre, o ataque impiedoso das pedradas infelizes dos máus.

Dizemos máus, porque é maldade não querer convencer-se de que cada minuto marca um passo na evolução dos povos, e que, para todas as tarefas, se precisa de energias novas, de entusiasmo novo e de bondade infinita.

Viver é evoluir; é procurar ascender, realizando o máximo de harmonia entre as criaturas, de modo que haja pão para todas as bocas.

Cada um de nós tem a obrigação humana de ser operário do futuro.

É indigno de criatura superior deixar-se arrastar imbecilizada, no grande turbilhão.

E a evolução, essa marcha progressiva dos povos, não há barreiras que a possam vencer. Ela avança, indiferente aos ataques, sabe contornar as dificuldades e ventôlas, forte e impiedosa.

Debalde gritarão os conservadores. A humanidade não retrocede e os fatos não se modificam.

Há como que um determinismo superior e irreme-

## FARRAPOS — DE — IDÉIAS

diavel ao qual os homens obedecem, insensivelmente, fatalmente.

As grandes metamorfoses sociais, morais ou religiosas, sem saltos da natureza, não se operam, senão quando os povos delas necessitam ou estão aptos para nelas se integralizarem.

Cristo apareceu, justamente, no instante em que as massas, cansadas da barbárie e das iniquidades da História Antiga, necessitavam de novas forças, novos entusiasmos, para seguirem novos rumos, para alcançarem novas conquistas.

Assim, não é absurdo que tudo quanto satisfaz as criaturas do passado e chegou a dar-lhes o máximo de felicidade, dentro da infinita relatividade da vida, não satisfaça as criaturas do presente.

A vida tem de ser isto mesmo. E para que haja progresso, é preciso que haja incontentabilidade.

Só os irracionais e os domesticados são, no panorama vital, os eternamente contentes e conformados.

Acode-nos, então, á mente a pergunta que deve existir em todo cérebro feminino, neste momento:

Que seremos nós, as Mulheres? Irracionais ou domesticadas?

Porque esta questão de inteligência e aptidões femininas, ora em foco, se resume, digamos de passagem, em classificar a Mulher entre as criaturas superiores ou entre irracionais.

Se ela é um ser superior, tem o direito líquido de agir, pensar, trabalhar, ser indivíduo.

Se não é superior, que se contente em viver á sombra, na cômoda, mas degradante situação de parasita, pois que a decantada maternidade é missão e não profissão.

Não somos feminista, se se entende por feminismo a

aspiração política, cigarro á boca, etc.

Dai não nos poderem julgar despeitada.

A Mulher teve, até há pouco, as regalias de bibelô caro, de qualquer coisa quebradiça e de alto preço, para a qual todos tinham olhares, sorrisos, gestos e atitudes protetoras.

É isso que está agonizando e querem reviver.

Foi a êsse ridículo que roubaram a Mulher.

Não discutimos direitos. Apontamos necessidades, a coisa única que tem poderes discricionários sobre todos os seres.

Se a evolução mental do nosso povo não aceita, ainda, a Mulher, como indivíduo, não lhe pode negar a necessidade, que tem todo vivente, de comer.

Os irracionais trabalham, lutam para a conquista do seu alimento. E a Mulher? (Porque tudo não se resume no vestido, como, erroneamente, se pensa.)

Inferior aos próprios irracionais, domestica e domesticada, se contentará, eternamente, em constituir a mais sacrificada metade do gênero humano?

Marlia da Ilha



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
(Órgão do Partido  
Liberal Catarinense)  
Ano I— Nº 30  
15 de abril de 1934



*REPÚBLICA, 15 de abril de 1934*

As conquistas, o progresso, tudo quanto procura fugir ao que a Rotina solidificou, sofre, agora e sempre, o ataque impiedoso das pedradas infelizes dos maus. Dizemos maus, porque é maldade não querer convencer-se de que cada minuto marca um passo na evolução dos povos, e que, para todas as tarefas, se precisa de energias novas, de entusiasmo novo e de bondade infinita.

Viver é evoluir; é procurar ascender, realizando o máximo de harmonia entre as criaturas, de modo que haja pão para todas as bocas.

Cada um de nós tem a obrigação humana de ser operário do futuro.

É indigno de criatura superior deixar-se arrastar imbecilizada, no grande turbilhão.

E a evolução, essa marcha progressiva dos povos, não há barreiras que a possam vencer. Ela avança, indiferente aos ataques, sabe contornar as dificuldades e vencê-las, forte e impiedosa. Debalde<sup>1</sup> gritarão os conservadores. A humanidade não retrocede e os fatos não se modificam.

Há como que um determinismo superior e irremediável ao qual os homens obedecem, insensivelmente, fatalmente.

As grandes metamorfoses sociais, morais ou religiosas, sem saltos da natureza, não se operam senão quando os povos delas necessitam ou estão aptos para nelas se integralizarem.

Cristo apareceu, justamente, no instante em que as massas, cansadas da barbaria<sup>2</sup> e das iniquidades da História Antiga, necessitavam de novas forças, novos entusiasmos, para seguirem novos rumos, para alcançarem novas conquistas.

Assim, não é absurdo que tudo quanto satisfez as criaturas do passado e chegou a dar-lhes o máximo de felicidade, dentro da infinita relatividade da vida, não satisfaça as criaturas do presente.

A vida tem de ser isto mesmo. E para que haja progresso, é preciso que haja incontentabilidade<sup>3</sup>.

Só os irracionais e os domesticados são, no panorama vital, os eternamente contentes e conformados.

Acode-nos, então, à mente, a pergunta que deve existir em todo cérebro feminino, neste momento:

Que seremos nós, as Mulheres? Irracionais ou domesticados?

Porque essa questão de inteligência e aptidões femininas, ora em foco, se resume, digamos de passagem, em classificar a Mulher entre as criaturas superiores ou entre irracionais.

Se ela é um ser superior, tem o direito líquido de agir, pensar, trabalhar, ser indivíduo.

Se não é superior, que se contente em viver à sombra, na cômoda, mas degradante situação de parasita, pois que a decantada maternidade é missão e não profissão.

Não somos feministas, se se entende por feminismo a aspiração política, cigarro à boca, etc.

Dáí não nos poderem julgar despeitada.

A Mulher teve, até há pouco, as regalias de bibelô caro, de qualquer coisa quebradiça e de alto preço, para a qual todos tinham olhares, sorrisos, gestos e atitudes protetorais.

É isso que está agonizante e querem reviver.

Foi a esse ridículo que roubaram a Mulher.

Não discutimos direitos.

Apontamos necessidades, a coisa única que tem poderes discricionários<sup>4</sup> sobre todos os seres.

Se a evolução mental do nosso povo não aceita, ainda, a Mulher como indivíduo, não lhe pode negar a necessidade, que tem todo vivente, de comer.

Os irracionais trabalham, lutam para a conquista do seu alimento. E a Mulher? (Porque tudo não se resume no vestido, como, erroneamente, se pensa.)

Inferior aos próprios irracionais, doméstica e domesticada, se contentará, eternamente, em constituir a mais sacrificada metade do gênero humano?

1 - O mesmo que em vão, inutilmente. 2 - Modos dos bárbaros, selvageria.  
3 - Que não se contenta. 4 - Irrestritos, totais.



# FARRAPOS DE IDÉIAS

«Todo aquele que tem um ideal ou uma missão na vida, grande ou pequena, é um herói.»

Ingenieros

E toda a criatura tem, fatalmente, inevitavelmente, uma grande missão a cumprir, na vida.

Muitas passam, despercebidas e ignorantes, sem compreenderem que não há direitos, sem obrigações.

E o direito á vida exige, sem dúvida, deveres.

O ideal, esse anseio cristizador da existência, pelas ilusões que se sofrem, não ilumina todas as vidas.

Há vidas tristes, sem o sorriso acarinhador duma esperança ou da graça da FE

Há vidas, sem o desejo de um pouco mais, sem os sonhos lindos do muito impossível, fonte certa do pouco que se alcançará.

Há criaturas, para quem a vida é o minuto presente, palpavel, material.

Embora. Para estas, também existe a grande e tra-

balhosa missão de se descobrirem a si mesmas.

Descobrir-se a si mesmo é realizar-se, é ascender, é procurar, na incontentabilidade, a força vitalizadora da ascensão.

Cada criatura tem, dentro de si, um mundo encantado de belezas indizíveis e inexploradas, á espera do Colombo perseverante, teimoso, mas vencedor.

E, para este mundo, onde se chocam tantas batalhas, onde prolifera muita maldade, em mistura com riquezas sem fim, devemos volver a nossa atenção, no desejo de conhecê-lo, percorrê-lo, as alamedas, palmilhá-lo, corrigi-lo, afastando todo o joio que o desvaloriza.

Esta é a missão heroica, propria de cada ser.

Conhece-te a ti mesmo! Trabalho insano, mas de surpreendente beleza e indizível finalidade.

Conhece-te e corrige-te — princípio da moral máxima.

A impiedade humana de todos os tempos, que a cultura e a escassa bondade, espalhadas na terra, não conseguiram amenizar, vê, sem esforço, o argueiro no olho do próximo, e, nem por curiosidade, o procura no seu.

Todo humano, dentro do seu orgulho infantil, por assim dizer, julga-se um pouco de perfeição, tão somente, porque se desconhece.

O infinito mal, encontrado, ás mancheias, vida em fora, — Odio, Egoísmo, Inveja, Impiedade e Cia. — são frutos da ignorancia de cada ser, de si mesmo.

Conhece-te ou tu te devorarás, no fogo dos sentimentos avillantes que empestam, destroem, aniquillam a parte vibratil e sensível da tua pessoa.

Tu não és uma esfinge, somente para os outros, mas, também, e antes de tudo, para ti mesmo.

Porque, em verdade, na maioria dos casos, o desco-

nhecimento das imperfeições pessoais não deixa que o próximo nos devore; somos os primeiros a nos pulverizarmos, deixando que, onde podiam surgir flores, cresçam, com a força das cousas más, urtigas e mais urtigas.

Nesta descoberta está a base da perfeição e a fonte de toda a bondade sôbre a terra.

Quando os homens realizarem a obra máxima, com o seu esforço de aperfeiçoamento, sentirão que as renúncias obrigatórias de todos os instantes, onde parece a alma fica em farrapos, valem bem a delicia da escalada deslumbradora.

E' no conhecimento das imperfeições proprias e na sua consequente correção que a vida se ameniza.

Ele, só êle dá aos homens o entendimento completo, integral da finalidade da existencia — Amor intenso e elevado a tudo e a todos — e lhes permite, na máxima conquista de si mesmos, numa nova vitalidade, que se apertem as mãos, na mais soberba fraternidade manifesta.

M A R I A D A I L H A



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano I - Nº 45  
06 de maio de 1934

REPÚBLICA, 06 de maio de 1934

*“Todo aquele que tem um ideal ou uma missão na vida, grande ou pequena, é um herói”.*

*Ingenieros*

E toda a criatura tem, fatalmente, inevitavelmente, uma grande missão a cumprir na vida.

Muitas passam, despercebidas e ignorantes, sem compreenderem que não há direitos sem obrigações.

E o direito à vida exige, sem dúvida, deveres.

O ideal, esse anseio cristalizador da existência, pelas ilusões que se sofrem, não ilumina todas as vidas.

Há vidas tristes, sem o sorriso acarinhador duma esperança ou da graça da FÉ.

Há vidas, sem o desejo de um pouco mais, sem os sonhos lindos do muito impossível, fonte certa do pouco que se alcançará.

Há criaturas, para quem a vida é o minuto presente, palpável, material.

Embora, para estas, também existe a grande e trabalhosa missão de se descobrirem a si mesmas.

Descobrir-se a si mesmo é realizar-se, é ascender, é procurar, na incontentabilidade<sup>1</sup>, a força vitalizadora da ascensão.

Cada criatura tem, dentro de si, um mundo encantado de belezas indizíveis e inexploradas, à espera do Colombo perseverante, teimoso, mas vencedor.

E, para esse mundo, onde se chocam terríveis batalhas, onde prolifera muita maldade, em mistura com riquezas sem fim, devemos voltar a nossa atenção, no desejo de conhecê-lo, percorrer-lhe as alamedas, palmilhá-lo, corrigi-lo, afastando todo o joio que o desvaloriza.

Esta é a missão heroica, própria de cada ser.

Conhece-te a ti mesmo!

Trabalho insano, mas de surpreendente beleza e indizível finalidade.

Conhece-te e corrige-te – princípio da moral máxima.

A impiedade humana de todos os tempos, que a cultura e a escassa bondade, espalhadas na terra, não conseguiram amenizar, vê, sem esforço, o argueiro<sup>2</sup> no olho do próximo, e, nem por curiosidade, o procura no seu.

Todo humano, dentro do seu orgulho infantil, por assim dizer, julga-se um poço de perfeição, tão somente porque se desconhece.

O infinito mal, encontrado, às mancheias<sup>3</sup>, vida em fora, – Ódio, Egoísmo, Inveja, Impiedade e Cia, – são frutos da ignorância de cada ser, de si mesmo.

Conhece-te ou tu te devorarás, no fogo dos sentimentos aviltantes<sup>4</sup> que empestam, destroem, aniquilam a parte vibrátil<sup>5</sup> e sensível da tua pessoa.

Tu não és uma esfinge<sup>6</sup>, somente para os outros, mas, também, e antes de tudo, para ti mesmo.

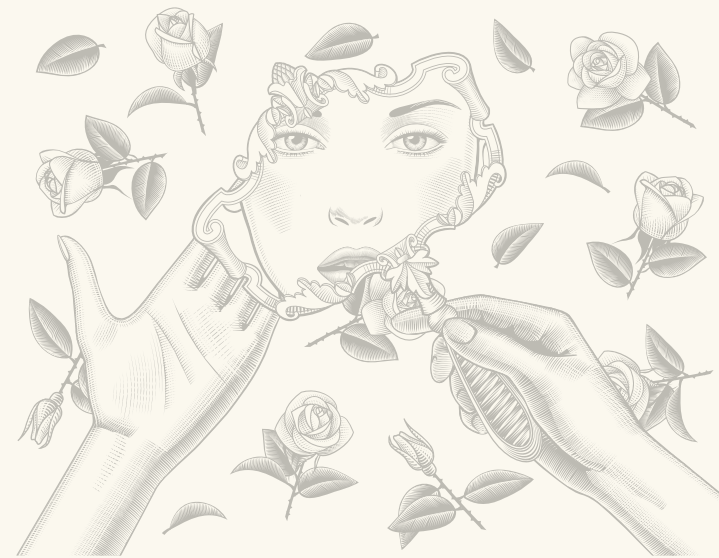
Porque, em verdade, na maioria dos casos, o desconhecimento das imperfeições pessoais não deixa que o próximo nos devore; somos os primeiros a nos pulverizarmos, deixando que, onde podiam surgir flores, cresçam, com a força das coisas más, urtigas e mais urtigas.

Nessa descoberta está a base da perfeição e a fonte de toda a bondade sobre a terra.

Quando os homens realizarem a obra máxima, com o seu esforço de aperfeiçoamento, sentirão que as renúncias obrigatórias de todos os instantes, onde parece que a alma fica em farrapos, valem bem a delícia da escalada deslumbradora.

É no conhecimento das imperfeições próprias e na sua conseqüente correção que a vida se ameniza.

Ele, só ele dá aos homens o entendimento completo, integral da finalidade da existência – Amor intenso e elevado a tudo e a todos – e lhes permite, na máxima conquista de si mesmos, numa nova vitalidade, que se apertem as mãos, na mais soberba fraternidade manifesta.



1 - Que não se contenta, não se satisfaz. 2 - Cisco, farpa, pequena sujeira ou incômodo. 3 - Punhado, de encher a mão.

4 - Que causam repulsa, vergonhosos. 5 - O mesmo que vibrante. 6 - Criatura mitológica que proferia charada. No contexto, pessoa enigmática.





# *Comportamento e sentimento humano*



# Farrapos de ideias

A todo bem sonhado ou conquistado, corresponde uma dôr, uma sombra do mal.

Ana Amelia C. de Mendonça

Os idealistas, os pesquisadores, os espíritos que consomem toda a sua vida, sobre as mesas de estudo, nos laboratórios, no desejo de conquistar o sonho que lhes dá vida à própria vida, não pensaram nunca na grande verdade de que

«A todo bem sonhado ou conquistado, corresponde uma dôr, uma sombra do mal».

Quando Santos Dumont, nas suas tentativas de Icaro, procurava emprestar aos homens o poder dos pássaros, permitindo-lhes que se engolfassem no azul, que o devassassem, transpuzessem, percorrendo ares «nunca doutrem navegados», nunca lhe passou pela mente idealista que os homens fizessem do que o maraviilhava, arma de destruição, que, de quando em vez, os corações se encolhessem, medrosos, ao sentir a trepidação

dos motores, porque eles podiam trazer a morte, sibilando nas bombas.

É a maravilha do seu engenho foi aproveitada pela civilização que não dorme, que tudo explora para, em vez de aproximar os povos, distanciá-los, interpondo, entre eles, os cadáveres, vítimas da insaciedade dos homens.

Assim a dinamite, assim todas as concretizações dos sonhos dos sábios, dos que procuram enriquecer a humani-

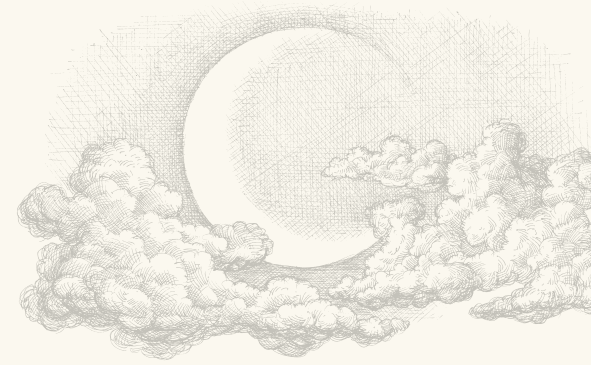
dade, com maravilhas, envaidece a com as chamadas luzes do século, e insensivelmente, a empobrecem dos sentimentos de fraternidade, dos sentimentos edificantes de bondade e de fé.

A humanidade, á proporção que evolue, corrompe tudo, abastarda tudo, corrompendo-se e abastardando-se, matando todos os sentimentos e levados, esquiçada, por completo, da linda finalidade da vida, que é harmonia, que é amor, no sentido universal, que é ascensão.

M A R I A D A I L H A



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II – Nº 706  
19 de fevereiro de 1933



*REPÚBLICA, 19 de fevereiro de 1933*

*A todo bem sonhado ou conquistado, corresponde uma dor, uma sombra do mal.*

*Ana Amélia C. de Mendonça*

Os idealistas, os pesquisadores, os espíritos que consomem toda a sua vida, sobre as mesas de estudo, nos laboratórios, no desejo de conquistar o sonho que lhes dá a vida à própria vida, não pensaram nunca na grande verdade de que “A todo bem sonhado ou conquistado, corresponde uma dor, uma sombra do mal”<sup>1</sup>.

Quando Santos Dumont, nas suas tentativas de Ícaro<sup>2</sup>, procurava emprestar aos homens o poder dos pássaros, permitindo-lhes que se engolfassem no azul, que o devassassem, transpusessem, percorrendo ares “nunca doutrem navegados”<sup>3</sup>, nunca lhe passou pela mente idealista que os homens fizessem do que o maravilhava arma de destruição que, de quando em vez, os corações se encolhessem, medrosos, ao sentir a trepidação dos motores, porque eles podiam trazer a morte, sibilando nas bombas.

E a maravilha do seu engenho foi aproveitada pela civilização que não dorme, que tudo explora, para, em vez de aproximar os povos, distanciá-los interpondo, entre eles, os cadáveres, vítimas da insaciedade dos homens.

Assim a dinamite, assim todas as concretizações dos sonhos dos sábios, dos que procuram enriquecer a humanidade, com maravilhas, envaidecê-la com as chamadas luzes do século, e insensivelmente, a empobrecem dos sentimentos de fraternidade, dos sentimentos edificantes de bondade e de fé.

A humanidade, à proporção que evolve, corrompe tudo, abastarda tudo, corrompendo-se e abastardando-se, mata todos os sentimentos e levados, esquecida, por completo, da linda finalidade da vida, que é harmonia, que é amor, no sentido universal, que é ascensão.



1 - A autora cita um verso do poema “A harmonia das coisas e dos seres”, de Ana Amélia Carneiro de Mendonça, a quem a crônica é dedicada.

2 - Personagem da mitologia grega que, com asas artificiais, tentou voar próximo do sol e morreu na queda.

3 - A autora cita um verso de “Os Lusíadas”, de Camões.

Os jornais do Rio nos trazem a notícia de que a mocidade se movimenta, formando uma liga contra a guerra.

É a mais necessária das ligas.

Precisamos da insuborinação da gente moça contra os desvarios dos maiores.

No instante presente, em que os homens de todo o mundo, como se tocados por uma varinha maléfica, dansam o samba macabro da destruição, no instante presente, em que, para qualquer lado que se volte, sente-se uma atmosfera irrespirável de ódio, ex-

ve-se ou pressente-se o sibilar mortífero das ba-las; quando todos os sentimentos são ador-meceram ou morreram asfixiados pelo negrega-do egoísmo, quando tem sido vã toda a linda lile-ratura, empregada pela diplomática Liga, só mesmo, os interessados, os futuros mártires do avanço ou recuo precipi-tado da civilização, po-dem e devem dar o grí-to de rebeldia, consti-tuindo o obstáculo vivo

ao egoísmo dos grandes e dos poderosos que lhes armam os braços e fi-cam, á sombra, á espe-radas notícias das hor-ríveis hecatombes, das indizíveis mutilações.

Luta-se e morre-se por um ideal.

Isto é dos grandes ho-mens, iluminados por espíritos superiores.

Mas não se deixa mor-rer, matar, assim, anti-malmente, pelos ideais

E preciso que cada ser se compenetre da sua individualidade, e saiba valer os seus di-reitos.

..  
E não só os moços de vem car-se as mãos, nesta cruzada branca, mas, acima de tudo e de todos, as mães que se tornaram, pela ganân-cia, insopilável e desca-rada dos homens, em sim-ples forneceCorus de car-ne para os canhões, pa-

ra as grandes hecatom-bes, para as tremendas destruições.

E preciso que todas as consciências desper-las, todos os que procuram, na vida, colher a harmonia máxima, dêm o grito de rebeldia: «Não matarás!»

..  
E, enquanto os ca-nhões trabalham nos quatro pontos do hori-zonte, enquanto os po-

vos mais pacíficos se armam, fabricam gases, esperando o inimigo que ainda «ninguém não viu», fica-se a pensar:

Por que será que o ho-mem, rei da criação, fei-to à imagem e semelhan-ça de Deus, a Bondade e a Misericórdia próprias, numa guerra interior, contra si mesmo, banhi-do do coração todos os sen-timentos elevados?

Por que os homens presentes, numa supre-ma manifestação de egoísmo, do egoísmo que, depois de dominá-los, atira uns contra outros, para os medonhos morticínios, só sabem cons-truir com argamassa de sangue?

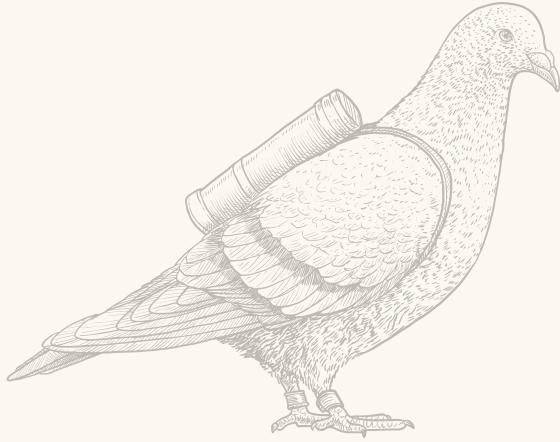
## Farrapos de ideias

M A R I A D A I L H A

REPUBLICA



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II- Nº 688  
29 de janeiro de 1933



*REPÚBLICA, 29 de janeiro de 1933*

Os jornais do Rio nos trazem a notícia de que a mocidade se movimenta, formando uma liga contra a guerra.

É a mais necessária das ligas.

Precisamos da insubordinação da gente moça contra os desvarios dos maiores.

No instante presente, em que os homens de todo o mundo, como se tocados por uma varinha maléfica, dançam o samba macabro da destruição; no instante presente, em que, para qualquer lado que se volte, sente-se uma atmosfera irrespirável de ódio, ouve-se ou pressente-se o sibilar<sup>1</sup> mortífero das balas; quando todos os sentimentos são adormeceram ou morreram asfixiados pelo negregado<sup>2</sup> egoísmo, quando tem sido em vã toda a linda literatura, empregada pela diplomática Liga, só mesmo, os interessados, os futuros mártires do avanço ou recuo precipitado da civilização, podem e devem dar o grito de rebeldia, constituindo o obstáculo vivo ao egoísmo dos grandes e dos poderosos que lhes armam os braços e ficam, à sombra, à esperadas notícias das horríveis hecatombes<sup>3</sup>, das indizíveis mutilações.

Luta-se e morre-se por um ideal.

Isto é dos grandes homens, iluminados por espíritos superiores.

Mas não se deixa morrer, matar, assim, animalmente, pelos ideais alheios.

É preciso que cada ser se compenetre da sua individualidade, e saiba valer os seus direitos.

E não só os moços devem dar-se as mãos, nesta cruzada branca, mas, acima de tudo e de todos, as mãos que se tornaram, pela ganância, insopitável e descarada dos homens, em simples fornecedoras de carne para os canhões, para as grandes hecatombes, para as tremendas destruições.

É preciso que todas as consciências despertas, todos os que procuram, na vida colher a harmonia máxima, deem o grito de rebeldia: “Não matarás!”

E, enquanto os canhões trabalham nos quatro pontos do horizonte, enquanto os povos mais pacíficos se armam, fabricam gases, esperando o inimigo que ainda “ninguém não viu”, fica-se a pensar:

Por que será que o homem, rei da criação, feito à imagem e semelhança de Deus, a Bondade e a Misericórdia próprias, numa guerra interior, contra si mesmo, baniu do coração todos os sentimentos elevados?

Por que os homens presentes, numa suprema manifestação de egoísmo, do egoísmo que, depois de dominá-los, atira uns contra outros, para os medonhos morticínios, só sabem construir com argamassa de sangue?

1 - Sussurrar.

2 - Que traz ou demonstra tristeza, infelicidade.

3 - Grande desgraça.



# Farrapos de ideias

MARIA DA ILHA

Só um anseio domina as inteligências de ontem, de hoje, de todos os tempos: o Egoísmo.

Todos os atos dos homens têm o mesmo norte e a mesma causa: o Egoísmo.

O microcosmo não conhece outra lei, não obedece a outra lei.

E, nos atos mais puros das criaturas, naquelas em que parecem cristalizadas as mais lindas ações, o infinito desinteresse, há, sempre, um átomo de egoísmo.

De todos os sentimentos resultam as lutas de todos os instan-

tes, em que se vence pela astúcia, pela força, nunca pela lealdade e pela razão

Toda gente detesta as soalheiras.

E o provérbio — Chega-te à boa árvore, que a boa sombra terás — é posto em prática a cada passo, ficando sendo o lema das criaturas.

A Humanidade se sen-

te feliz á sombra das árvores.

Nunca lhe assaltou o desejo lindo de ser a árvore, de crescer, dar frutos, flôres e sombras.

Basta ao seu desmedido, incontentável Egoísmo gosar da doçura da sombra, sentir a proteção contra a inclemência do sol que cresta mas vitaliza, dando às criaturas toda a pujan-

ça de sua individualidade.

Os homens se sentem perfeitamente bem, sob a proteção humilhante, (porque toda proteção diminui e avilta) das árvores, e procuram-nas, ansiosamente.

Falta-lhes o desejo ou a coragem de se exporem ao sol, de lutarem,

E, enquanto os homens, á porfia, procurarem as árvores, para que lhes dêem sombra, e se sujeitarem a todas as consequências desta posição subalterna (podendo até ser esmagados por esse mesmo abrigo que elementos superiores destruiriam), enquanto o indivíduo em si mesmo, o que não se alcança no sossego plácido das sombras das árvores, mas na vida, nas soalheiras dos enganamentos, no choque contínuo com as criaturas, com as tempestades dos sentimentos alheios.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II- Nº 688  
29 de janeiro de 1933



*REPÚBLICA, 29 de janeiro de 1933*

Só um anseio domina as inteligências de ontem, de hoje e de todos os tempos: o Egoísmo.

Todos os atos dos homens têm o mesmo norte e a mesma causa: o Egoísmo.

O microcosmo não conhece outra lei, não obedece a outra lei.

E, nos atos mais puros das criaturas, naqueles em que parecem cristalizadas as mais lindas ações, o infinito desinteresse, há, sempre, um átomo de egoísmo.

Do choque desses sentimentos resultam as lutas de todos os instantes, em que se vence pela astúcia, pela força, nunca pela lealdade e pela razão.

Toda gente detesta as soalheiras.

E o provérbio – “Chega-te à boa árvore, que boa sombra terás” – é posto em prática a cada passo, ficando sendo o lema das criaturas.

A Humanidade se sente feliz à sombra das árvores.

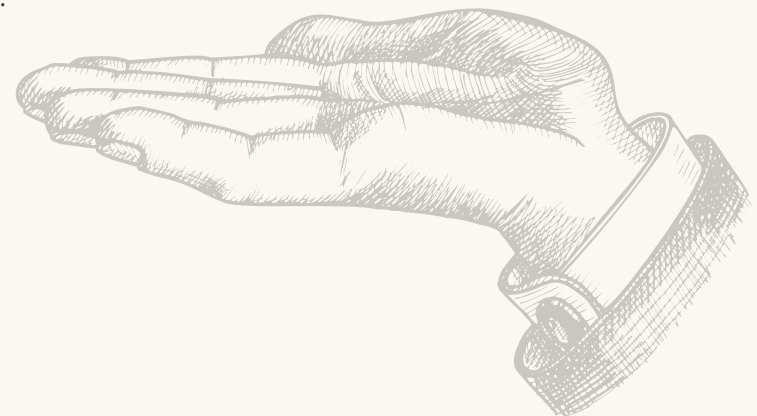
Nunca lhe assaltou o desejo lindo de ser a árvore, de crescer, dar frutos, flores e sombras.

Basta ao seu desmedido, incontentável Egoísmo gozar da doçura da sombra, sentir a proteção contra a inclemência do sol que cresta<sup>1</sup> mas vitaliza, dando às criaturas toda a pujança<sup>2</sup> de sua individualidade.

Os homens se sentem perfeitamente bem, sob a proteção humilhante, (porque toda proteção diminui e avilta<sup>3</sup>) das árvores, e procuram-nas, ansiosamente.

Falta-lhes o desejo ou a coragem de se exporem ao sol, de lutarem, de serem eles mesmos, de realizarem o soberbo milagre da integralização do indivíduo em si mesmo, o que não se alcança no sossego plácido das sombras das árvores, mas na vida, nas soalheiras dos desenganos, no choque contínuo com as criaturas, com as tempestades dos sentimentos alheios.

E, enquanto os homens, à porfia<sup>4</sup>, procurarem as árvores, para que lhes deem sombra, e se sujeitarem a todas as consequências desta posição subalterna (podendo até ser esmagados por esse mesmo abrigo que elementos superiores destruiriam), enquanto não compreenderem que, na vida, é preciso – imitar a boa árvore, para dar boa sombra – não passarão de seres inferiores, sem vontade, sem energia, sem ideal, presos pelo egoísmo ao colossal rebanho dos domesticados.



1 - Que queima, tosta.

2 - Força, vigor.

3 - Diminui, torna inferior, indigno.

4 - Com persistência, com perseverança.

# Farrapos de ideias

*Ninguém resiste à força centrípeta da beleza, porque só é belo o que é perfeito e, em toda perfeição, há vestígios de divindade.*

*O contacto com o belo desperta o artista existente em cada creatura*

*E a alma que contempla, insensivelmente, se enternece.*

*E, quando passa o que nos encantou os olhos e o ouvido, a sua lembrança, guardada, religiosamente, pela nossa sensibilidade artística, aquietta-se, de mansinho, nas alamedas interiores, e como que adormece.*

*Um gesto é suficiente, para que ex-surja.*

*Havia nove anos que ouvimos Margarida Lopes de Almeida.*

*Dos seus recitais, ficou em nossa alma o fascínio que só a beleza cria e o tempo não consegue apagar.*

*Foi, pois, com ansiedade, que contamos os minutos, em a noite de quinta-feira, para tornar a ouvi-la.*

*A arte de dizer é, entre as demais, ao nosso ver, a mais difícil.*

*O pintor, o escultor, o poeta, pinta, esculpe, cizela, e escreve, procurando realizar o seu próprio pensamento, objectivar o sonho que a imaginação criou.*

*O que, tão somente, diz, tem de interpretar o pensamento alheio.*

*E, para consegui-lo, é preciso que a sua natureza divina, insulsa, na frieza esfingética da palavra, o sópio animico, vivificando.*

*Margarida possui este maravilhoso poder.*

*Ela penetra, com uma subtilidade admirável, na alma dos poetas, do verso e da prosa; esquadrinha-a, infiltra-se no pensamento creador, integraliza-se na sentimentalidade produtora, e por um prodígio de expressão, transmite ás platéas, toda a beleza sentida, fazendo com que vibrem de entusiasmo incontido, diante da perfeição absoluta.*

*A sua voz de tonalidades infinitas, e as suas maravilhosas mãos tecem, em torno de nós, uma tela suave, muito suave, que nos prende acarinhadamente, e de que não tentamos fugir—a tela do sonho.*

*Enquanto isso, os bitros dansam, tratam as asas de pombos, nos seus vôos; a caranguejeira tece, pacientemente, a prisão do incauto besouro, e Mãe Preta canta lugubrememente, soturnamente, embalando o sinhô-moço... para não falarmos em todo o programa.*

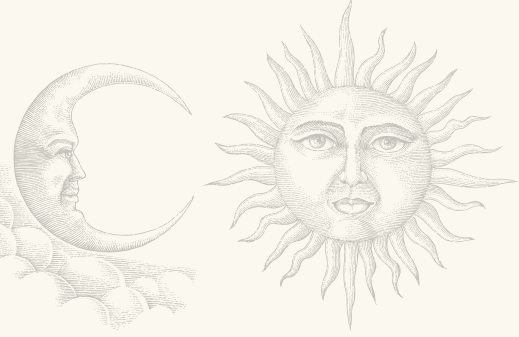
*Lindo o destino das dítizes: banhar-se da luz destunbrante do sonho, engolfar-se na sua beleza, senti-la e disseminá-la ás mancheias, nababescamente, fazendo-nos compreender a magia capaz de dar ás creaturas o dom de «entre raios, pedradas e metralhas, ficar gemendo, mas ficar sonhando.»*

*Bendito o destino das dítizes: espalhar, nas almas das creaturas, a beleza do sonho, «que é tudo», do sonho, «poeta de ilusão», que, embora momentaneamente, esbale a amargura da vida e dulcifica a aridez da caminhada! ...*

MARIA DA ILHA



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II – Nº 756  
23 de abril de 1933



*REPÚBLICA, 23 de abril de 1933*

Ninguém resiste à força centrípeta<sup>1</sup> da beleza, porque só é belo o que é perfeito e, em toda perfeição, há vestígios de divindade.

O contato com o Belo desperta o artista existente em cada criatura.

E a alma que contempla, insensivelmente, se entenece<sup>2</sup>.

E, quando passa o que nos encantou os olhos e o ouvido, a sua lembrança, guardada, religiosamente, pela nossa sensibilidade artística, aquieta-se, de mansinho, nas alamedas interiores, e como que adormece.

Um gesto é suficiente, para que exsurja<sup>3</sup>.

Havia nove anos que ouvíamos Margarida Lopes de Almeida.

Dos seus recitais, ficou em nossa alma o fascínio que só a beleza cria e o tempo não consegue apagar.

Foi, pois, com ansiedade, que contamos os minutos, em a noite de quinta-feira, para tornar a ouvi-la.

A arte de dizer é, entre as demais, ao nosso ver, a mais difícil.

O pintor, o escultor, o poeta, pinta, esculpe, cinzela<sup>4</sup> e escreve, procurando realizar o seu próprio pensamento, objetivar o sonho que a imaginação criou.

O que, tão somente, diz, tem de interpretar o pensamento alheio.

E, para consegui-lo, é preciso que a sua natureza divina, insufle<sup>5</sup>, na frieza esfingélica<sup>6</sup> da palavra, o sopro anímico<sup>7</sup>, vivificador.

Margarida possui este maravilhoso poder.

Ela peneira, com uma sutileza admirável, na alma dos poetas, do verso e da prosa; esquadrinha-a, infiltra-se no pensamento criador, integraliza-se na sentimentalidade produtora, e por um prodígio de expressão, transmite às plateias, toda a beleza sentida, fazendo com que vibrem de entusiasmo incontido, diante da perfeição absoluta.

A sua voz de tonalidades infinitas, e as suas maravilhosas mãos tecem, em torno de nós, uma teia suave, muito suave, que nos prende acarinhadamente, e de que não tentamos fugir – a teia do sonho.

Enquanto isso, os bilros<sup>8</sup> dançam, trateiam<sup>9</sup> asas de pombos, nos seus voos; a caranguejeira tece, pacientemente, a prisão do incauto<sup>10</sup> besouro, e Mãe Preta canta lugubrememente<sup>11</sup>, solurnamente<sup>12</sup>, embalando o sinhô-moço... para não falarmos em todo o programa.

Lindo o destino das dilrizes: banhar-se da luz deslumbrante do sonho, engolfar-se na sua beleza, senti-la e disseminá-la às mancheias<sup>13</sup>, nababescamente<sup>14</sup>, fazendo-nos compreender a magia capaz de dar às criaturas o dom de “entre raios, pedradas e metralhas, ficar gemendo, mas ficar sonhando.”<sup>15</sup>

Bendito o destino das dilrizes; espalhar, nas almas das criaturas, a beleza do sonho, “que é tudo”, do sonho, “poeira de ilusão”, que, embora momentaneamente, esbate<sup>16</sup> a amargura da vida e dulcifica<sup>17</sup> a aridez da caminhada!...

1 - Na física, é a força que tende ao centro e altera o movimento dos corpos. No contexto, uma força avassaladora.

2 - Torna-se sensível. 3 - Erguer-se, levantar-se. 4 - Trabalho do escultor, que usa o cinzel. 5 - Encher, inflar.

6 - Enigmática, como uma esfinge. 7 - Que anima, que dá vida. 8 - Instrumento utilizado para fazer rendas.

9 - Dão tratos, trabalham, fazem grande esforço. 10 - Sem preocupação, que não se cuida, que não está alerta.

11 - De maneira lúgubre, tenebrosa, macabra. 12 - À noite, à luz da lua. 13 - Boas porções, de mãos cheias.

14 - Com muito luxo, muita ostentação. 15 - A autora cita o soneto “Triunfo Supremo”, do poeta Cruz e Souza.

16 - Esculpe, dá forma, relevo. 17 - Torna doce.



As criaturas, conhecendo o poder centrífugo da maldade, encobrem, instintivamente, as suas imperfeições.

Há, em todo ser humano, um movimento de proteção para consigo mesmo, quando se aproxima dos semelhantes. Não é uma hipocrisia calculada. É natural, naturalíssima, tão natural como o é o desejo de alimentar-se.

Assim, não se cogita de lançar os olhos pelos mundos interiores que temos de dirigir e harmonizar.

Nesta derrocada de sentimentos sãos, de moral, de tudo; neste abastardamento, em que o egoísmo impera descaradamente quer-se parecer.

Parecer sempre. Enganem-se os outros. Enganem-se elas mesmas. Que importa?

A Rotina obriga a bater palmas, mesmo quando se deseja patear.

Todos nós sabemos disso.

E são muito poucas as criaturas de atitude, virtuosas pela coragem maravilhosa de arrostar consigo o desprezo das turbas, ainda que a consciência lhes sorria.

Infelizmente, toda gente se compenetra de que merece palmas, enquanto se julga no direito de atirar pedradas nos demais.

O mundo que foi creado sobre uma linda base de Amor, evoluiu.

E, daquele doce sentimento, ficou a sua variante mais perigosa — o egoísmo — que, ainda, é amor, mas infinita men'e mesquinho.

## Farrapos de ideias

Maria da Ilha

A vida tem de correr assim, nestas intermitências de profunda maldade e simulcros de ignorância e de cegueira. Manda-o a Rotina, exige-o a Civilização.

As criaturas, num desafio à sagacidade das demais, vestem-se de cordeiros, sabendo-se lobos.

Os gestos doces e macios escondem o pensamento ingrato: «Conhece-me, descobre-me ou te dilacerarei e transformarei em farrapos».

Vence, sempre, o mais forte.

É essa infinita maldade, que as mais das vezes, corrompe as criaturas sãs que vem entrando, descuidosas, na vida, com a alma transbordante de lindos sonhos e um sem-fim dos risos alegres da harmonia interior.

É essa infinita maldade que, as mais das vezes, as torna más migalhas de divindade, nelas existentes.

É essa infinita maldade que lhes rouba a Fé que todo ser deve ter em si mesmo para conseguir a obra maravilhosa de se realçar.

Não há um só coração humano, por mais desgraçado, onde não tenham florido as esperanças, todo esse anseio, muito humano, de felicidade.

É toda essa ambição que a realidade impiedosa esbate e desfaz, poderia chegar a concretizar-se, se os homens não se desafiassem, instintivamente, para as lutas inglorias que os atiram às soalheiras tremendas e causticantes dos desencantos, tendo a alma em farrapos, e o coração com lágrimas que, jamais, se enxugam, mas soubessem, num gesto soberbo de superioridade, estender-se as mãos.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II- Nº 932  
06 de agosto de 1933

REPÚBLICA, 06 de agosto de 1933

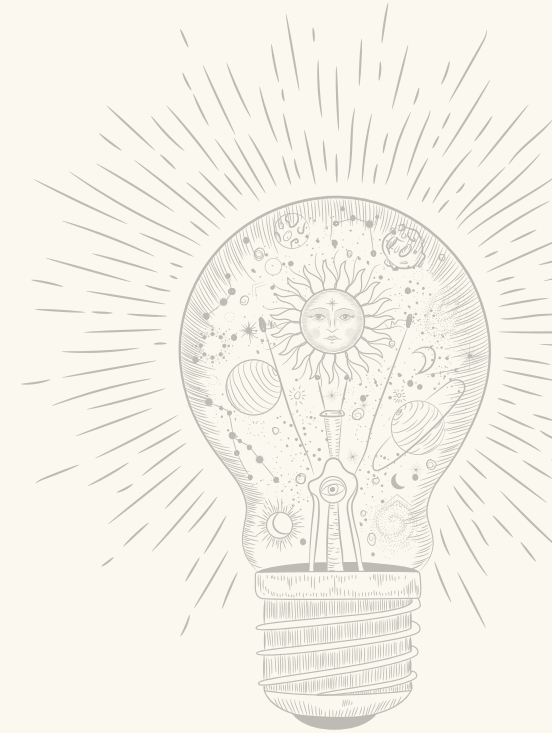
As criaturas, conhecendo o poder centrífugo<sup>1</sup> da maldade, encobrem, instintivamente, as suas imperfeições. Há, em todo ser humano, um movimento de proteção para consigo mesmo, quando se aproxima dos semelhantes. Não é uma hipocrisia calculada. É natural, naturalíssima, tão natural como o é o desejo de alimentar-se. Assim, não se cogita de lançar os olhos pelos mundos interiores que temos de dirigir e harmonizar. Nesta derrocada de sentimentos sãos, de moral, de tudo; neste abastardamento, em que o egoísmo impera descaradamente quer-se aparecer. Parecer sempre. Enganem-se os outros. Enganem-se elas mesmas. Que importa? A Rotina obriga a bater palmas, mesmo quando se deseja patear. Todos nós sabemos disso. E são muito poucas as criaturas de atitude, virtuosas pela coragem maravilhosa de arrastar consigo o desprezo das turbas, ainda que a consciência lhes sorria. Infelizmente, toda gente se compenetra de que merece palmas, enquanto se julga no direito de atirar pedradas nos demais. O mundo, que foi criado sobre uma linda base de Amor, evoluiu. E, daquele doce sentimento, ficou a sua variante mais perigosa – o egoísmo – que, ainda, é amor, mas infinitamente mesquinho. A vida tem de correr assim, nestas intermitências<sup>2</sup> de profunda maldade e simulacros<sup>3</sup> de ignorância e de cegueira. Manda-o a Rotina, exige-o a Civilização. As criaturas, num desafio à sagacidade das demais, vestem-se de cordeiros, sabendo-se lobos. Os gestos doces e macios escondem o pensamento ingrato: “Conhece-me, descobre-me ou te dilacerarei e transformarei em farrapos”. Vence, sempre, o mais forte. É essa infinita maldade, que as mais das vezes, corrompe as criaturas sãs que vem entrando, descuidosas, na vida, com a alma transbordante de lindos sonhos e um sem-fim dos risos alegres da harmonia interior. É essa infinita maldade que, as mais das vezes, as torna más migalhas de divindade, nelas existentes. E essa infinita maldade que lhes rouba a Fé que todo ser deve ter em si, mesmo para conseguir a obra maravilhosa de se realizar. Não há um só coração humano, por mais desgraçado, em que não tenham florido as esperanças, todo esse anseio, muito humano, de felicidade. E toda essa ambição que a realidade impiedosa esbate<sup>4</sup> e desfaz, poderia chegar a concretizar-se, se os homens não se desafiassem, instintivamente, para as lutas inglórias que os atiram às soalheiras tremendas e causticantes dos desencantos, tendo a alma em farrapos, e o coração com lágrimas que, jamais, se enxugam, mas soubessem, num gesto soberbo de superioridade, estender-se as mãos.

1 - Na física, é a força que se move ou faz mover em direção oposta ao eixo de rotação.

2 - Descontinuidade; interrupção.

3 - Aparência.

4 - Revela.



Dentro do seu grande castelo de superioridade, as criaturas não sentem ou não querem sentir o infinito de derrotas que sofrem, vida em fora.

Estas desglórias são, porém, lindas oferendas de possibilidades para a conquista de si mesmas, para que consigam a obra de que cada ser se acha incumbido — a sua própria realização.

E a ânsia de viver, a pressa com que se passa pela existência, sem conseguir senti-la, integralmente, dão ao homem a ilusão da vitória completa dos ideais que lhe vitalizam os dias.

E o espírito que se fortifica nas renúncias de todos os instantes, embora se magoe, embora deixe, na estrada poeirenta e sem fim, migalhas de si mesmo, engana-se, prazerosamente, de que nada cedeu, porque, na verdade, «a ilusão é um pretexto para a vida.»

A existência está cheia de desencantos que, a cada passo, as renúncias forçadas semeiam.

No entanto, o homem luta, e trabalha, e avança, e procura vencer, com o heroísmo dos bravos.

E tem, sempre, sorrisos de bençãos, para cada louro alcançado, como se encontrasse a coroa linda creada pela alma insaciavel.

Todavia, quando desses batalhas, a creatura sai, sangrenta e coração vazio; quando os fados nos forçam a renúncias integrais, donde a alma surge crucificada, há, ainda, um mundo de sonhos bons, que a mente, eternamente rebelde, eterna-

## FARRAPOS DE IDEAS

A' Estela

Maria da Ilha

mente invencivel, eternamente carinhosa, crêa, com capricho, para nosso bem, para que tentemos concretizá-los.

E a vida continúa.

Assim tem de ser porque essa é a lei.

A vida dos fortes encanta-nos pelas incertezas, pelas lu-

tas que desdobram aptidões e revelam todo o valor humano, na aspereza da escalada. . .

A vida dos fortes tem beleza, porque renunciam, sempre, — pois que os ideais não se corporificam, nunca, com o esplendor sonhado — sabem levantar a cabeça e avançar.

Todos os sonhos sofrem o corte impiedoso dos insucessos, e lutam contra a geada do Indiferentismo de uns e o egoismo de outros.

Que importa que seja «um cemitério a estrada, a custo, percorrida»?

O pouco que se alcançou, compensa o muito desejado e incita a trabalhar mais, a lutar mais, a viver mais. . .

Depois. . .

Sonhando ainda, lutando ainda, chega-se á renúncia máxima, á mais dolorida, á renúncia final — á renúncia á vida.

A vida que, para o homem é o maior bem; a vida que, para as criaturas, é a mais bela e preciosa das cousas, embora não se lhe estudem as imperfeições, nem procurem minorar-lhe a infinita maldade.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II— Nº 938  
13 de agosto de 1933



*REPÚBLICA, 13 de agosto de 1933*

Dentro do seu grande castelo de superioridade, as criaturas não sentem ou não querem sentir o infinito de derrotas que sofrem, vida em fora. Estas desglórias são, porém, lindas oferendas de possibilidades para a conquista de si mesmas, para que consigam a obra de que cada ser se acha incumbido – a sua própria realização.

E a ânsia de viver, a pressa com que se passa pela existência, sem conseguir senti-la, integralmente, dão ao homem a ilusão da vitória completa dos ideais que lhe vitalizam os dias.

E o espírito que se fortifica nas renúncias de todos os instantes, embora se magoe, embora deixe, na estrada poeirenta e sem fim, migalhas de si mesmo, engana-se, prazerosamente, de que nada cedeu, porque, na verdade, “a ilusão é um pretexto para a vida.”<sup>1</sup>

A existência está cheia de desencantos que, a cada passo, as renúncias forçadas semeiam.

No entanto, o homem luta, e trabalha, e avança, e procura vencer, com o heroísmo dos bravos.

E tem, sempre, sorrisos de bênçãos, para cada louro alcançado, como se encontrasse a coroa linda criada pela alma insaciável.

Todavia, quando dessas batalhas, a criatura sai, sangrenta e coração vazio; quando os fados<sup>2</sup> nos forçam a renúncias integrais, donde a alma surge crucificada, há, ainda, um mundo de sonhos bons, que a mente, eternamente rebelde, eternamente invencível, eternamente carinhosa, cria, com capricho, para nosso bem, para que tentemos concretizá-los.

E a vida continua.

Assim tem de ser porque essa é a lei.

A vida dos fortes encanta-nos pelas incertezas, pelas lutas que desdobram aptidões e revelam todo o valor humano, na aspereza da escalada...

A vida dos fortes tem beleza, porque renunciam, sempre, – pois que os ideais não se corporificam, nunca, com o esplendor sonhado – sabem levantar a cabeça e avançar.

Todos os sonhos sofrem o corte impiedoso dos insucessos, e lutam contra a geada do indiferentismo de uns e o egoísmo de outros.

Que importa que seja “um cemitério a estrada, a custo, percorrida”?

O pouco que se alcançou, compensa o muito desejado e incita a trabalhar mais, a lutar mais, a viver mais. . .

Depois...

Sonhando ainda, lutando ainda, chega-se à renúncia máxima, à mais dolorida, à renúncia final – à renúncia à vida.

A vida que, para o homem é o maior bem; a vida que, para as criaturas, é a mais bela e preciosa das coisas, embora não se lhe estudem as imperfeições, nem procurem minorar-lhe a infinita maldade.

1 - A autora cita verso do poema “Poira dos dias”, da poetisa Henriqueta Lisboa.  
2 - Destinos, obrigações.



# FARRAPOS

- DE -

## IDÉIAS

Nós precisamos fugir da Rotina deteriorada, já; precisamos deixar de fazer da nossa vida reflexo da vida dos outros e consubstanciar tudo quanto de maravilhoso há em nós, praticando o Bem, pela beleza única da bondade, sendo retos, pelo prazer impar de sê-lo.

Não basta para os seres que procuram conhecer-se, a aprovação protocolar das platéas, é necessário e suficiente que essa aprovação venha da sua consciência.

A educação, desde o lar, devia basear-se no princípio do respeito próprio.

Que aos pequeninos fosse ensinado a se conhecerem, a deixarem de errar, racionalmente, demonstrando-se-lhes que, no terreno da moral,

não há exceções, todos têm os mesmos deveres; fazendo-se-lhes ver o lado hediondo das cousas más, das ações ruins, ainda mesmo das que, por uma voluntária miopia dos demais, permanecem ocultas, pois que continuam a existir e não deixaram de realizar-se.

Tudo o que as criaturas praticam e as avilta, são manifestos atos de falta de respeito a si mesmas.

Dal, lógica e consequentemente, não saberem respeitar os seus semelhantes e viverem num jôgo triste de maldades recíprocas:

Quem, por instantes, olha seriamente, em torno de si, vê como as criaturas se degradam, e como infamam as

demais, e como se empes- tam e contaminam.

—  
Todo bem possível, dentro desta trajetória difícil, deve partir do indivíduo, para que seja firme e durador.

Quando os homens souberem limitar a sua liberdade, pela compreensão do amor e do respeito que devem, a si mesmos; quando compreenderem que, dentro da vida, para as consciências retas, a moral é una, e que toda lama suja ainda mesmo o que sujo fôr; quando os indivíduos chegarem à conclusão de que temos de ser os legisladores e executores exigentes da nossa moral, e que só a nós mesmos eleva ou degrada tudo quanto de bom ou de máu praticarmos; quando os homens realizarem o sonho lindo de, fugindo dos coros, saberem, sozinhos, entoar a harmoniosa melodia da Bondade, teremos, então, uma Humanidade melhor, com uma civilização mais elevada e duradoura; tendo, por base: Respeita-te a ti mesmo!

**MARIA DA ILHA**



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
(Órgão do Partido  
Liberal Catarinense)  
Ano I – Nº 63  
08 de junho de 1934



### *REPÚBLICA, 08 de junho de 1934*

Há dentro da vida das criaturas, como uma grande necessidade, para controle imediato e seguro de todos os seus senões, o respeito que cada um deve a si mesmo.

Não se diga que a sociedade perdoa fraquezas, que o mundo fecha os olhos a deslizes, e que a astúcia e o dinheiro são véus protetores da infinita maldade humana.

Esse pensamento errôneo é a cadeira confortável, em que descansam todos os que passam pela existência, desconhecendo o que nela há de trabalho moral, de ascensão, de magnífico.

Desse pensamento errôneo saem todos os maus frutos que o passado nos legou, que o presente colhe, e de que procura deixar as sementes para o futuro.

Não dizemos, com Ibsen<sup>1</sup>, que “o homem mais forte do mundo é o mais solitário”, mas o de maior elevação moral é o que procura agir, sem o aguilhão, fora do rebanho, individualmente, conscienciosamente, resistindo a todas as pedradas e sorrindo de toda a maldade.

Nós precisamos fugir da Rotina deteriorada, já; precisamos deixar de fazer da nossa vida reflexo da vida dos outros e consubstanciar<sup>2</sup> tudo quanto de maravilhoso há em nós, praticando o Bem, pela beleza única da bondade, sendo retos, pelo prazer ímpar de sê-lo.

Não basta para os seres que procuram conhecer-se, a aprovação protocolar das plateias, é necessário e suficiente que essa aprovação venha da sua consciência.

A educação, desde o lar, devia basear-se no princípio do respeito próprio.

Que aos pequeninos fosse ensinado a se conhecerem, a deixarem de errar, racionalmente, demonstrando-se-lhes que, no terreno da moral, não há exceções, todos têm os mesmos deveres; fazendo-se-lhes ver o lado hediondo das coisas más, das ações ruins, ainda mesmo das que, por uma voluntária miopia dos demais, permanecem ocultas, pois que continuam a existir e não deixaram de realizar-se.

Tudo o que as criaturas praticam e as avilta são manifestos atos de falta de respeito a si mesmas.

Daí, lógica e conseqüentemente, não saberem respeitar os seus semelhantes e viverem num jogo triste de maldades recíprocas.

Quem, por instantes, olha seriamente, em torno de si, vê como as criaturas se degradam, e como infamam<sup>3</sup> as demais, e como se empestam e contaminam.

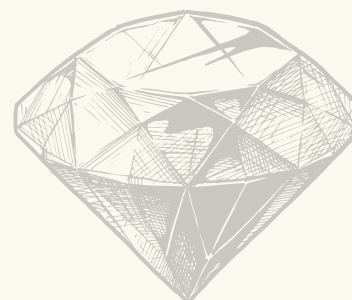
Todo bem possível, dentro dessa trajetória difícil, deve partir do indivíduo, para que seja firme e durador.

Quando os homens souberem limitar a sua liberdade, pela compreensão do amor e do respeito que devem a si mesmos; quando compreenderem que, dentro da vida, para as consciências retas, a moral é una, e que toda lama suja ainda mesmo o que sujo for; quando os indivíduos chegarem à conclusão de que temos de ser os legisladores e executores exigentes da nossa moral, e que só a nós mesmos eleva ou degrada tudo quanto de bom ou de mau praticarmos; quando os homens realizarem o sonho lindo de, fugindo dos coros, saberem sozinhos entoar a harmoniosa melodia da Bondade, teremos, então, uma Humanidade melhor, com uma civilização mais elevada e duradoura; tendo por base: Respeita-te a ti mesmo!

1 - Henrik Johan Ibsen, dramaturgo norueguês do século XIX.

2 - Tornar uma só substância.

3 - O mesmo que difamar.



# FARRAPOS DE IDÉIAS

MARIA DA ILHA

Ha, fatalmente, no momento atual, uma grande falta de controle, em todo o mundo.

Em toda a parte, para onde se voltem os olhos ou até onde nos chegue o pensamento, o espetáculo é o mesmo: inquietação extraordinária, uma interrogação constante e angustiosa.

O panorama do desencanto é o mesmo no homem conciente, nas nações, em todo o mundo, porque estes nada mais são que o reflexo daquele.

Não há quem não cogite o porquê desta marcha assombrosa para um Futuro, que a insegurança do Presente nos faz temer.

E quem se fez espectador involuntário deste ocaso de civilização, em que o egoísmo humano está com todas as válvulas abertas, em que paira no ar, muda, mas perceptível e, não menos perigosa, uma onda de desencanto rebelde, quem se fez espectador involuntário de todo este naufrágio, dominado pela inquietação que monopoliza todas as criaturas concientes, indaga de si mesmo:

Até onde chegaremos? Para onde iremos?

E, em todas as latitudes, os espíritos concientes abeiram-se os livros, com a sofreguidão dos sedentos.

Querem o porquê do tenebroso momento.

E perguntam, auscultam, sondam, investigam; e os sábios meditam e expõem e todo o esforço destes para satisfazer aqueles tem, dentro da grande catástrofe, o efeito e a duração dum relampago.

Dessa ânsia, dessa sofreguidão de leitura, quasi sempre, mal digerida, surgem idéias as mais disparatadas; criam-se credos, os mais absurdos; amalgamam-se, consubstanciam-se desejos mais iníquos,

E nessa proliferação desmedida de idéias, onde a vaidade se mescla o egoísmo, onde se pressente, com tristeza, com máguia, na maioria dos casos, o desejo da vitória da Força sobre o Direito, vive o homem-contemporâneo, insatisfeito com tudo que o cerca, porque vive insatisfeito consigo mesmo.

E o que sente a inquietação viva, palpável, dominadora do momento atual, olhando, com a vista e o pensamento, o panorama psíquico do universo, sentindo com o ouvido e o coração toda a toriura do desejo de compreender, de desvendar que domina as criaturas, vendo no ocaso da civilização o ocaso do proprio homem, na acepção elevada do vocábulo, indaga de si mesmo:

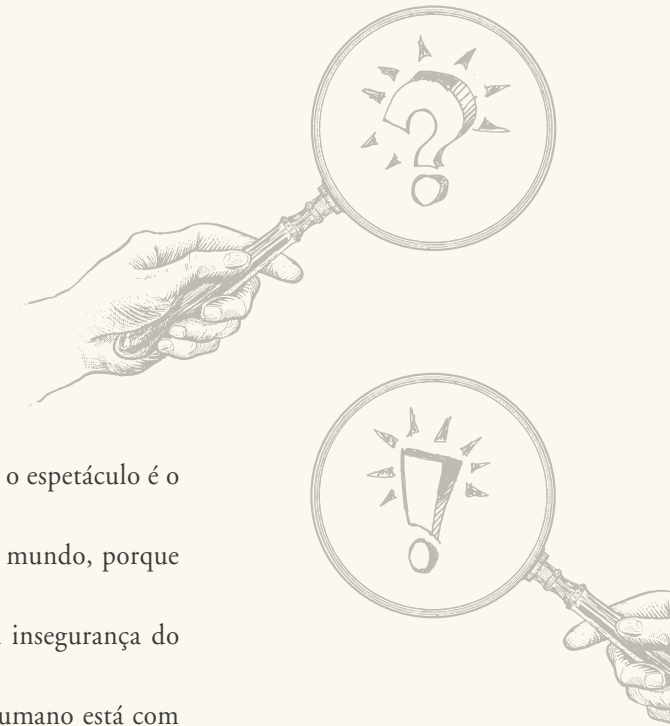
Para onde iremos? Até onde chegaremos?



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano I - Nº 88  
01 de julho de 1934

*REPÚBLICA, 01 de julho de 1934*

Há, fatalmente, no momento atual, uma grande falta de controle, em todo o mundo. Em toda a parte, para onde se voltem os olhares ou até onde nos chegue o pensamento, o espetáculo é o mesmo: inquietação extraordinária, uma interrogação constante e angustiada. O panorama do desencanto é o mesmo no homem consciente, nas nações, em todo o mundo, porque estes nada mais são que o reflexo daquele. Não há quem não cogite o porquê desta marcha assombrosa para um Futuro, que a insegurança do Presente nos faz temer. E quem se fez espectador involuntário desse acaso de civilização, em que o egoísmo humano está com todas as válvulas abertas, em que paira no ar, muda, mas perceptível e, não menos perigosa, uma onda de desencanto rebelde, quem se fez espectador involuntário de todo esse naufrágio, dominado pela inquietação que monopoliza todas as criaturas conscientes, indaga de si mesmo: Até onde chegaremos? Para onde iremos? E, em todas as latitudes, os espíritos conscientes abeiram<sup>1</sup>-se os livros, com a sofreguidão dos sedentos. Querem o porquê do tenebroso momento. E perguntam, auscultam<sup>2</sup>, sondam, investigam e os sábios meditam e expõem e todo o esforço destes para satisfazer aqueles tem, dentro da grande catástrofe, o efeito e a duração dum relâmpago. Dessa ânsia, dessa sofreguidão de leitura, quase sempre, mal digerida, surgem ideias as mais disparatadas; criam-se credos, os mais absurdos; amalgamam<sup>3</sup>-se, consubstanciam<sup>4</sup>-se desejos mais iníquos<sup>5</sup>. E nessa proliferação desmedida de ideias, onde a vaidade se mescla o egoísmo, onde se pressente, com tristeza, com mágoa na maioria dos casos, o desejo da vitória da Força sobre o Direito, vive o homem contemporâneo, insatisfeito com tudo que o cerca, porque vive insatisfeito consigo mesmo. E o que sente a inquietação viva, palpável, dominadora do momento atual, olhando, com a vista e o pensamento, o panorama psíquico do universo, sentindo com o ouvido e o coração toda a tortura do desejo de compreender, de desvendar, que domina as criaturas, vendo no acaso da civilização o acaso do próprio homem, na acepção<sup>6</sup> elevada do vocábulo<sup>7</sup>, indaga de si mesmo: Para onde iremos? Para onde chegaremos?



1 - Aproximam-se.

2 - Investigam. Em medicina, é o procedimento de colocar o estetoscópio ao pulmão ou coração, a fim de procurar sintomas.

3 - Misturam-se. 4 - Tornam-se uma mesma substância, uma mesma coisa. 5 - Maldosos, indignos.

6 - Significado, sentido. 7 - Palavra.



# FARRAPOS DE IDÉIAS

## MARIA DA ILHA

Há, na estreiteza da vida, uma maravilha que os homens admiram, sem, no entanto, procurar achá-la, em si mesmos -- a virtude da bondade.

E não grande é essa indiferença que, muita vez, por um estrabismo muito humano, chegam a confundir gestos de bondade com os de timidez e covardia.

E, neste período aureo da força, toda gente tem vontade e nutre a ilusão de ser valente.

Os homens vivem a esmurrar-se, voluntariamente, para orgulho próprio e prazer da assistência.

E as criaturas não pensam, nunca, na atitude desleigante, ridícula e inferior dos que vão assistir, não, como na antiguidade, às lutas de feras, mas às de seus irmãos de espécie.

E, notando-se, é de las timar-se como gosam a beleza inédita do espetáculo.

A tudo isto se batem palmas, com o entusias-

mo das pessoas fortes, saídas e... civilizadas.

E contam-se os socos e, ainda, como uma apoteose, digna dos nossos dias, carrega-se, nos ombros, o vencedor...

Neste ambiente de brutalidade, é impossível aos homens, na brevidade da vida, conseguirem trazer à superfície, vencendo todo o mal, a maravilha sem-fim da bondade que se oculta em cada coração.

E estes desejos individuais de luta transmitem-se às coletividades, às nações sobre que paira, terrível e ameaçador, o egoísmo desmedido dos armamentistas.

E' preciso que os homens se revelem Caim, para que a riqueza sonante lhes entupa as gavetas e os cofres fortes.

E' preciso que a loucura vermelha domine as criaturas, para que sobre os cadáveres edifiquem os seus palácios.

Daf as palavras sonoras,

lindas e feiticeiras, desejosas de paz, que, de quando em vez, nos ferem os ouvidos, não conseguem dar à vida, o ritmo de beleza e de tranquilidade, para que foi feita.

As nações chegam a descer dos seus tratados.

Querem a paz. A guerra é a mais negra e terrível das fatalidades, todavia, armam-se, temendo sempre esperando sem pre...

E a Liga das Nações... desliga.

E, quando, talvez para gosar um instante de grande revelação psicológica, se propôs o desarmamento integral, os ouvidos dos que se batiam, com entusiasmo, pela concórdia mundial, escandalizaram-se.

No entanto, na aparência, vivemos uma época em que tudo coopera para a realização integral da finalidade da existência.

Vivemos uma época em que se zombam das dis-

tâncias, pelas mais soberbas conquistas científicas.

Gosamos a facilidade de nos pormos em contacto direto e imediato, com os povos de todos os continentes.

Sentimos o palpitar da emoção na voz do irmão invisível, mas audível, pela maravilha do rádio.

Gunhamos o ar, porque a terra e o mar não satisfaziam já a vertigem da vida. E os pássaros de aço vão e vêm, desfazendo distâncias, ganhando tempo.

E tudo quanto o homem sonhou e realizou, e que parecia emprestar à vida a graça de viver, humanamente, tudo isso não conseguiu que, na alma das criaturas, desabrochasse a flôr da bondade.

E assim, rebeldes e indiferentes à máxima Beleza, que é o máximo Bem, as criaturas vivem e passam, iluminadas, sempre, por uma egolatria profunda que lhes limita e amesquinha os horizontes.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano I - Nº 111  
29 de julho de 1934



### *REPÚBLICA, 29 de julho de 1934*

Há, na estreiteza da vida, uma maravilha que os homens admiram, sem, no entanto, procurar achá-la, em si mesmos – a virtude da bondade. E tão grande é essa indiferença que, muita vez, por um estrabismo muito humano, chegam a confundir gestos de bondade com os de timidez e covardia. E, neste período áureo da força, toda gente tem vontade e nutre a ilusão de ser valente. Os homens vivem a esmurrar-se, voluntariamente, para orgulho próprio e prazer da assistência. E as criaturas não pensam, nunca, na atitude deselegante, ridícula e inferior dos que vão assistir, não como na antiguidade, às lutas de feras, mas às de seus irmãos de espécie. E, notando-se, é de lastimar-se como gozam a beleza inédita do espetáculo. A tudo isto se batem palmas, com o entusiasmo das pessoas fortes, sadias e... civilizadas. E contam-se os socos e, ainda, como uma apoteose<sup>1</sup>, digna dos nossos dias, carrega-se, nos ombros, o vencedor... Nesse ambiente de brutalidade, é impossível aos homens, na brevidade da vida, conseguirem trazer à superfície, vencendo todo o mal, a maravilha sem fim da bondade que se oculta em cada coração. E esses desejos individuais de luta transmitem-se às coletividades, às nações sobre as quais paira, terrível e ameaçador, o egoísmo desmedido dos armamentistas. É preciso que os homens se revelem Caim, para que a riqueza sonante<sup>2</sup> lhes entupa as gavetas e os cofres fortes. É preciso que a loucura vermelha domine as criaturas, para que sobre os cadáveres edifiquem os seus palácios. Daí as palavras sonoras, lindas e feiticeiras, desejosas de paz que, de quando em vez, nos ferem os ouvidos, não conseguirem dar à vida o ritmo de beleza e de tranquilidade, para que foi feita. As nações chegam a descreer dos seus tratados. Querem a paz. A guerra é a mais negra e terrível das fatalidades, todavia armam-se, temendo sempre, esperando sempre... E a Liga das Nações... desliga. E, quando, talvez para gozar um instante de grande revelação psicológica, se propôs o desarmamento integral, os ouvidos dos que se batiam, com entusiasmo, pela concórdia mundial, escandalizaram-se. No entanto, na aparência, vivemos uma época em que tudo coopera para a realização integral da finalidade da existência. Vivemos uma época em que se zombam das distâncias, pelas mais soberbas conquistas científicas. Gozamos a facilidade de nos pormos em contato direto e imediato com os povos de todos os continentes. Sentimos o palpitar da emoção na voz do irmão invisível, mas audível, pela maravilha do rádio. Ganhamos o ar, porque a terra e o mar não satisfaziam já a vertigem da vida. E “os pássaros de aço”<sup>3</sup> vão e vêm, desfazendo distâncias, ganhando tempo. E tudo quanto o homem sonhou e realizou, e que parecia emprestar à vida a graça de viver, humanamente, tudo isso não conseguiu que, na alma das criaturas, desabrochasse a flor da bondade. E assim, rebeldes e indiferentes à máxima Beleza, que é o máximo Bem, as criaturas vivem e passam, iluminadas, sempre, por uma egolatria profunda que lhes limita e amesquinha<sup>4</sup> os horizontes.

1 - Grande festa, grande ocasião de comemoração. Historicamente, era a cerimônia que tornava divinos os imperadores romanos.

2 - Que soa, faz barulho. 3 - Os aviões. 4 - Torna pequeno, desprezível, mesquinho.

# Falando aos moços

Antonieta de Barros<sup>1</sup>

Todo bem moral que uma Sociedade guarde, é reflexo das forças morais dos indivíduos que a compõem.

Dentro da vida, há, pois, o impeditivo do cultivo das forças morais, para a conquista silenciosa das míseras de felicidade, com que nos apresenta a caminhada.

Mas este cultivo exige disciplina, que é a vontade em ação.

Quando falamos em disciplina, nunca estamos de pensar em passividade, que é a anulação de todos os princípios de dignidade, necessários a cada criatura.

Queremos a disciplina consciente, aquela, que é o mais belo fruto da conquista do indivíduo sobre si mesmo, pelo poder da vontade.

Queremos o respeito à individualidade do próximo, pelo conhecimento perfeito da própria individualidade.

Queremos a ação circunscrita a estes princípios morais.

Em disciplina consciente, há a compreensão do dever, e da ordem, e base propícia para harmonia social.

A família e a escola, sociedades primeiras em que o homem vive, não podem prescindir do seu concurso.

Nestas sociedades, responsáveis pelo homem de amanhã, o que significa dizer pelo futuro dos povos, a disciplina é uma espécie de cinto e bota, com que os educadores desforçam as infalíveis armas anímicas, possibilitando à criatura um perfeito entendimento, sem os choques que pisam e maltratam.

Nela convergem para neutralizar-se, todos os interesses, diversos e múltiplos, dos componentes de um grupo, para um bem maior deste mesmo grupo.

Sem ela, é inútil o esforço dos que trabalham, no Presente, o Futuro, porque lhes falta apoio e força, para chegar às alamedas anímicas, onde a seu exemplo e a sua palavra serão luz e calor, vivificantes, sem ela, os educandos não alcançarão a plenitude das bases necessárias a uma caminhada segura, sem tropeços e cotoveladas.

Na conquista de si mesmo, a criatura registra a mais nobre e a mais bela porque a mais difícil das conquistas, numa esplêndida afirmação de personalidade.

O futuro é dos moços.

A indisciplina para o caso não é caminho para educação.

Urge, pois, que os educadores preparem o caminho dos educandos, para lhes evitar acasos de evitáveis aborrecimentos, de uma

vinda-floa, tanto quanto possível, o horizonte.

Urge que os educadores lhes apresentem as armas, despertando-lhes o sentimento do dever, por meio de uma disciplina consciente.

Urge que nem ingratidão nem má vontade, nem a possível maldade sejam capazes de arrefecer o entusiasmo dos que firmam o futuro da Pátria, o objetivo da sua caminhada.

Que todos encontrem, por meio da disciplina, que é o conhecimento da verdade em ação, o apoio das forças elevadas, em apoio velamento, sem máfias e sem tropeços.

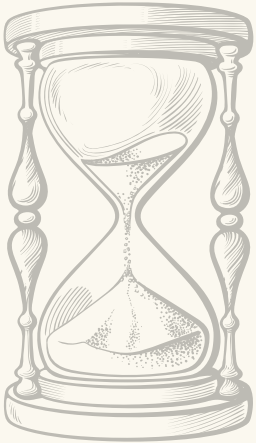
Que se empenhem todos, com firmeza e coragem, por uma juventude, conscientemente, inteiramente, disciplinada — educada, sem servilismo, portanto — se podem esperar, no futuro, os dias de glória a que têm direito a pátria.



**“Falando aos Moços”  
crônica publicada em  
O IDEALISTA**

*(Órgão Oficial do Grêmio Cultural  
“Antonieta de Barros” do Instituto  
de Educação de Florianópolis)*

*Ano I – Nº 04  
Agosto de 1945*



### *O Idealista, 1 de agosto de 1945*

Todo bem moral que uma Sociedade gozar é reflexo das forças morais dos indivíduos que a compõem. Dentro da vida, há, pois, o imperativo do cultivo das forças morais, para a conquista consciente das migalhas de felicidade, com que nos presenteia a caminhada. Mas esse cultivo exige disciplina, que é a vontade em ação. Quando falamos em disciplina, longe estamos de pensar em passividade, que é a anulação de todos os princípios de dignidade, necessários a cada criatura. Queremos a disciplina consciente, aquela que é o mais belo fruto da conquista do indivíduo sobre si mesmo, pelo poder da vontade. Queremos o respeito à individualidade do próximo, pelo conhecimento perfeito da própria individualidade. Queremos a ação circunscrita a esses princípios morais. Em disciplina consciente, há a compreensão do dever e da ordem, e base propícia para harmonia social. A família e a escola, sociedades primeiras em que o homem vive, não podem prescindir do seu concurso. Nestas sociedades, responsáveis pelo homem de amanhã, o que significa dizer pelo futuro dos povos, a disciplina é uma espécie de cinzel<sup>1</sup> e buril<sup>2</sup>, com que os educadores desfazem as infalíveis arestas anímicas<sup>3</sup>, possibilitando às criaturas um perfeito entendimento, sem os choques que pisam e maltratam. Nela convergem, para neutralizar-se, todos os interesses, diversos e múltiplos, dos componentes de um grupo, para um bem maior desse mesmo grupo. Sem ela, é inócuo<sup>4</sup> o esforço dos que trabalham, no Presente, o Futuro, porque lhes falta apoio e força, para chegar às alamedas anímicas, onde o seu exemplo e a sua palavra serão luz e calor vivificantes; sem ela, os educandos não alcançarão a plenitude das bases necessárias a uma caminhada segura, sem tropeços e cotoveladas. Na conquista de si mesmo, a criatura registra a mais nobre e a mais bela, porque a mais difícil, das conquistas, numa esplendente afirmação de personalidade. O futuro é dos moços. A indisciplina gera o caos e não é caminho para educação. Urge, pois, que os educadores preparem o caminho dos educandos, para lhes evitar acúmulo de evitáveis aborrecimentos, desanuviando-lhes, tanto quanto possível, o horizonte. Urge que os educadores lhes aparem as arestas, despertando-lhes o sentimento do dever, por meio duma disciplina consciente. Urge que nem ingratidão, nem má vontade, nem a possível maldade sejam capazes de arrefecer<sup>5</sup> o entusiasmo dos que fizeram do futuro das Pátrias, o objetivo da sua caminhada. Que todos encontrem, por meio da disciplina, que é o conhecimento das veredas em ascensão, o lado das coisas elevadas, sem acotovelamento, sem maldade e sem tropeços. Que se empenhem todos, com fé, nessa realização, porque só duma juventude conscientemente, inteligentemente disciplinada – educada, sem servilismo, portanto – se podem esperar, no futuro, os dias de glória a que têm direito as pátrias.



- 1 - Ferramenta de carpinteiro ou escultor.
- 2 - Outro tipo de cinzel, mais fino e propício à gravação em metais.
- 3 - Relativo à alma. No contexto, marcas da personalidade.
- 4 - Sem efeito.
- 5 - Diminuir.

# Falando aos moços

Antonieta de Barros

Há, na vida das criaturas, um caminho reto que as leva ao progresso, pondo-lhes em relevo a dignidade.

Este caminho não é sempre de flores, nem de sombras, porque é de ascensão. E as escadadas são, quase sempre, custosas.

No entanto, por ele, o homem realiza-se, aprende a viver, verticalmente, e conhece o valor real das cousas que conquista, porque, em todas, há o suor do próprio rosto.

Este caminho é o que o trabalho ilumina, o que o trabalho rasga, o que o trabalho aligeira e constrói.

Não o trabalho sob pressão, não o trabalho do escravo, não o trabalho que se apresenta como uma maldição, mas o trabalho consciente, mas o trabalho livre, mas o trabalho que surge, como um imperativo da nossa condição de humanos, para nos encher de nobreza e majestade a trajetória.

E que só o trabalho dá ao homem, a possibilidade e o direito de viver a vida, sentindo-se criatura digna de vivê-la.

Não se compreende a existência, dentro do prisma da inatividade e da improdutividade.

Dai, todo aquele que não cumpre o imperativo genésico do comeras do suor do teu rosto, ser menos do que as cousas, porque lhe falta o princípio de ação, para que foi criado.

Assim, embora se diversifiquem as estradas, irmanam-se pelo trabalho, todos os que realizam um esforço, para a conquista do Bem, todos os que, conscientemente, praticam uma ação, que vise a felicidade do próximo.

O trabalho é fartura, e bênção, e alegria, e oração!

E o homem a eternizar-se, anônimamente, no Bem, no Conforto, nas migalhas de Felicidade, que conseguiu reunir, contribuindo, para embelezar o próprio caminho e o caminho da coletividade.

Só ele desvenda para cada um de nós, o encanto dos horizontes azuis da independência moral e econômica.

Por ele, concretizam-se os sonhos mais alevantados e dão-se à vida o esplendor e a poesia de que precisa, para ser plenamente vivida.

Há um delicado e harmonioso poema de ternura que identifica e unifica o gesto do que semeia; do que maneja as ferramentas; do que movimentar e dirige as máquinas; do que empunha o livro; do que dirige o lar; do que vigia e guarda a integridade do solo e defende a vida da Pátria, na pureza das tradições e no respeito às leis; do que procura roubar ao homem o amargor do sofrimento; do que fixa um pensamento de arte; e na bondade do que ensina a ver Deus, no seu semelhante.

Este poema vivido, cada dia, com o mesmo entusiasmo, com a mesma emoção, com a mesma consciência, não desmerece, nunca, na sua extraordinária beleza de simplicidade, nem no seu infinito valor, porque, por ele, mais se firma, e eleva, e sublima a força moral, que é a nossa própria dignidade, e que nos permite viver de pé, agir de pé, e, ainda, cair de pé!...

A dignidade do indivíduo é a dignidade da Família. E, sendo a Pátria a Família amplificada, no dizer feliz de Rui, façamos das nossas caminhadas, uma dignidade em ascensão, trabalhando, e realizando, e construindo, e aperfeiçoando, em cada momento, à Pátria, com que a bondade do Senhor nos presenteou.

E orgulhosos da tarefa com que o destino nos premiou, dando-nos, para berço o nosso extraordinário Brasil, trabalhe-mos, com carinho, devotadamente, no sentido de dar à Pátria Brasileira, maior grandeza e eternidade esplendorosa!

E, agora e sempre, cérebro e coração, pensamento e ação, coesos, unos, indivisíveis, com Deus, para o Brasil e pelo Brasil!

Maio, 1946.



**"Falando aos Moços"**  
crônica publicada em  
**O IDEALISTA**

(Órgão Oficial do Grêmio Cultural  
"Antonieta de Barros" do Instituto  
de Educação de Florianópolis)

Ano II - Nº 08

Maio e junho de 1946



### *O IDEALISTA, 01 de junho de 1946*

Há, na vida das criaturas, um caminho reto que as leva ao progresso, pondo-lhes em relevo a dignidade.

Esse caminho não é sempre de flores, nem de sombras, porque é de ascensão. E as escaladas são, quase sempre, custosas.

No entanto, por ele o homem realiza-se, aprende a viver, verticalmente, e conhece o valor real das coisas que conquista porque, em todas, há o suor do próprio rosto.

Esse caminho é o que o trabalho ilumina, o que o trabalho rasga, o que o trabalho alicerça e constrói.

Não o trabalho sob pressão, não o trabalho do escravo, não o trabalho que se apresenta como uma maldição, mas o trabalho consciente, mas o trabalho livre, mas o trabalho que surge, como um imperativo da nossa condição de humanos, para nos encher de nobreza e majestade a trajetória. É que só o trabalho dá ao homem a possibilidade e o direito de viver a vida, sentindo-se criatura digna de vivê-la.

Não se compreende a existência dentro do prisma da inatividade e da improdutividade.

Daí, todo aquele que não cumpre o imperativo genesíaco<sup>1</sup> do comerás do suor do teu rosto, ser menos do que as coisas, porque lhe falta o princípio de ação, para que foi criado.

Assim, embora se diversifiquem as estradas, irmanam-se pelo trabalho todos os que realizam um esforço para a conquista do Bem, todos os que, conscientemente, praticam uma ação que vise à felicidade do próximo.

O trabalho é fartura, é bênção, é alegria, é oração!

É o homem a eternizar-se, anonimamente, no Bem, no Conforto, nas migalhas de Felicidade que conseguiu reunir, contribuindo para embelezar o próprio caminho e o caminho da coletividade.

Só ele desvenda para cada um de nós o encanto dos horizontes azuis da independência moral e econômica.

Por ele concretizam-se os sonhos mais elevados e dão-se à vida o esplendor e a poesia de que precisa, para ser plenamente vivida.

Há um delicado e harmonioso poema de ternura que identifica e unifica o gesto do que semeia; do que maneja as ferramentas; do que movimenta e dirige as máquinas; do que empunha o livro; do que dirige o lar; do que vigia e guarda a integridade do solo e defende a vida da Pátria, na pureza das tradições e no respeito às leis; do que procura roubar ao homem o amargor do sofrimento; do que fixa um pensamento de arte; e na bondade do que ensina a ver Deus no seu semelhante.

Esse poema vivido, cada dia, com o mesmo entusiasmo, com a mesma emoção, com a mesma consciência, não desmerece, nunca, na sua extraordinária beleza de simplicidade, nem no seu infinito valor, porque, por ele, mais se firma, e eleva, e sublima a força moral, que é a nossa própria dignidade, e que nos permite viver de pé, agir de pé, e, ainda, cair de pé! . . .

A dignidade do indivíduo é a dignidade da Família. E, sendo a Pátria a Família amplificada, no dizer feliz de Rui, façamos das nossas caminhadas uma dignidade em ascensão, trabalhando, e realizando, e construindo, e aperfeiçoando em cada momento a Pátria com que a bondade do Senhor nos presenteou.

E orgulhosos da tarefa com que o destino nos premiou, dando-nos, para o berço o nosso extraordinário Brasil, trabalhemos, com carinho, devotadamente, no sentido de dar à Pátria Brasileira maior grandeza e eternidade esplendorosa!

E, agora e sempre, o cérebro e coração, pensamento e ação, coesos, unos, indivisíveis, com Deus, para o Brasil e pelo Brasil!



<sup>1</sup> - Relativo ao Gênesis, primeiro livro da Bíblia.

A voz harmoniosa e educada do locutor de uma das Rádio do Rio, colocando-nos o mundo, dentro de casa, como dizem os anúncios de receptores, conta-nos, há dias, que um dos nossos governadores, corrigindo ato seu que julgara ilegal, havia determinado a readmissão de funcionários que dispensara ou exonerara.

Foi a nota final que nos despertou a atenção.

Por isto mesmo, não pegamos o nome do Estado feliz que tem à sua frente esse Homem excepcional.

E quanto lastimamos não ter prestado atenção a todo o noticiário ...

Sim, porque merece registro o nome de quem assim age, nestes tempos em que os atos de justiça andam em situação dolorosa.

Todavia, embora desconhecendo o nome do autor, a grandeza do gesto que dignifica a criatura humana, aí está, impondo-se à meditação dos que buscam, no comportamento humano, um pouco mais do que um simples comportamento ...

xxx

O erro é próprio do homem. Ele aparece em toda a história humana, como frisante característico da nossa condição.

A infalibilidade é dom divino.

Assim, o erro não pode constituir, dentro da vida do homem, falha máxima, capaz de lhe fechar o caminho, para as conquistas sobreceadoras da moral individual.

## Farrapos de Idéias

MARIA DA ILHA

Mesmo os que pensam, e caminhando e agindo com cuidado, querem acertar, mesmo estes desacertam, muitas e muitas vezes.

Mas o erro não é pecado sem perdão só até que o reconhecamos, até que não-lo mostrem, até que não-lo indiquem e dele nos dêem provas provadas. Aí fica o limite da nossa inculpabilidade.

Dal em diante, depois disso, seremos culpados, porque erraremos conscientemente, porque teimamos em não querer fazer da caminhada, uma sementeira de Luz, onde o Bem floresça, e nos eternize os princípios de Justiça, que devíamos concretizar.

xxx

Se bem que o erro seja uma condição da nossa fraqueza e cegueira humanas, ele se avulta e toma proporções formidáveis, quando quem o pratica é responsável pela felicidade de um grupo.

O erro dos pais, dos educadores, dos chefes é, sempre, um grande erro, pelo reflexo que pode ter na diretriz da vida dos filhos, dos educandos, dos subordinados.

No entanto, atitudes há capazes de redimir e

purificar as criaturas, mesmo aquelas, cujo comportamento é lição para os grupos e coletividades.

Estas atitudes são as que ajustam as criaturas à sua condição de humanos, levando-as, dentro do grupo ou da coletividade que supervisionam, a reconhecer que erraram.

xxx

A confissão do erro é manifestação de liberdade, de superioridade, de alta compreensão do sentido da vida, uma escalada em busca de um pouco melhor e mais perfeito ...

Quando o homem declara que está errado e procura outros rumos, já alcançou aquele alto grau de perfeição espiritual de que nos vem a coragem da Verdade e o pudor da injustiça, e graças à qual vemos a retinência dos caminhos e compreendemos a tristeza e o crime dos direitos espeznados e feridos ...

xxx

E o nosso pensamento voltou ao Estado feliz e ao homem excepcional, cujos nomes fugiram, na rapidez vertiginosa do som ...

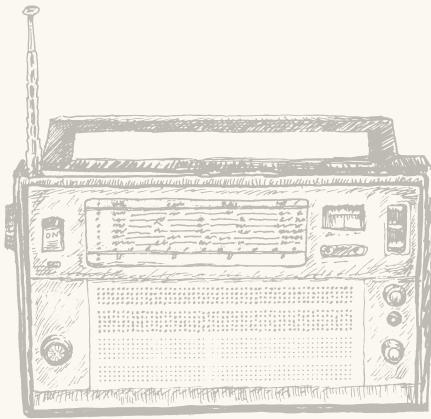
E batemos palmas ao admirável homem público brasileiro, por não se correr de apontar e corrigir erros que praticou, levado pelo zelo excessivo, ou por informações apaixonadas ou por cegueira momentânea do partidarismo faccioso.

xxx

Mas ... aonde nos leva o hábito de meditar? Como é dolorosa, às vezes, a lei dos contrastes!...



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVII – Nº 11.142  
27 de maio de 1951



### O ESTADO, 27 de maio de 1951

A voz harmoniosa e educada do locutor de uma das Rádios do Rio, colocando-nos o mundo, dentro de casa, como dizem os anúncios de receptores, contava-nos, há dias, que um dos nossos governadores, corrigindo ato seu que julgara ilegal, havia determinado a readmissão de funcionários que dispensara ou exonerara.

Foi a nota final que nos despertou a atenção.

Por isso mesmo, não pegamos o nome do Estado feliz que tem à sua frente esse Homem excepcional.

E quanto lastimamos<sup>1</sup> não ter prestado atenção a todo o noticiário...

Sim, porque merece registro o nome de quem assim age, nestes tempos em que os atos de justiça andam em situação dolorosa.

Todavia, embora desconhecendo o nome do autor, a grandeza do gesto que dignifica a criatura humana, aí está, impondo-se à meditação dos que buscam, no comportamento humano, um pouco mais do que um simples comportamento...

O erro é próprio do homem. Ele aparece em toda a história humana, como frisante característico da nossa condição.

A infalibilidade<sup>2</sup> é dom divino.

Assim, o erro não pode constituir, dentro da vida do homem, falha máxima, capaz de lhe fechar o caminho, para as conquistas enobrecedoras da moral individual.

Mesmo os que pensam, e, caminhando e agindo com cuidado, querem acertar, mesmo estes desacertam, muitas e muitas vezes.

Mas o erro não é pecado sem perdão só até que o reconheçamos, até que no-lo mostrem, até que no-lo indiquem e dele nos deem provas provadas.

Aí fica o limite da nossa inculpabilidade.

Daí em diante, depois disso, seremos culpados, porque erraremos conscientemente, porque teimamos em não querer fazer da caminhada, uma sementeira de Luz, onde o Bem floresça, e nos eternize os princípios de Justiça, que devíamos concretizar.

Se bem que o erro seja uma condição da nossa fraqueza e cegueira humanas, ele se avulta<sup>3</sup> e toma proporções formidáveis, quando quem o pratica é responsável pela felicidade de um grupo.

O erro dos pais, dos educadores, dos chefes é, sempre, um grande erro, pelo reflexo que pode ter na diretriz da vida dos filhos, dos educandos, dos subordinados.

No entanto, atitudes há capazes de redimir e purificar as criaturas, mesmo aquelas, cujo comportamento é lição para os grupos e coletividades.

Essas atitudes são as que se ajustam as criaturas à sua condição de humanos, levando-as, dentro do grupo ou da coletividade que supervisionam, a reconhecer que erraram.

A confissão do erro é manifestação de liberdade, de superioridade, de alta compreensão do sentido da vida, uma escalada em busca de um pouco melhor e mais perfeito...

Quando o homem declara que está errado e procura outros rumos, já alcançou aquele alto grau de perfeição espiritual de que nos vem a coragem da Verdade e o pudor da injustiça, e graças à qual vemos a retinidade<sup>4</sup> dos caminhos e compreendemos a tristeza e o crime dos direitos espezinhados<sup>5</sup> e feridos...

E o nosso pensamento voltou ao Estado feliz e ao homem excepcional, cujos nomes fugiram, na rapidez vertiginosa do som...

E batemos palmas ao admirável homem público brasileiro, por não se correr de apontar e corrigir erros que praticou, levado pelo zelo<sup>6</sup> excessivo, ou por informações apaixonadas ou por cegueira momentânea do partidarismo faccioso<sup>7</sup>.

Mas... aonde nos leva o hábito de meditar?

Como é dolorosa, às vezes, a lei dos contrastes! ...

1 - Lamentamos. 2 - Ser infalível.

3 - Cresce, ganha vulto.

4 - Retidão, característica do que é certo, correto, justo.

5 - Feridos, machucados, pisoteados. 6 - Cuidado.

7 - Que separa em facções, em grupos contrários.



Atina o Legislativo Federal de nos dar uma lei em que se reconheça oficialmente, o preconceito racial no país.

É, como um grito da alma brasileira — democrática, até mesmo, quando tratamos a governar-nos cabeças coroadas — os legisladores apontam esse comportamento como crime passível de pena.

Lendo a lei em foco, que nos vem chegando, quando, no cenário mundial, nós nos projetamos como uma potência, cuja capital deixou de ser para os homens amigos europeus, Buenos Aires «tão mal nos conhece!» sentimos que estamos a retroceder, educacionalmente.

Qualquer coisa de muito grave deve estar inflando na nossa vida e perturbando-nos a nós mesmos, para que os legisladores tenham tomado aquela medida.

O apocalipse carnívoro que sempre deitamos a todos quantos, respeitando-nos as leis e a sensibilidade, quiseram partilhar da nossa vida, constitui a mais palpável manifestação do nosso alto índice de educação.

A nossa própria formação étnica indica pelo elevado índice de cruzamentos raciais, que não nos podemos dar ao luxo deplorável de preconceitos de raça.

XXX

Se os fatos que provocaram o grito da lei, são praticados por estrangeiros, tiremos do nosso ambiente, os que procuram desfiger um dos mais preciosos traços da nossa formação moral.

Mas, se, paradoxalmente, depois de termos dado, sem obter adiversas as raças, o sangue dos nossos praticantes pela cívica da Liberdade e da Democracia, descemos, neste Brasil de índio, de europeu e de negro, a existência de preconceito, será uma lei que nos orgulha.

Não. Não iremos a nós, ou não, por um decreto.

## Farrapos de Ideias

MARIA DA ILHA

A beleza da alma não se consegue impor a ninguém.

A decora de sentimentos que distanciam, mais e mais, a criatura dos brutos, não se alcança à força.

Lei alguma dilata e ilumina os horizontes do coração dando aos homens os gestos que os elevam, conscientemente.

E isto, porque a lei mibe, mas não educa.

E os comportamentos humanos, capazes de glorificar as criaturas, libertando-as do acanhamento e da estreiteza de sentimentos pequeninos, com os preconceitos, são frutos de educação.

E as sanções? poderão perguntar-nos.

Que representam elas para os maus conscientizados, para aqueles cujo coração não se abre para as coisas belas e perfeitas da vida?

O mau não teme as sanções, porque lhe falta educação para respeitar no próximo, tudo quanto é fonte de respeito em si mesmo.

XXX

Se o medo às sanções pudesse reter os gestos que amesquinham os homens pela ausência de afetividade ou os animalizam, numa vertigem de sangue, as Penitenciárias deixariam de existir, pela sua desnecessidade.

No entanto, elas aí estão, para a recuperação do homem a quem faltou luz interior, para vencer-se, quando as circunstâncias o arrastavam no declive doloroso, em que o bruto foi mais forte.

E esta recuperação é obra da educação.

XXX

Daí entendermos a incoerência da lei, que faz do preconceito um crime, se, paralela e intencionalmente, lar e escola não trabalharem no sentido de reconduzir o Brasil ao nível educacional, donde não se deveria ter desviado.

O trabalho é, pois, de educação, porque, ao por meio dela, gestos e atitudes esplendentes, refletindo as belezas, cuidadosamente e conscientemente, cultivadas, nos mundos anímicos.

Porá disto, a lei não terá o valor construtivo que o legislador lhe quis emprestar.

Os que se deixaram contagiar pela deseducação sentimental de outros povos, os que vieram viver conosco, não querendo ajustar-se à nossa civilização, encontrarão sempre, mesmo de burla-la, pelos subterfúgios que a maldade ensina e que corrompem os aliterces mais sólidos.

XXX

Ao poder destruidor da soberania dos maus, e da maneira de agir dos que vivem fechados no aranhamento do próprio Ego, temos de oper a grandeza construtiva numa educação, que seja a nossa, para que não nos neguemos como povo superior.

Que cada lar e cada escola, numa ação conjunta, seja rica sementeira da nossa civilização, onde os preconceitos raciais não encontram clima, porque si aceitamos a aristocracia do espírito!

Façamos do lar e da escola, núcleos, donde se projetarão, com o brilho de sóis, os sentimentos cristãos de um Brasil, bem e profundamente brasileiro, de um Brasil, onde se julgam e consideram as criaturas pela nobreza de caráter, pelo esplendor das ações, pelo fulgor da inteligência, pelo amor ao trabalho, pela estirpe de Rom que ilumina as caminhadas, sem se perder, nas tolas pequeninas e insignificâncias de raça, cor, credo político e religioso!

E, reagindo assim, o céu não consentirá que sejamos vencidos.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.189  
22 de julho de 1951



### O ESTADO, 22 de julho de 1951

Acaba o Legislativo Federal de nos dar uma lei, em que se reconhece, oficialmente, o preconceito radical no país.

E, como um grito na alma brasileira – democrática, até mesmo quando tínhamos a governar-nos cabeças coroadas – os legisladores apontam esse comportamento como crime passível de pena. Lendo a lei em foco, que nos vem chegando, quando, no cenário mundial, nós nos projetamos como uma potência, cuja capital deixou de ser para nossos amigos europeus, Buenos Aires (tão mal nos conheciam!), sentimos que estamos a retroceder, educacionalmente.

Qualquer coisa de muito grave deve estar influenciando na nossa vida e roubando-nos a nós mesmos, para que os legisladores tenham tomado aquela medida.

O agasalho carinhoso que sempre demos a todos quantos, respeitando-nos as leis e a sensibilidade, quiseram partilhar da nossa vida, constitui a mais palpável manifestação do nosso alto índice de educação.

A nossa própria formação étnica indica pelo elevado índice de cruzamentos raciais que não nos podemos dar ao luxo deplorável de preconceitos de raça.

Se os fatos que provocaram o grito da lei são praticados por estrangeiros, tiremos do nosso ambiente os que procuram desfazer um dos mais belos traços da nossa formação moral.

Mas, se, paradoxalmente, depois de termos dado, sem olhar cores ou raças, o sangue dos nossos pracinhas pela vitória da Liberdade e da Democracia, descemos, neste Brasil do índio, do europeu e do negro, à estreiteza do preconceito, será uma lei que nos erguerá?

Não. Ninguém é bom ou mau por um decreto. A beleza da alma não se consegue impor a ninguém.

A doçura de sentimentos que distanciam, mais e mais, a criatura dos brutos, não se alcança à força.

Lei alguma dilata e ilumina os horizontes do coração dando aos homens os gestos que os elevam, conscientemente.

E isto, porque a lei inibe, mas não educa.

E os comportamentos humanos, capazes de glorificar as criaturas, libertando-as do acanhamento<sup>1</sup> e da estreiteza de sentimentos pequeninos, como os preconceitos, são frutos de educação.

E as sanções<sup>2</sup>? Poderão perguntar-nos.

Que representam elas para os maus conscientes, para aqueles cujo coração não se abre para as coisas belas e perfeitas da vida?

O mau não teme as sanções, porque lhe falta educação para respeitar no próximo tudo quanto é fonte de respeito em si mesmo.

Se o medo às sanções pudesse reter os gestos que amesquinham os homens pela ausência de afetividade ou os animalizam, numa vertigem de sangue, as Penitenciárias deixariam de existir, pela sua desnecessidade.

No entanto, elas aí estão, para a recuperação do homem a quem faltou luz interior, para vencer-se, quando as circunstâncias o arrastavam no declive doloroso, em que o bruto foi mais forte.

E essa recuperação é obra da educação.

Dáí entendermos a inocuidade<sup>3</sup> da lei, que faz do preconceito um crime, se, paralela e intensivamente, lar e escola não trabalharem no sentido de reconduzir o Brasil ao nível educacional, donde não se devera ter desviado.

O trabalho é, pois, de educação, porque, só por meio dela, gestos e atitudes esplendem<sup>4</sup>, refletindo as belezas, cuidadosamente e conscientemente, cultivadas nos mundos anímicos<sup>5</sup>.

Fora disto, a lei não terá o valor construtivo que o legislador lhe quis emprestar.

Os que se deixaram contagiados pela deseducação sentimental de outros povos, os que vieram viver conosco, não querendo ajustar-se à nossa civilização, encontrarão, sempre, meio de burlá-la, pelos subterfúgios que a maldade ensina e que corroem os alicerces mais sólidos.

Ao poder destruidor da solércia<sup>6</sup> dos maus, e da maneira de agir dos que vivem fechados no acanhamento do próprio EU, temos de opor a grandeza construtiva duma educação, que seja a nossa, para que não nos neguemos como povo superior.

Que cada lar e cada escola, numa ação conjunta, seja rica sementeira da nossa civilização, onde os preconceitos raciais não encontram clima, porque só aceitamos a aristocracia do espírito! Façamos do lar e da escola núcleos, donde se projetarão, com o brilho de sóis, os sentimentos cristãos de um Brasil, bem e profundamente, brasileiro, de um Brasil onde se julgam e consideram as criaturas pela nobreza de caráter, pelo esplendor das ações, pelo fulgor da inteligência, pelo amor ao trabalho, pela esteira de Bem que ilumina as caminhadas, sem se perder, nas tolas pequenices e insignificâncias de raça, cor, credo político e religioso!

E, reagindo assim, o céu não consentirá que sejamos vencidos.

1 - Vergonha, timidez, receio. 2 - Punições. 3 - Que não produz resultado, que não surte grandes efeitos.

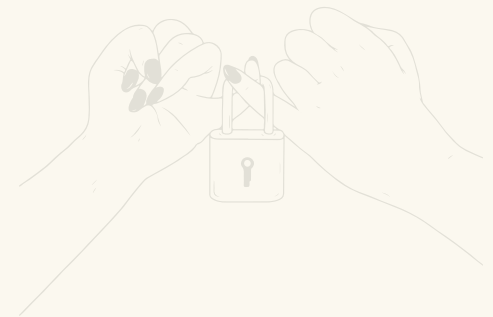
4 - Resplandecem, brilham. 5 - Da alma, do caráter. 6 - Esperteza, malandragem, astúcia.







*Mulher*



Comunicam-nos do Rio, da Federação pelo Progresso Feminino, que, na Convenção Eleitoral Feminina, ali havida de 3 a 6 do corrente, foi votada, unanimemente, a repulsa ao serviço militar feminino.

Não nos causou estranheza aquele gesto. Outra não podia ser, nem devia ser a atitude das Mulheres, não por frequência, mas por dever.

O serviço militar lembra, sempre, imediatamente, a guerra. E a Mulher não deve cooperar num átomo, para que a vida fuja do seu curso natural e se embrene nos ferveadouros terríveis da guerra, da destruição, da miséria.

A Mulher não deve empregar o seu esforço, para o mais ingrato dos frutos do egoísmo.

A Mulher não deve reforçar a fileira dos que se deixam matar pelos aureos sonhos alheios, pelo bem estar de certos.

Não é para o bem das coletividades que se fazem as guerras, mas sim, para o proveito de alguns e a ruína das massas.

São insaciáveis os homens! Roubam às mulheres todas as suas; transformam-nas em «fornecedoras de carne para os canhões»; obrigam-nas a sacrificar todos os seus afetos no altar nefando do seu, deles, egoísmo (porque só o ego-

## Farrapos de ideias

ismo gera o ódio) e não basta ainda. E' preciso que elas se incorporem à onda e estejam prontas ao primeiro chamado, para marcharem e se deixarem morrer, anormalmente, pelos ideais alheios, pelos objetivos alheios...

Nós, os homens e mulheres de boa vontade, devemos acima—de tudo, antes—de tudo, primeiro que tudo, empregar todo o nosso esforço e trabalhar, de coração, para a elevação do nível moral da humanidade.

E não será dentro das trincheiras, sob o matracar das metralhas, e o trevejar soturno dos canhões, frutos da ciência, postos à disposição da ganância dos homens, que conseguiremos fazer despertar, na alma dos que ainda não divisaram, não compreenderam a maravilhosa finali-

dade da vida todo o encanto feiticeiro da fraternidade; não será nesse ambiente de destruição que se formarão caracteres puros, e que se produzirá luz sobre as trevas que sitiam as criaturas do século XX.

Se a vida é obra divina, não pode, de maneira nenhuma, ter por objetivo todo o infinito de sentimentos mesquinhos que asoberbam os seres.

Tudo quanto a consciência repelir, tudo quanto a consciência condenar nos outros, torna, a nosso ver, maiores propensões, quando praticado por nós.

Só a ignorância pode diminuir a intensidade da falta.

Como poderão, pois, as mulheres que, sempre, gritam e protestam contra a loucura vermelha dos homens; as mulheres que, nos momentos críticos, em que os

homens se despedaçam, não se cansam de mostrar-lhes as bandeiras brancas, e de proclamarem os seus desejos de paz; como poderão as mulheres, conscientemente, engrossar as fileiras militares?

Em todos os tempos, quando os homens, esquecendo a parte divina, neles existente, se investem, como os leões da fábula, mas armados de todos os recursos guerreiros da época; quando as mulheres ainda não passavam de lablota, ou de simples administradoras da casa, para quem o senhor olhava com superioridade, nunca faltou o desvêlo feminino nos hospitais de sangue, onde sofriam e morriam os mártires da ferocidade humana.

Assim, não é medo de cumprir o dever, mas a compreensão nitida, clara desse dever, que a obriga a rebelar-se.

Por que as criaturas, serão eternamente Caim e Caim?

Por que se negam a si mesmas a condição de humanas?

Nós precisamos combater o egoísmo e todas as suas imediatas consequências, de que a guerra é a mais tremenda.

Nós precisamos de paz e de uma sã e verdadeira fraternidade, o sonho lindo de todos os que anseiam por uma Humanidade melhor.

M A R I A D A I L H A



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II—Nº 751  
16 de abril de 1933



*REPÚBLICA, 16 de abril de 1933*

Comunicam-nos do Rio, da Federação pelo Progresso Feminino, que, na Convenção Eleitoral Feminina, ali havida de 3 a 6 do corrente, foi votada, unanimemente, a repulsa ao serviço militar feminino.

Não nos causou estranheza aquele gesto. Outra não podia ser, nem devia ser a atitude das Mulheres, não por fraqueza, mas por dever.

O serviço militar lembra, sempre, imediatamente, a guerra. E a Mulher não deve cooperar num átomo, para que a vida fuja do seu curso natural e se embrenhe nos fervedouros terríveis da guerra, da destruição, da miséria.

A Mulher não deve empregar o seu esforço, para o mais ingrato dos frutos do egoísmo.

A Mulher não deve reforçar a fileira dos que se deixam matar pelos áureos sonhos alheios, pelo bem estar de certos.

Não é para o bem das coletividades que se fazem as guerras, mas sim, para o proveito de alguns e a ruína das massas.

São insaciáveis os homens!

Roubam às mulheres todos os seus; transformam-nas em “fornecedoras de carne para os canhões”; obrigam-nas a sacrificar todos os seus afetos no altar nefando<sup>1</sup> do seu, deles, egoísmo (porque só o egoísmo gera o ódio) e não basta ainda. É preciso que elas se incorporem à onda e estejam prontas ao primeiro chamado, para marcharem e se deixarem morrer, animalmente, pelos ideais alheios, pelos objetivos alheios...

Nós, os homens e mulheres de boa vontade, devemos acima – de tudo, antes – de tudo, primeiro que tudo, empregar todo o nosso esforço e trabalhar, de coração, para a elevação do nível moral da humanidade.

E não será dentro das trincheiras, sob o matraquear<sup>2</sup> das metralhas, e o trovejar soturno dos canhões, frutos da ciência, postos à disposição da ganância dos homens, que conseguiremos fazer despertar, na alma dos que ainda não divisaram, não compreenderam a maravilhosa finalidade da vida todo o encanto feiticeiro da fraternidade; não será nesse ambiente de destruição que se formarão caracteres puros, e que se produzirá luz sobre as trevas que sitiam as criaturas do século XX.

Se a vida é obra divina, não pode, de maneira nenhuma, ter por objetivo todo o infinito de sentimentos mesquinhos que assoberbam os seres.

Tudo quanto a consciência repelir, tudo quanto a consciência condenar nos outros, toma, a nosso ver, maiores proporções, quando praticado por nós.

Só a ignorância pode diminuir a intensidade da falta.

Como poderão, pois, as mulheres que, sempre, gritam e protestam contra a loucura vermelha dos homens; as mulheres que, nos momentos críticos, em que os homens se despedaçam, não se cansam de mostrar-lhes as bandeiras brancas, e de proclamarem os seus desejos de paz; como poderão as mulheres, conscientemente, engrossar as fileiras militares?

Em todos os tempos, quando os homens, esquecendo a parte divina, neles existente, se investem, como os leões da fábula, mas armados de todos os recursos guerreiros da época; quando as mulheres ainda não passavam de bibelôs, ou de simples administradoras da casa, para quem o senhor olhava com superioridade, nunca faltou o destelo<sup>4</sup> feminino nos hospitais de sangue, onde sofriam e morriam os mártires da ferocidade humana.

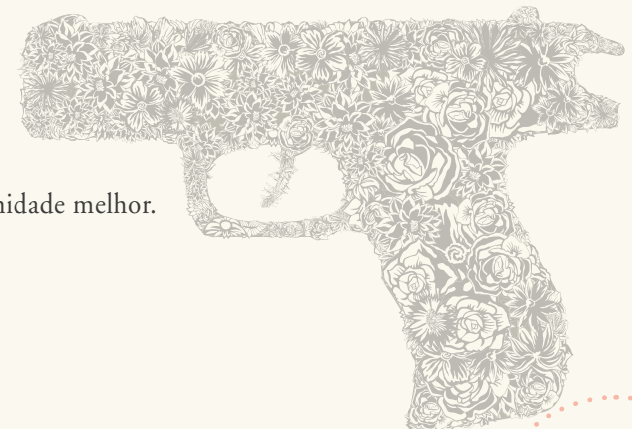
Assim, não é medo de cumprir o dever, mas a compreensão nítida, clara desse dever, que a obriga a rebelar-se.

Por que as criaturas serão eternamente Caim e Caim?

Por que se negam a si mesmas a condição de humanos?

Nós precisamos combater o egoísmo e todas as suas imediatas consequências, de que a guerra é a mais tremenda.

Nós precisamos de paz e de uma sã e verdadeira fraternidade, o sonho lindo de todos os que anseiam por uma Humanidade melhor.



1 - Maligno. 2 - Barulho que fazem as metralhadoras.

3 - Pequeno objeto usado para enfeite, geralmente de pouco valor.

4 - Dizemos que aconteceu um destelo quando um fruto cai da árvore, geralmente por estar maduro. No contexto, é possível pensar que a autora compara o serviço feminino nos hospitais como uma necessidade ou acontecimento natural, por conta da guerra.

Há, por todo este Brasil, horizontes sem fim, em perspectiva, diante das capacidades femininas.

A Mulher avança, a passos rápidos, na conquista de todos os direitos, embora a sua pretensão á politica representasse um fragoroso fracasso de estréa.

Foi o começo e todo o começo é arido.

A evolução natural dos povos tinha de derrubar e arrastar, diante de si, a muralha gigantesca das convenções que espiritos amantes do tradicionalismo queriam á viva força conservar.

Na derrota feminina nas elec-

ções para a Constituinte, não vimos, como disse grande escritor patricio, a maldade das mulheres para com as mulheres, mas, simplesmente, o que temíamos—a falta de independencia moral em que, sempre, se acorrentou o sexo fraco.

Os frutos da Rotina não se despedaçam com simples golpes de audácia.

São precisas marteladas infinitas, dissabores sem conta, para que se vislumbre um raio de luz, em tao intensa treva.

Se na politica, onde tudo não depende só dos interessados, o fracasso tinha de esperar-se, o mesmo não se dá nas con-

## FARRAPOS DE IDEIAS

quistas dependentes da intelligência.

E a nós o que entristece, é ver o doloroso supplicio de Tântalo imposto pela inércia dos nossos, á mocidade feminina catarinense.

Enquanto as moças dos outros Estados conseguem, facilmente, todos os seus desejos relativos á instrução, as catarinenses são enclausuradas dentro da pequenina cultura dum Curso Normal que não lhes dá mais regalias senão a de serem professoras.

Os preparatorios ginasiais tornaram se, hoje, a chave para o ingresso em todos os estabelecimentos superiores de cultura artistica ou não.

As moças catarinenses, a não ser as que dispusem de grandes recursos financeiros, estão impossibilitadas de se aparelharem para as grandes conquistas.

O nosso Ginásio não permite que o sexo fraco frequente as aulas.

E não se cogita de regularizar esta situação.

A vida que se multiplica, e que, cada vez, se torna mais difficil para quem deseja vencê-la, exige um desdobramento completo de energias e capacidades.

Como fazê-lo, se nos tolhem todos os movimentos?

Se, dificultando nos os meios, nos obrigam a paralizar as capacidades latentes?

Se não nos permitem o desenvolvimento cultural, amplo, com regalias, asseguradas pelo direito?

E a mocidade feminina de Sta. Catarina olha, com mágoa, toda a conquista das irmãs

dos outros Estados, onde proliferam os meios de triunfar na vida e da vida, com a única arma capaz de engrandecer todos os povos — a da intelligência.

Tantalizadas, as moças queixam-se do amargor do castigo, e procuram aninhar-se dentro da realidade triste e infismavel, como se encarasse a vida com filosofia.

Onde se acharão as creaturas de boa vontade que lhes permitirão, ou facilitarão o acesso ás fontes inesgotáveis do saber?

Onde achá-las, neste «deserto de homens, e de ideias» e de vontade de ser bom?

MARIA DA ILHA



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II — Nº 954  
03 de setembro de 1933



### *REPÚBLICA, 03 de setembro de 1933*

Há, por todo este Brasil, horizontes sem fim, em perspectiva, diante das capacidades femininas.

A Mulher avança, a passos rápidos, na conquista de todos os direitos, embora a sua pretensão à política representasse um fragoroso<sup>1</sup> fracasso de estreia.

Foi o começo e todo o começo é árido.

A evolução natural dos povos tinha de derrubar e arrastar, diante de si, a muralha gigantesca das convenções que espíritos amantes do tradicionalismo queriam à viva força conservar. Na derrota feminina nas eleições para a Constituinte, não vimos, como disse grande escritor patricio<sup>2</sup>, a maldade das mulheres para com as mulheres, mas, simplesmente, o que tínhamos – a falta de independência moral em que, sempre, se acorrentou o sexo fraco.

Os frutos da Rotina não se despedaçam com simples golpes de audácia.

São precisas marteladas infinitas, dissabores sem conta, para que se vislumbre um raio de luz, em tão intensa treva.

Se na política, onde tudo não depende só dos interessados, o fracasso tinha de esperar-se, o mesmo não se dá nas conquistas dependentes da inteligência.

E a nós o que entristece, é ver o doloroso suplício de Tântalo<sup>3</sup> imposto pela inércia dos nossos, à mocidade feminina catarinense.

Enquanto as moças dos outros Estados conseguem, facilmente, todos os seus desejos relativos à instrução, as catarinenses são enclausuradas dentro da pequenina cultura dum Curso Normal que não lhes dá mais regalias senão a de serem professoras.

Os preparatórios ginasiais tornaram-se, hoje, a chave para o ingresso em todos os estabelecimentos superiores de cultura artística ou não.

As moças catarinenses, a não ser as que dispuserem de grandes recursos financeiros, estão impossibilitadas de se aparelharem para as grandes conquistas.

O nosso Ginásio não permite que o sexo fraco frequente as aulas.

E não se cogita de regularizar essa situação.

A vida que se multiplica, e que, cada vez, se torna mais difícil para quem deseja vencê-la, exige um desdobramento completo de energias e capacidades.

Como fazê-lo, se nos tolhem todos os movimentos?

Se, dificultando-nos os meios, nos obrigam a paralisar as capacidades latentes?

Se não nos permitem o desenvolvimento cultural, amplo, com regalias, asseguradas pelo direito?

E a mocidade feminina de Sta. Catarina olha, com mágoa, toda a conquista das irmãs dos outros Estados, onde proliferam os meios de triunfar na vida e da vida, com a única arma capaz de engrandecer todos os povos – a da inteligência.

Tantalizadas<sup>4</sup>, as moças queixam-se do amargor do castigo, e procuram aninhar-se dentro da realidade triste e insofismável<sup>5</sup>, como se encarasse a vida com filosofia.

Onde se acharão as criaturas de boa vontade que lhes permitirão ou facilitarão o acesso às fontes inesgotáveis do saber?

Onde achá-las, nesse “deserto de homens e de ideias”<sup>6</sup> e de vontade de ser bom?

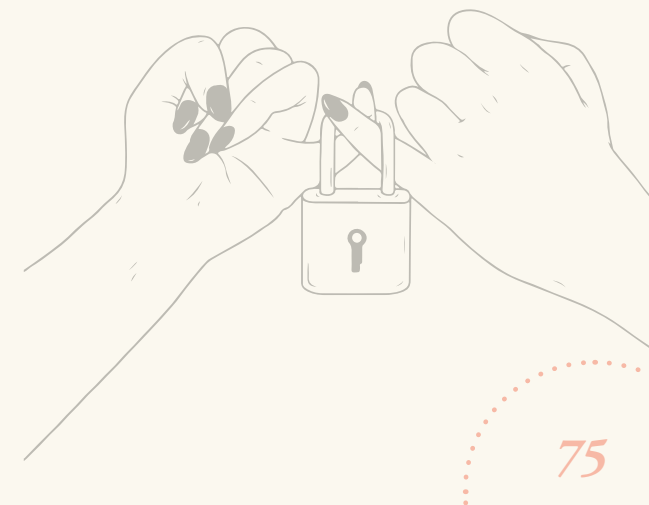
1 - Que causa estrondo, repercussão. 2 - Da mesma terra, do mesmo país.

3 - Personagem da mitologia grega condenado a ficar em um vale repleto de água e uvas. Quando estava com sede, a água recuava, e quando estava com fome, as uvas se afastavam para fora de seu alcance. Assim, seu castigo era estar próximo e ao mesmo tempo distante das coisas que desejava.

4 - Submetidas ao mesmo castigo de Tântalo.

5 - Um sofisma é uma mentira. Insofismável é seu contrário, ou seja, verdadeiro, que não pode ser negado ou escondido.

6 - A autora cita Oswaldo Aranha, famoso político e diplomata brasileiro.



# Farrapos de idéias

MARIA DA ILHA

Como tem sido governado o mundo. A parte das mulheres. A parte dos homens. A parte que ficou sem dono. A sábia lição da Natureza.

Senhores do mundo, logo depois que findou o paraíso, entenderam os homens da necessidade de governá-lo.

Mas como fazê-lo? Com a cabeça? Com o coração? Com o estomago?

Difícil era o problema, todavia, exigia pronta resolução.

Embora contrários a toda a partilha nessa coisa de mando, não negaram à Mulher a colaboração na grande empresa.

Deram-lhe o coração. Tinha Eva de ser toda sentimentalidade, toda doçura.

Era a pasta da Bondade nos destinos do mundo.

Em troca, porém, morreu-lhe

o cérebro e ficou inibida de trabalhar pelo estomago, surgindo, assim, as parasitas.

Para si, escolheram êles o estomago, a viscera insaciável.

E a luta de todos os instantes, absorvendo os por completo, sob diferentes pretextos, dentro dos mais disparatados prismas, surgiu dantesca, terrível.

Incontentável, como a Humanidade que simboliza, o estomago escravizou, dominou os homens e fê-los gastar toda uma existência para a satisfação dos seus desejos. E, quando, na «extrema curva do caminho extremo», ezaustos, vêm a aridez da jornada, compreendem a nulidade dos seus esforços.

O cérebro, como nas mulheres, se aniquilou sob o domínio do estomago, a célula mater da

engrenagem, e o coração, orgulhosamente, tentam sufocá-lo.

Rolaram séculos. A Rotina consagrou a partilha e bateu palmas à direção do mundo.

De vez em quando, porém, há olhares lúcidos para o que não se fez, e pensa-se, então, no que se poderia fazer.

E, desolados clama-se pela necessidade de se endireitarem as cousas.

Como? Se tudo é acéfalo? Se na partilha se esqueceu a cabeça?

Ela, embora, depois de esforços titânicos, entre, hoje, de mãos dadas com ele, na grande luta do estomago, tem de ser fonte de meiguice, toda coração e nada mais...

Ele é o grande enamorado do estomago, para quem e por quem

luta e trabalha.

O mais... que importa?

Todavia, parece tão simples tudo. A sabedoria divina semeou o espaço de astros que têm vida autônoma, giram, sofrem a influência da simpatia universal e conservam, dentro da mais completa harmonia, a sua integral personalidade.

Por que as criaturas não buscam a lição dos astros?

Cada ser é um mundo completo, com as suas leis e as suas obrigações.

Por que não se observa a vida, e não se lhe estabelece a harmonia, superiormente, humanamente, no sentido elevado da palavra, cumprindo a sábia lição da Natureza que colocou «o coração acima do estomago e a cabeça acima do coração?».



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano I—Nº 677  
15 de janeiro de 1933



*REPÚBLICA, 15 de janeiro de 1933*

Como tem sido governado o mundo. A parte das mulheres. A parte dos homens. A parte que ficou sem dono. A sábia lição da Natureza. Senhores do mundo, logo depois que findou o paraíso, entenderam os homens da necessidade de governá-lo. Mas como fazê-lo? Com a cabeça? Com o coração? Com o estômago? Difícil era o problema, todavia exigia pronta resolução. Embora contrários a toda a partilha nessa coisa de mando, não negaram à Mulher a colaboração na grande empresa. Deram-lhe o coração. Tinha Eva de ser toda sentimentalidade, toda doçura. Era a pasta da Bondade nos destinos do mundo. Em troca, porém, morreu-lhe o cérebro e ficou inibida de trabalhar pelo estômago, surgindo, assim, as parasitas. Para si, escolheram eles o estômago, a víscera insaciável. É a luta de todos os instantes, absorvendo-os por completo, sob diferentes pretextos, dentro dos mais disparatados prismas, surgiu dantesca, terrível. Incontentável, como a Humanidade que simboliza o estômago, escravizou, dominou os homens e fê-los gastar toda uma existência para a satisfação dos seus desejos. E, quando, na “extrema curva do caminho extremo”<sup>1</sup>, exaustos, veem a aridez da jornada, compreendem a nulidade dos seus esforços. O cérebro, como nas mulheres, se aniquilou sob o domínio do estômago, a célula mater<sup>2</sup> da engrenagem; e o coração, orgulhosamente, tentam sufocá-lo. Rolaram séculos. A Rotina consagrou a partilha e bateu palmas à direção do mundo. De vez em quando, porém, há olhares lúcidos para o que não se fez, e pensa-se, então, no que se poderia fazer. E, desolados clama-se pela necessidade de se endireitarem as coisas. Como? Se tudo é acéfalo<sup>3</sup>? Se na partilha se esqueceu a cabeça? Ela, embora, depois de esforços titânicos, entre, hoje, de mãos dadas com ele, na grande luta do estômago, tem de ser fonte de meiguice, toda coração e nada mais... Ele é o grande enamorado do estômago, para quem e por quem luta e trabalha. O mais... que importa? Todavia, parece tão simples tudo. A sabedoria divina semeou o espaço de astros que têm vida autônoma, giram, sofrem a influência da simpatia universal e conservam, dentro da mais completa harmonia, a sua integral personalidade. Por que as criaturas não buscam a lição dos astros? Cada ser é um mundo completo, com as suas leis e as suas obrigações. Por que não se observa a virada, e não se lhe estabelece a harmonia, superiormente, humanamente, no sentido elevado da palavra, cumprindo a sábia lição da Natureza que colocou “o coração acima do estômago e a cabeça acima do coração?”

1 - A autora cita um verso do poema “Nel mezzo del camin...”, de Olavo Bilac.

2 - Do latim, significa mãe, primeira, que dá origem.

3 - Sem cérebro, que não pensa. 4 - A autora cita famoso discurso de Pinheiro Chagas.







*Educação e magisterio*

*Na vida e para a vida, não é bastante o trabalho.*

*As criaturas, a quem assiste o direito e o dever intangíveis do trabalho, necessitam, para viver, no sentido humano da palavra, de cultura.*

*Não basta a alfabetização.*

*E' preciso que se torne acessível, a todas as criaturas, a escalada deslumbradora.*

\*\*\*

*O trabalho é fartura, que a cultura ensina a compreender; é alegria, que a cultura espiritualiza; é prece, que a cultura bendiz e santifica.*

*Sem cultura, não se consegue a independência moral, apanágio de todos os que são genuinamente livres, senhores da sua consciência, conhecedores do seu*

## FARRAPOS DE IDEIAS

“Nem só do pão vive o homem”

MARIA DA ILHA

*valor, integralizados na sua individualidade; a independência moral, que transforma pigmeus em gigantes, e dá aos homens,*

*força, para enfrentar os mais sérios obstáculos, quando se sentem escudados pela razão e pelo direito; a independência moral, que leva as criaturas a agir individualmente, conscientemente, embora se quebrem todos os elos, e contra elas chovam as censuras da Rotina, cujos preconceitos foram a-*

*bandonados, e as apontem como iconoclastas impenitentes.*

\*\*\*

*E, d—proporção—que o tempo avança, e a evolução marca um passo nas conquistas individuais, sente-se, cada vez mais, a necessidade imprescindível de se conceder às massas, em toda a plenitude,—o pão do espirito.*

*«Nem só do pão vive o homem».*

*Como, portanto, crear óbices, levantar impecilhos, para que todos possam viver inteiramente? A vida não é só esta materialização em que se consome a maior parte das energias, e se estiola grande parte da Humanidade. Há a embelezá-la horizontes vastíssimos, que da planície da alfabetização, tão somente, não se vislumbram.*

*E' preciso avançar, alcançar a montanha, galgá-la.*

*E, sem que lhes faltem sonhos, sem que lhes mingue um desejo infinito de vencer, de realizar, de escalar, de conhecer, há, na planície, e no sopé da montanha, olhos no cume intangível, uma legião de vencidos.*

*São os que os fados dotaram de alma e corpo de condor, mas lhes negaram as asas num sorriso escarninho.*

*E, por mais que lutem, que se esforcem, que ajam, elas não lhes veem.*

\*\*\*

*Um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas também, principalmente, pela sua cultura.*

*Dai a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização, que é muito, mas não é tudo.*

*Dai a necessidade de se tornar acessível aos que não têm o ouro sonante, mas o ouro que não se compra,—o da inteligência—uma cultura superior.*

*E, dessa cultura das massas, onde, então, se estabelecerá a única aristocracia possível — a do espirito—esperamos que surjam pátrias maiores, por uma Humanidade melhor.*



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II—Nº 773  
14 de maio de 1933

*REPÚBLICA, 14 de maio de 1933*

Na vida e para a vida, não é bastante o trabalho.

As criaturas, a quem assiste o direito e o dever intangíveis<sup>1</sup> do trabalho, necessitam, para viver, no sentido humano da palavra, de cultura. Não basta a alfabetização.

É preciso que se torne acessível, a todas as criaturas, a escalada deslumbradora.

O trabalho é fartura, que a cultura ensina a compreender; é alegria, que a cultura espiritualiza; é prece, que a cultura bendiz e santifica. Sem cultura, não se consegue a independência moral, apanágio<sup>2</sup> de todos os que são genuinamente livres, senhores da sua consciência, conhecedores do seu valor, integralizados na sua individualidade; a independência moral, que transforma pigmeus em gigantes, e dá aos homens força para enfrentar os mais sérios obstáculos, quando se sentem escudados pela razão e pelo direito; a independência moral, que leva as criaturas a agirem individualmente, conscientemente, embora se quebrem todos os elos, e contra elas chovam as censuras da Rotina, cujos preconceitos foram abandonados, e as apontem como iconoclastas impenitentes.

E, à – proporção – que o tempo avança, e a evolução marca um passo nas conquistas individuais, sente-se, cada vez mais, a necessidade imprescindível de se conceder às massas, em toda plenitude, – o pão do espírito.

“Nem só do pão vive o homem”.

Como, portanto, criar óbices<sup>3</sup>, levantar empecilhos, para que todos possam viver inteiramente? A vida não é só esta materialização em que se consome a maior parte das energias, e se estiola<sup>4</sup> grande parte da Humanidade. Há a embelezá-la horizontes vastíssimos, que da planície da alfabetização, tão somente, não se vislumbram.

É preciso avançar, alcançar a montanha, galgá-la.

E, sem que lhes faltem sonhos, sem que lhes mingue um desejo infinito de vencer, de realizar, de escalar, de conhecer, há, na planície, e no sopé da montanha, olhos no cume inatingível, uma legião de vencidos.

São os que os fados dotaram de alma e corpo de condor, mas lhes negaram as asas num sorriso escarninho.

E, por mais que lutem, que se esforcem, que ajam, elas não lhes veem.

Um povo é grande não só pelo seu espírito trabalhador, mas também, principalmente, pela sua cultura.

Daí a necessidade de se chegar às massas, a possibilidade de ir além da alfabetização, que é muito, mas não é tudo.

Daí a necessidade de se tornar acessível aos que não têm o ouro sonante<sup>5</sup>, mas o ouro que não se compra, – o da inteligência – uma cultura superior.

E, dessa cultura das massas, onde, então, se estabelecerá a única aristocracia possível – a do espírito – esperamos que surjam pátrias maiores, por uma Humanidade melhor.



1 - Que não se pode tocar, imateriais.

2 - Defesa, artigo, lei ou objeto que protege.

3 - Obstáculo.

4 - Perde a força, murcha.

5 - Que soa, faz barulho, como o tilintar das moedas.

*Para onde vamos? Onde chegaremos?  
É a nebulosa das interrogações que absorve todos os que olham, abismados, a marcha precipitada da evolução.*

*Para qualquer lado que se volte, encontram-se lábios que não sabem sorrir, e olhos, sempre, raiados d'água.  
A humanidade, como que sente a fúria com que se precipita não sei onde.*

*A infância das escolas argumenta, raciocina, discute, comenta o movimento mundial, mas, infelizmente, não crê.  
A palavra dos superiores chega-lhe até os ouvidos, adulterada por uma infinita maldade.*

*Os pequeninos de hoje mataram aquela auréola de axioma que os pequeninos do passado davam a tudo quanto lhes diziam os maiores.*

*Os pequeninos desconfiam.  
Há, nos seus gestos mais doces, não sei quê de rebelião.*

*A infância tem, tirando-lhe a praça do sossego constante, os espinhos da dúvida.*

*Que esperar duma infância que não crê?*

*A juventude, porque não acreditou na infância, porque consigo cresceu a dúvida, não pôde saber obedecer.*

## FARRAPOS DE IDEIAS

*E os mais velhos vêm, com máguia, o sorriso de amargura rebelada que entreabre os lábios dos que avançam, sem crer e sem querer ou sem saber obedecer.*

*Não se veja passividade inconciente, humilhação em obediência.*

*Quando todos os seres tivessem conhecimento do limite dos seus direitos individuais, haveria, ainda, necessariamente, forçosamente, a obediência a si próprios.*

*Não há aviltamento em acatar observações e obedecer ordens que não ferem dignidades, mas cuidam fazer meditar no mal que se fez e nos frutos que dele advirão.*

*Os atos mais simples e irrefletidos não se apagam e se esquecem, totalmente, como se pensa.*

*Deles fica, sempre, para o conhecimento no futuro, alguma coisa, uma lembrança, donde advirão frutos ou espinhos.*

*Que se pôde esperar duma juventude que não obedece?*

*Sem crer e sem obedecer, as crianças de ontem, jo-*

*vens de hoje, homens, com responsabilidades, de amanhã entram na vida, desiludidos...*

*Falta-lhes tudo, porque não souberam crer.*

*E a Fé é a força máxima de todas as conquistas, a base de todos os triunfos.*

*Quem ousará caminhar sobre as águas, sempre revoltas da existência, sem Fé?*

*Falta-lhes tudo, porque não saberão esperar.*

*Viverão, materializando as horas, os minutos, os segundos.*

*Viverão, sentindo o tinar do metal em que transformarão os seus instantes.*

*A flôr azul do Ideal nunca lhes enfeitará os dias.*

*Nem um sonho lindo, nem um movimento de ascensão, nem um desejo de escalada...*

*E, meditando nesse caos, em perspectiva, o espírito dos que, abismados, olham a marcha precipitada da evolução, envolve-se em a nebulosa das interrogações aflitivas.*

*Para onde vamos? Onde chegaremos?*

MARIA DA ILHA



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II – Nº 814  
28 de maio de 1933

*REPÚBLICA, 28 de maio de 1933*

Para onde vamos? Onde chegaremos?  
 É a nebulosa das interrogações que absorve todos os que olham, abismados, a marcha precipitada da evolução.  
 Para qualquer lado que se volte, encontram-se lábios que não sabem sorrir, e olhos, sempre rasos d'água.  
 A humanidade, como que sente a fúria com que se precipita não sei onde.  
 A infância das escolas argumenta, raciocina, discute, comenta o movimento mundial, mas, infelizmente, não crê.  
 A palavra dos superiores chega-lhe até os ouvidos, adulterada por uma infinita maldade.  
 Os pequeninos de hoje mataram aquela auréola de axioma<sup>1</sup> que os pequeninos do passado davam a tudo quanto lhes diziam os maiores.  
 Os pequeninos desconfiam.  
 Há, nos seus gestos mais doces, não sei quê de rebelião.  
 A infância tem, tirando-lhe a graça do sossego confiante, os espinhos da dúvida.  
 Que esperar duma infância que não crê?  
 A juventude, porque não acreditou na infância, porque consigo cresceu a dúvida, não pôde saber obedecer.  
 E os mais velhos veem, com mágoa, o sorriso de amargura rebelada que entreabre os lábios dos que avançam, sem crer e sem querer ou sem saber obedecer.  
 Não se veja passividade inconsciente, humilhação em obediência.  
 Quando todos os seres tivessem conhecimento do limite dos seus direitos individuais, haveria, ainda, necessariamente, forçosamente, a obediência a si próprios.  
 Não há aviltamento<sup>2</sup> em acatar observações e obedecer a ordens que não ferem dignidades, mas cuidam fazer meditar no mal que se fez e nos frutos que dele advirão.  
 Os atos mais simples e irrefletidos não se apagam e se esquecem, totalmente, como se pensa.  
 Deles fica, sempre, para o conhecimento no futuro, alguma coisa, uma lembrança, donde advirão frutos ou espinhos.  
 Que se pôde esperar duma juventude que não obedece?  
 Sem crer e sem obedecer, as crianças de ontem, jovens de hoje, homens, com responsabilidades, de amanhã, entram na vida, desiludidos.  
 Falta-lhes tudo, porque não souberam crer.  
 E a Fé é a força máxima de todas as conquistas, a base de todos os triunfos.  
 Quem ousará caminhar sobre as águas, sempre revoltas da existência, sem Fé?  
 Falta-lhes tudo, porque não saberão esperar.  
 Viverão, materializando as horas, os minutos, os segundos.  
 Viverão, sentindo o tinir do metal em que transformarão os seus instantes.  
 A flor "azul do Ideal"<sup>3</sup> nunca lhes enfeitará os dias.  
 Nem um sonho lindo, nem um movimento de ascensão, nem um desejo de escalada...  
 E, meditando nesse caos, em perspectiva, o espírito dos que, abismados, olham a marcha precipitada da evolução, envolve-se na nebulosa das interrogações aflitivas.  
 Para onde vamos? Onde chegaremos?



1 - Lei, argumento que não pode ser contrariado.

2 - Tornar vil, desonrar.

3 - A autora cita a crônica "Um novo livro", de Cruz e Souza.

Há gestos que, dentro da sua insignificância, revelam, por completo, uma alma.

O da Associação dos Professores Católicos do Rio, tentando criar o dia do nosso Primeiro Professor, capacitamos da alta cultura dos que a compõem.

A concretização dessa ideia nos dará, fatalmente, doces momentos de felicidade, porquanto, na vida, nada nos é mais grato do que a certeza de ter sido justos.

Neste entrechoque de paixões, que constituem a vida e que dão vida à própria vida, nesta asfixia tremenda dos grandes sentimentos, em que se debate a Humanidade, o reconhecimento, a gratidão se torna, cada vez, mais raro e sem expressão.

As criaturas, devido talvez à pressa com que se faz a «tormentosa passagem», esquecem

## FARRAPOS DE IDEIAS

MARIA DA ILHA

o bem que os homens lhes fizeram é o que o próprio Deus lhes deu.

Se assim, para com o benfeitor de há instantes, que esperar para com o velho professor ou a apagada professora que, na meninice já tão distante, lhes abriu as veredas deslumbrantes, desbravando o mato-grosso, numa solicitude anônima?

Tudo passa, e, naturalmente, a luta de cada instante apaga, quasi sempre os gestos lindos que surgiriam espontâneos, se a vida não fosse tão vã.

Todavia, a alma dos que compreendem a existência áci-

forme e detestável, onde se consume a maior parte das energias, sente-se satisfeita com o pensamento da A. P. C.

Ele é o clarinar da alvorada, tentando despertar os brasileiros para uma doce missão de amor, que, fatalmente, dará um raio do sol benfazejo da alegria, à alma quieta e, por certo, desiludida do nosso primeiro guia.

Se instituímos o dia das Mães, esses entes por demais caros aos nossos corações, cuja posse é suficiente para nos dar uma sensação de riqueza, dentro da pobreza mal-intensa, por que não crearmos o dia daqueles de que não dei-

xamos de ser espírito do seu espírito, alma da sua alma, daqueles sob cujos desvelos, alcançamos os primeiros degraus para as grandes conquistas, para as soberbas escaladas?

Mães e Mestres confundem-se, vida em fora, no desejo da construção preciosíssima do nosso mundo moral e intelectual.

Mas o Mestre, no sentido delicado da palavra, é aquele em cuja companhia abrimos os olhos indiferentes e ignorantes, para a maravilha do saber ler.

Este é o operário básico. Tudo o mais tem de ser construído sobre a base do seu trabalho, que ele dissemina com a magnanimidade dos bons.

Lindo o pensamento da A. P. C.!

Que todos nós atendamos o seu apêlo e transformemos o 15 de outubro, próximo, nam dia de bênçãos para o «Nosso Primeiro Mestre»!



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II - Nº 966  
17 de setembro de 1933



*REPÚBLICA, 17 de setembro de 1933*

Há gestos que, dentro da sua insignificância, revelam, por completo, uma alma.

O da Associação dos Professores Católicos do Rio, tentando criar o dia do nosso Primeiro Professor, capacita-nos da alta cultura dos que a compõem. A concretização dessa ideia nos dará, fatalmente, doces momentos de felicidade, porquanto, na vida, nada nos é mais grato do que a certeza de ter sido justos. Neste entrechoque de paixões que constituem a vida e que dão à própria vida, nesta asfixia tremenda dos grandes sentimentos, em que se debate a Humanidade, o reconhecimento, a gratidão se torna cada vez mais rara e sem expressão.

As criaturas, devido talvez à pressa com que se faz a “tormentosa passagem”, esquecem o bem que os homens lhes fizeram e o que o próprio Deus lhes deu. Se assim, para com o benfeitor de há instantes, que esperar para com o velho professor ou a apagada professora que, na meninice já tão distante, lhes abriu as veredas deslumbrantes, desbravando o mato grosso numa solicitude anônima?

Tudo passa, e, naturalmente, a luta de cada instante apaga, quase sempre, os gestos lindos que surgiriam espontâneos, se a vida não fosse tão má. Todavia, a alma dos que compreendem a existência acima desta materialização uniforme e detestável, onde se consome a maior parte das energias, sente-se satisfeita com o pensamento da A. P. C.<sup>1</sup>

Ele é o clarinar<sup>2</sup> da alvorada, tentando despertar os brasileiros para uma doce missão de amor, que, fatalmente, dará um raio do sol benfazejo<sup>3</sup> da alegria à alma quieta e, por certo, desiludida do nosso primeiro guia.

Se instituímos o dia das Mães, esses entes por demais caros aos nossos corações, cuja posse é suficiente para nos dar uma sensação de riqueza dentro da pobreza mais intensa, por que não criarmos o dia daqueles de que não deixamos de ser espírito do seu espírito, alma da sua alma, daqueles sob cujos desvelos<sup>4</sup>, alcançamos os primeiros degraus para as grandes conquistas, para as soberbas escaladas?

Mães e Mestres confundem-se, vida afora, no desejo da construção preciosíssima do nosso mundo moral e intelectual.

Mas o Mestre, no sentido delicado da palavra, é aquele em cuja companhia abrimos os olhos indiferentes e ignorantes, para a maravilha do saber ler.

Este é o operário básico.

Tudo o mais tem de ser construído sobre a base do seu trabalho, que ele dissemina com a magnanimidade dos bons.

Lindo o pensamento da A. P. C.!

Que todos nós atendamos o seu apelo e transformemos o 15 de outubro, próximo, num dia de bênçãos para o “Nosso Primeiro Mestre”!



1 - Associação dos Professores Católicos.

2 - Toque de clarinete.

3 - Que faz bem.

4 - Cuidados

## FARRAPOS DE IDEIAS

MARIA DA ILHA

A vida só alcança a sua inteira finalidade, quando tem a iluminá-la uma instrução consciente.

Dai as bênçãos que chovem sobre todos os que, investidos do poder, numa compreensão nítida dos seus deveres, procuram dilatar os horizontes educacionais.

Os frutos do futuro serão colhidos nas árvores plantadas no presente.

É preciso, pois, que trabalhem com amor, afim de conseguirmos sorrir, quando, cansados já, diante da fatura encontrada pelos vindouros.

Santa Catarina, em matéria de instrução é um dos pioneiros do Brasil.

Os nossos dirigentes, em geral, têm encarado o problema da educação popular com especial carinho.

E nisto está a manifestação inofismável de larga visão de administrador.

Atualmente, falam-nos os jornais, cogita-se da construção de novos grupos escolares.

Só merecem louvores estas iniciativas.

Todos nós os que acompanhamos, com interesse, os surtos progressistas da instrução, sentimos a necessidade da uniformização do aparelhamento escolar.

Que todas as crianças do Estado gozem do mesmo conforto! Que não tenham salas de visita em matéria de ensino público!

A construção de novos grupos escolares é um passo para esta conquista.

Tudo se vence e se alcança, quando se tem a iluminar a estrada, ainda a mais difícil e tortuosa, a resplendente e maravilhosa boa vontade.

Todavia, entre nós, alguma coisa mais está a merecer a atenção dos constitutores dos novos e ascendentes rumos: — é o professor.

O aparelhamento escolar mais moderno e pedagógico se-

rá nulo, se não for eficiente a ação do professor.

É ele quem impulsiona as criaturas para as futuras conquistas anímicas.

Em o nosso Estado, é inegação, as joias ocultas, criminosamente, no lodoso mar da ignorância.

Não queremos, com isso dizer todos os que a abracem, sejam professores vocacionais.

É já, no entanto, muita cousa a compreensão da responsabilidade que cabe à escola, no destino das sociedades vindouras.

E o capricho e a consciência chegam a suprir o erro.

Mas, se nem só do pão vive o homem, também não se vive sem ele.

Os educadores devem ter «segurado, incondicionalmente, todo o bem estar material de que necessitam», diz Ingenieros.

E, tanto maior é a despreocupação material, tanto mais proveitosa é a sua missão.

Os reduzidos vencimentos dos nossos professores públicos obrigam nos a dispersar energias com aulas particulares, afim de vencerem, com deslógio, os compromissos assumidos.

E mais ainda: A evolução natural dos povos está a exigir leitura continua, para que se não fique com uma cultura, por assim dizer, fossilizada.

Como adquirir livros com os mínguados vencimentos de professor?

Sabemos que não há dinheiro capaz de pagar o trabalho do Mestre, todavia a situação financeira do professor está a merecer a atenção dos nossos dirigentes.

E, tendo em vista o alto critério com que têm agido esperamos vê-la sanada, nesta transformação por que passa o país.

E, então, quando o professor puder fazer do agradável mister de educar, a sua preocupação única, marcharemos, com segurança, para os mais soberbos resultados da sublime semeadura.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano III - Nº 1006  
05 de novembro de 1933



*REPÚBLICA, 05 de novembro de 1933*

A vida só alcança a sua inteira finalidade quando tem a iluminá-la uma instrução consciente.

Daí as bênçãos que chovem sobre todos os que, investidos do poder, numa compreensão nítida dos seus deveres, procuram dilatar os horizontes educacionais.

Os frutos do futuro serão colhidos nas árvores plantadas no presente.

É preciso, pois, que trabalhem com amor, a fim de conseguirmos sorrir, quando, cansados já, diante da fartura encontrada pelos vindouros.

Santa Catarina, em matéria de instrução, é um dos pioneiros do Brasil.

Os nossos dirigentes, em geral, têm encarado o problema da educação popular com especial carinho.

E nisto está a manifestação insofismável<sup>1</sup> de larga visão de administrador.

Atualmente, falam-nos os jornais, cogita-se da construção de novos grupos escolares.

Só merecem louvores essas iniciativas.

Todos nós os que acompanhamos, com interesse, os surtos progressistas da instrução, sentimos a necessidade da uniformização do aparelhamento escolar.

Que todas as crianças do Estado gozem do mesmo conforto! Que não tenhamos salas de visita em matéria de ensino publico!

A construção de novos grupos escolares é um passo para essa conquista.

Tudo se vence e se alcança, quando se tem a iluminar a estrada, ainda a mais difícil e tortuosa, a resplendente<sup>2</sup> e maravilhosa boa vontade.

Todavia, entre nós, alguma coisa mais está a merecer a atenção dos construtores dos novos e ascendentes rumos: – é o professor.

O aparelhamento escolar mais moderno e pedagógico será nulo, se não for eficiente a ação do professor.

É ele quem impulsiona as criaturas para as futuras conquistas anímicas<sup>3</sup>.

Em o nosso Estado, é inegável, há uma grande atração pela missão sublime de trazer à tona, as joias ocultas, criminosamente, no lodoso mar da ignorância.

Não queremos com isso dizer todos os que a abracem sejam professores vocacionais.

É já, no entanto, muita coisa a compreensão da responsabilidade que cabe à escola, no destino das sociedades vindouras.

E o capricho e a consciência chegam a suprir o erro.

Mas, se nem só do pão vive o homem, também não se vive sem ele.

Os educadores devem ter “assegurado, incondicionalmente, todo o bem-estar material de que necessitam”, diz Ingenieros<sup>4</sup>.

E, tanto maior é a despreocupação material, tanto mais proveitosa é a sua missão.

Os reduzidos vencimentos dos nossos professores públicos obrigam-nos a dispersar energias com aulas particulares, a fim de vencerem, com desafogo, os compromissos assumidos.

E mais ainda: a evolução natural dos povos está a exigir leitura contínua, para que se não fique com uma cultura, por assim dizer, fossilizada.

Como adquirir livros com os minguidos vencimentos de professor?

Sabemos que não há dinheiro capaz de pagar o trabalho do Mestre, todavia a situação financeira do professor está a merecer a atenção dos nossos dirigentes.

E, tendo em vista o alto critério com que têm agido, esperamos vê-la sanada, nesta transformação por que passa o país.

E, então, quando o professor puder fazer do agradável mister<sup>5</sup> de educar, a sua preocupação única, marcharemos, com segurança, para os mais soberbos resultados da sublime sementeira.



1 - Que é verdadeira, que não pode ser negada.

2 - O mesmo que resplandecente.

3 - Que dão vida, que animam.

4 - José Ingenieros, professor e filósofo argentino.

5 - Profissão, ofício.

# Falando aos moços

Antonieta de Barros

Agitam-se os idealistas por um Brasil mais perfeito, erigindo a bandeira da alfabetização do adulto.

E nós que fizemos do alto problema da educação, neste recanto da grande Pátria, o objetivo da nossa caminhada, ficamos a pensar nos pontos deste sonho a concretizar-se.

E perguntamos a nós mesmos: Bastará alfabetizar?

Parece-nos que não. A alfabetização é muito, mas não é tudo.

Dar ao indivíduo riquezas, sem lhe dar as possibilidades de se utilizar delas, é mais doloroso do que deixá-lo na miséria.

As escolas de alfabetização do adulto não podem cingir-se ao plano minúsculo — para o agigantado da vida — do aprender a ler e a escrever.

E não podem, porque, dentro de qualquer prisma, a escola primária é, sempre, a célula, a base, o princípio, para a perfeição do microcosmo social.

Que se dê aos nossos irmãos adultos, órfãos da mais soberba das riquezas, a chave do Tesouro, mas que se ajude a cada um deles, dando-lhes os conhecimentos da maneira, por que devem utilizar-se desse Tesouro, em benefício próprio e da coletividade.

Abramos escolas não só com o fito de ensinar a magia do abce, mas compenetrados da importância desses santuários, onde a alma, forçosamente, tem de lapidar-se, e melhorar; onde os sentimentos individualistas têm de diminuir e esbater-se, onde a criatura, pela consciência do limite da individualidade própria contribui para uma felicidade coletiva <sup>de todos</sup>.

Só assim, a escola, ainda, salvaria, porque educaria, também, no sentido social da vida, e estaria integrada na sua verdadeira acepção.

A escola do saber ler e escrever é uma bênção incompleta.

E nós que, num gesto fraterno e patriótico, vamos ao encontro dos nossos irmãos, cuja cegueira intelectual não permite deslumbrar os panoramas que o saber contém, nós não podemos deixar em meio, suspensa, a bênção que é imperativo do coração.

Assim, abramos escolas, verdadeiras oficinas, onde cada um aprenda a utilidade da maravilha do saber ler, manejando-o, conscientemente, para a felicidade dum Brasil, unido, livre, e cada vez maior, no valor moral e intelectual dos seus filhos.



*“Crônica Falando aos Moços”  
crônica publicada em  
Jornal O IDEALISTA (Órgão  
Oficial do Grêmio Cultural  
“Antonieta de Barros” do  
Instituto de Educação de  
Florianópolis)  
Ano II – Nº 15 e 16  
Maio e junho de 1947*

*O IDEALISTA, 01 de junho de 1947*

Agitam-se os idealistas por um Brasil mais perfeito, erguendo a bandeira da alfabetização do adulto. E nós que fizemos do alto problema da educação, neste recanto da grande Pátria, o objetivo de nossa caminhada, ficamos a pensar nos pontos desse sonho a concretizar-se.

E perguntamos a nós mesmos: bastará alfabetizar?

Parece-nos que não. A alfabetização é muito, mas não é tudo.

Dar ao indivíduo riquezas, sem lhe dar as possibilidades de se utilizar delas, é mais doloroso do que deixá-lo na miséria.

As escolas de alfabetização do adulto não podem cingir-se ao plano minúsculo – para o agigantado da vida – do aprender a ler e a escrever.

E não podem, porque, dentro de qualquer prisma, a escola primária é, sempre, a célula, a base, o princípio, para a perfeição do microcosmo social.

Que se dê aos nossos irmãos adultos, órfãos da mais soberba das riquezas, a chave do Tesouro, mas que se ajude a cada um deles, dando-lhes os conhecimentos da maneira, por que devem utilizar-se desse Tesouro, em benefício próprio e da coletividade.

Abramos escolas não só com o fito de ensinar a magia do abc, mas compenetrados da importância desses santuários, onde a alma, forçosamente, tem de lapidar-se, e melhorar; onde os sentimentos individualistas têm de diminuir e esbater-se<sup>1</sup>, onde a criatura, pela consciência do limite da individualidade própria, contribui para uma felicidade coletiva maior.

Só assim a escola, ainda, salvaria, porque educaria, também, no sentido social da vida, e estaria integrada na sua verdadeira acepção<sup>2</sup>.

A escola do saber ler e escrever é uma bênção incompleta.

E nós que, num gesto fraterno e patriótico, vamos ao encontro dos nossos irmãos, cuja cegueira intelectual não permite deslumbrar os panoramas que o saber contém, nós não podemos deixar em meio, suspensa, a bênção que é imperativo do coração.

Assim, abramos escolas, verdadeiras oficinas, onde cada um aprenda a utilidade da maravilha do saber ler, manejando-o, conscientemente, para a felicidade dum Brasil unido, livre, e cada vez maior, no valor moral e intelectual dos seus filhos.

1 - Esbater: dar forma a uma escultura.

2 - Acepção: cada um dos muitos significados que uma palavra pode ter. No contexto, o verdadeiro sentido, significado.

A educação do homem só é perfeita, quando os gestos de elegância que distanciam a criatura do bruto, e amordaçam a besta fera existente no EU de cada um, são conscientes e refletem, de fato, a beleza do mundo interior.

Neste caso, a palavra e o gesto irmanam-se, dentro da caminhada.

E cada homem é, então, um educador, a viver lições de sinceridade que se eternizarão, na admiração dos contemporâneos e no comportamento dos pósteros.

Por isto, os que fizeram da Escola o seu caminho e os que, por sua projeção social, insensivelmente, influem, pelas ações ou pelas palavras, na vida das coletividades, têm uma grande responsabilidade, no futuro universal.

Não exageramos. Se o coração, o civismo, o patriotismo delimitaram as pátrias geográficas, não há fronteiras, para impedir que os bons ou maus ideais, as boas ou más ações se multipliquem e disseminem, iluminando ou entenebrecendo caminhos, elevando as almas para as clareiras ensolaradas do Bem, ou despencando-as, com a precipitação das cousas tristes, no lodaçal asfíxiante, onde o Mal é senhor.

A Humanidade é um grande todo. E, por isto mesmo, sofre o reflexo das modificações que atingem qualquer das suas partes. Se o ponto centripeto de todas as existências é a Perfeição, buscá-la é dever de cada um.

E será nesta busca, à proporção que nos despojarmos das qualidades negativas que nos cerceiam

## "Farrapos de Ideias"

MARIA DÁ ILHA

a alma, nas suas manifestações de beleza, que encontraremos a pureza harmoniosa da Paz.

Sem que a encontremos, dentro da nossa própria vida, não a projetaremos, nunca, nas vidas alheias.

\*\*\*

O caminho que nos conduzirá ao sentido elevado da existência, na realização da sua verdadeira finalidade, não pode ser o de atitudes postizas, o de bondade por convenção, o de justiça com dois pesos.

Quando os homens enveredam por estas vielas, escusas e escuras, entrincheirados na dissimulação; observa-se o divórcio entre a ação e a palavra.

Nestes comportamentos mascarados, com os quais, em vez de se amarem, os homens procuram enganar-se, mutuamente, há o medo, que é manifestação palpável de inferioridade, negação do próprio valor pessoal.

Só temos os que não encontram, em si mesmos, forças, para, sem se preocupar com as pedras, que valorizam as caminhadas, avançar e subir, em busca da sua própria realização, na certeza de que as vitórias são as que se conquistam e não as que se mendigam.

Os responsáveis pela beleza dinâmica das forças morais dos grupos, quaisquer que sejam — a família, a escola, a oficina, o quartel, o povo — desconhecem o medo, porque têm de ser, pela sua destinação, superiores, e corajosos da bravura da Justiça, corajosos da bravura da Verdade, para erriarem o clima dulcíssimo e cheio da formosa espiritualidade de Paz e Harmonia.

Hão de se colocar tão altamente, que corações fechados à onda lamacenta de ódio e vingança, a sua ação se projete, uniformemente sobre todos, vitalizando as consciências, pela confiança que inspirem.

Hão de ter sabedoria, para fugir de si mesmos, e subirem até a impessoalização. Hão de saber dissociar o indivíduo do educador, do chefe.

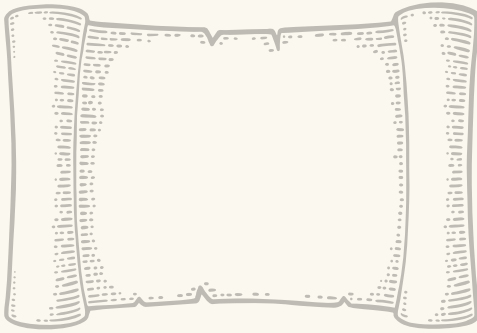
E isto, para serem justos, e isto, para poderem avançar, e construir, e realizar, demonstrando a capacidade de eternizar-se pela disseminação do Bem com que darão esplendor à caminhada ...

Fora disto, o que há é a escravização do homem às paixões negativas; é a despersonalização do indivíduo; é a ação a desmentir as palavras e estas, por um truque de magia, a perderem a significação; é a descrença dos subordinados, como imperativo da sinuosidade de comportamento, com que se suicidam, moralmente, os que chefiam.

Fora disto, nem em Santa Catarina — a formosa terra dos casos raros — poderá viver-se em PAZ e HARMONIA.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVI- Nº 11.103  
08 de abril de 1951



### *O ESTADO, 08 de abril de 1951*

A educação do homem só é perfeita quando os gestos de elegância que distanciam a criatura do bruto, e amordaçam a besta fera existente no EU de cada um, são conscientes e refletem, de fato, a beleza do mundo interior.

Neste caso, a palavra e o gesto irmanam-se, dentro da caminhada.

E cada homem é, então, um educador, a viver lições de sinceridade que se eternizarão, na admiração dos contemporâneos e no comportamento dos pósteros<sup>1</sup>.

Por isto, os que fizeram da Escola o seu caminho e os que, por sua projeção social, insensivelmente, influem, pelas ações ou pelas palavras, na vida das coletividades, têm uma grande responsabilidade, no futuro universal.

Não exageramos. Se o coração, o civismo e o patriotismo delimitaram as pátrias geográficas, não há fronteiras para impedir que os bons ou maus ideais, as boas ou más ações se multipliquem e disseminem, iluminando ou entenebrecendo<sup>2</sup> caminhos, elevando as almas para as clareiras ensolaradas do Bem, ou despencando-as, com a precipitação das coisas tristes, no lodaçal asfixiante, onde o Mal é senhor.

A Humanidade é um grande todo. E, por isto mesmo, sofre o reflexo das modificações que atingem qualquer das suas partes. Se o ponto centrípeto<sup>3</sup> de todas as existências é a Perfeição, buscá-la é dever de cada um.

E será nesta busca, à proporção que nos despojarmos das qualidades negativas que nos cerceiam a alma, nas suas manifestações de beleza, que encontraremos a pureza harmoniosa da Paz.

Sem que a encontremos, dentro da nossa própria vida, não a projetaremos, nunca, nas vidas alheias.

O caminho que nos conduzirá ao sentido elevado da existência, na realização da sua verdadeira finalidade, não pode ser o de atitudes postiças, o de bondade por convenção, o de justiça com dois pesos.

Quando os homens enveredam por estas vielas, escusas e escuras, entrincheirados na dissimulação; observa-se o divórcio entre a ação e a palavra.

Nestes comportamentos mascarados, com os quais, em vez de se amarem, os homens procuram enganar-se, mutuamente, há o medo, que é manifestação palpável de inferioridade, negação do próprio valor pessoal.

Só temos os que não encontram, em si mesmos, forças, para, sem se preocupar com as pedras, que valorizam as caminhadas, avançar e subir, em busca da sua própria realização, na certeza de que as vitórias são as que se conquistam e não as que se mendigam.

Os responsáveis pela beleza dinâmica das forças morais dos grupos, quaisquer que sejam – a família, a escola, a oficina, o quartel, o povo – desconhecem o medo, porque têm de ser, pela sua destinação, superiores, e corajosos da bravura da Justiça, corajosos da bravura da Verdade, para criarem o clima dulcíssimo<sup>4</sup> e cheio da formosa espiritualidade de Paz e Harmonia.

Hão de se colocar tão altamente, que, corações fechados à onda lamacenta de ódio e vingança, a sua ação se projete, uniformemente sobre todos, vitalizando as consciências, pela confiança que inspirem.

Hão de ter sabedoria, para fugir de si mesmos, e subirem até a impessoalização. Hão de saber dissociar<sup>5</sup> o indivíduo do educador, do chefe.

E isto, para serem justos, e isto, para poderem avançar, e construir, e realizar, demonstrando a capacidade de eternizar-se pela disseminação do Bem com que darão esplendor à caminhada...

Fora disto, o que há é a escravização do homem às paixões negativas; é a despersonalização do indivíduo; é a ação a desmentir as palavras e estas, por um truque de mágica, a perderem a significação; é a descrença dos subordinados, como imperativo da sinuosidade de comportamento, com que se suicidam, moralmente, os que chefiam.

Fora disto, nem em Santa Catarina – a formosa terra dos casos raros – poderá viver-se em PAZ e HARMONIA.

1 - Aqueles que vem depois, sucessores. 2 - Nublado, obscurecendo.

3 - Na física, força que tende ao centro. No contexto, grande força, avassaladora.

4 - Muito doce. 5 - Separar.

Ha dias, conversando com amigos, afirmamos que a responsabilidade dos choques entre os individuos cabe a ausencia de educaçao.

Todos nos sabemos que educaçao significa compostura, vontade, disciplina, para que se possa viver em sociedade, sem acotovelar, sem ferir, sem maltratar, num respeito integral ao limite dos seus proprios direitos que marcam, justamente, o inicio dos direitos alheios.

Mas a educaçao, que é compostura e disciplina psiquica, tem de se firmar no consciente do individuo, tem de ser força interior que se extravaza e concretiza em açao e gestos elegantes, cheios da beleza impar da aristocracia anímica.

Mas a educaçao, que é compostura e disciplina psiquica, dá a cada um de nós, o significado exato, estabelecendo as distancias que separam o poder fazer do dever fazer.

XXX

Enquanto a criatura não consegue ver essa distancia, enquanto se deixa levar pelo impulso do poder fazer, não é espiritualmente, adulta.

Falta-lhe o senso, para discernir, falta-lhe força, para sufocar os impetus da maldade que lhe entenebrece a alma; falta-lhe claridade interior, para ver os caminhos dos comportamentos do dever, por onde os homens se elevam e sobrepõem ao comum das criaturas; falta-lhe liberdade, para se sentir e para agir, na verdade, como um individuo adulto.

XXX

Não importa que o tempo haja passado por

## Farrapos de Idéias

MARIA DA ILHA

essas criaturas, não importa que o físico acuse essa passagem. O espírito foi indiferente a ela. Não colheu ensinamentos no lar, na escola, e na vida vivida, que é a mais admirável das escolas.

Eu posso fazer, eu devo fazer. Esta é a divisa que os norteia. E não respeitam o próximo, porque não se respeitam. E agem com a incoscienza e irresponsabilidade que, nas crianças, indica trabalho a realizar e, nos adultos, esforço perdido, falência de educaçao.

Eu posso fazer, logo, devo fazer — lógica, puramente, infantil. Os que viveram e aprenderam, os que disciplinaram o espírito e deram à vontade, orientada superiormente, a força, para tornar a caminhada coisa apreciável, conhecem a imposição do dever nos atos de cada um. E esta imposição é tanto mais sensível, quanto mais nos elevamos na sociedade de que fazemos parte.

XXX

Imaginemos não houvesse, para equilíbrio social, o domínio do eu devo fazer sobre o eu posso fazer.

Assistiríamos a espetáculos dolorosos: da morte do direito pela violência da força. O mundo seria intolerável. Dentro da vida administrativa dos povos, os governos matariam a fome, os adversários, em quem viam inimigos. E as demissões, suspensões, remoções, dispensas seriam incontáveis. Nas repartições um derrubada de monumentos; nas repartições um desperdício de retratos. E cada vez que os fatos não correspondessem a sonhos, carinhosamente alimentados, o assovio, a vaidade, a assunção enlutariam os ambientes mais respeitáveis.

Até a Escola, teria a tolar-lhe o ambiente de calma sedutora, a solução de continuidade, no seu ritmo de ordem e trabalho, criada pelas administrações que se sucedessem.

E tudo quanto significasse ordem, por mais perfeito que fosse — desde o conselho amigo até as associações escolares — tudo naufragaria, na destruição que a infantilidade anímica impusesse.

Seria a implantação do caos, seria o desassossego, seria a impossibilidade de se viver, num ambiente de compreensão e humanidade.

XXX

Por isto, nós, os civilizados, sentimos que a criatura só pode viver em sociedade, se, para isto for educada, isto é, com as inibições necessárias, para só fazer o que deve fazer.

Sem esta condição básica e indispensável ela não é, no sentido anímico da termo, um HOMEM.

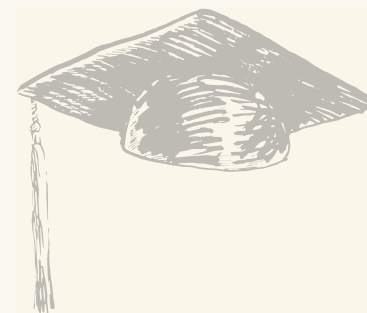


“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVI- Nº 11.115  
22 de abril de 1951



*O ESTADO, 22 de abril de 1951*

Há dias, conversando com amigos, afirmamos que a responsabilidade dos choques entre os indivíduos cabe à ausência de educação. Todos nós sabemos que educação significa compostura, vontade disciplinada, para que se possa viver em sociedade, sem acotovelar, sem ferir, sem maltratar, num respeito integral ao limite dos seus próprios direitos que marcam, justamente, o início dos direitos alheios. Mas a educação, que é compostura e disciplina psíquica, tem de se firmar no consciente do indivíduo, tem de ser força interior que se extravasa e concretiza em ação e gestos elegantes, cheios da beleza ímpar da aristocracia anímica. Mas a educação, que é compostura e disciplina psíquica, dá a cada um de nós o significado exato, estabelecendo as distâncias que separam o poder fazer do dever fazer. Enquanto a criatura não consegue ver essa distância, enquanto se deixa levar pelo impulso do poder fazer, não é espiritualmente, adulta. Falta-lhe o senso, para discernir, falta-lhe força, para sufocar os ímpetos da maldade que lhe entenebrece a alma; falta-lhe clareza interior, para ver os caminhos dos comportamentos do dever, por onde os homens se elevam e sobrepõem ao comum das criaturas; falta-lhe liberdade, para se sentir e para agir, na verdade, como um indivíduo adulto. Não importa que o tempo haja passado por essas criaturas, não importa que o físico acuse essa passagem. O espírito foi indiferente a ela. Não colheu ensinamentos no lar, na escola, e na vida vivida, que é a mais admirável das escolas. Eu posso fazer, eu devo fazer. Esta é a divisa que os norteia. E não respeitam o próximo, porque não se respeitam. E agem com a inconsciência e irresponsabilidade que, nas crianças, indica trabalho a realizar e, nos adultos, esforço perdido, falência de educação. Eu posso fazer, logo, devo fazer – lógica, puramente, infantil. Os que viveram e aprenderam, os que disciplinaram o espírito e deram à vontade, orientada superiormente, a força, para tornar a caminhada coisa apreciável, conhecem a imposição do dever nos atos de cada um. E essa imposição é tanto mais sensível, quanto mais nos elevamos na sociedade de que fazemos parte. Imaginemos não houvesse, para equilíbrio social, o domínio do eu devo fazer sobre o eu posso fazer. Assistiríamos a espetáculos dolorosos da morte do direito pela violência da força. O mundo seria intolerável. Dentro da vida administrativa dos povos, os governos matariam a fome, os adversários, em que viam inimigos. E as demissões, suspensões, remoções, dispensas seriam incontáveis. Nas praças, uma derrubada de monumentos; nas repartições, um pendurar de retratos. E cada vez que os fatos não correspondessem a sonhos, carinhosamente alimentados, o assovio, a vaia, a assuada<sup>1</sup> enlutaria os ambientes mais respeitáveis. Até a Escola teria a toldar-lhe o ambiente de calma sedutora, a solução de continuidade, no seu ritmo de ordem e trabalho, criada pelas administrações que se sucedessem. E tudo quanto significasse ontem, por mais perfeito que fosse – desde o conselho amigo até as associações escolares – tudo naufragaria, na destruição que a infantilidade anímica<sup>2</sup> impusesse. Seria a implantação do caos, seria o desassossego, seria a impossibilidade de se viver, num ambiente de compreensão e humanidade. Por isto, nós, os civilizados, sentimos que a criatura só pode viver em sociedade, se, para isto for educada, isto é, com as inibições necessárias, para só fazer o que deve fazer. Sem esta condição básica e indispensável, ela não é, no sentido anímico do termo, um HOMEM.



1 - Aglomeração de pessoas, confusão.

2 - Que dá vida, que anima, que inicia.

O momento que passa, se desprende e apreendido incessante, para todos quantos entendem a vida, com uma finalidade útil que foge a um simples passar.

Na verdade, todo aquele que se der ao trabalho de avançar, observando, refletindo e procurando ver a passagem psicológica que dá colorido à vida, sentirá, como nós, a riqueza de ensinamentos com que nos apresenta o momento que vivemos.

Não somos nós que descremos do Bem, só por que, momentaneamente, o Mal o ofuscou, nem afirmaremos a inexistência do sol, se uma névoa o oculta.

Ao contrário. Não poucas vezes, nosso coração tem batido fúrias palmas, em face destes fenômenos. E que os quadros luminosos têm, no fundo escuro, fator decisivo, para realçar-lhes o brilho e a beleza.

XXX

A nossa profissão fez-nos idealista. Assim, lutamos e esperamos. Não consentimos cheguem até nós, os gritos e os gestos dos que nos querem desviar da rota que nos traçamos, dos que trocam a luta construtiva, ao sol, onde há manifestação de esforço, num desejo de algo melhor e mais elevado, pela calma sem expressão das sombras, que os anonimiza, dentro da vida, como insetos.

Já caminhámos bastante, para compreender que precisamos de uma larga sementeira de sonhos bons, para uma colheita regular de concretizações.

O caminho dos idealistas não é dos mais práticos, mas nunca é estéril, se o Ideal é positivo.

Todaya, se não houvesse os incontentáveis que lutam, confiando nem amanhã melhor, mais digno, mais humilde, o mundo seria um caos.

## Farrapos de Ideias

MARIA DA ILHA

XXX

Pelo caos de amanhã serão responsabilizados os educadores de hoje. Mas o educador não é somente o Mestre, dentro da Escola. Assim, todo aquele que, entre os pequeninos e os jovens, semear descrença; que tiver avareza de uma palavra de estímulo; que retiver os gestos de bondade; que criticar, sem razão; que se fizer cego voluntário, diante da Verdade, da Justiça e do Direito, será responsável pelo que de negativo surgir na vida de amanhã.

E esta responsabilidade mais cresce e avulta-se, se forem conscientes estes comportamentos de falta de colaboração com o trabalho construtivo da Família e da Escola.

XXX

Tôda gente sabe que o presente é a oficina do futuro e que, nos homens de amanhã, vicejam, em flores e frutos, as sementes, lançadas hoje, no seu espírito em formação.

Só os mágicos semeiam e já colhem, para divertimento das platéias.

O trabalho real segue o ritmo regular da vida, concretizando a verdade de que "a Natureza não dá saltos".

XXX

Se a Destino, o nosso feliz Destino não nos tivesse dado a Escola, para realizá-lo, a esta altura, estaríamos, com certeza, profundamente, triste.

E essa tristeza, natural e explicável, pelo amor que temos ao nosso chão, teria fundamento na perspectiva do futuro negativo que a Mensagem programatical traça para Santa Catarina, quando deixa entender que o ensino estadual não é, na realidade, um veículo de educação e instrução da juventude, uma vez que lá encontramos ser "pensamento de governo fazer com que o ensino estadual seja, na realidade, um veículo de educação e instrução da juventude".

XXX

Neste ponto, o presente responde pelo futuro.

Se, desgraçadamente, um povo tem a sua juventude, na realidade, deseducada (e na educação subentende-se a instrução) a ele se reserva o mais triste dos destinos.

No entanto, todos nós que acompanhamos a Educação em Santa Catarina, sabemos que não é assim, como também sabemos que não estamos fazendo intriga.

O nosso Magistério e os técnicos, ultimamente, todos bons, todos da terra, todos de casa, sem partidagem, mas conscientemente, carinhosamente e inteligentemente, deram a Santa Catarina, lugar de relevo invejável, dentro do Brasil, no campo educacional.

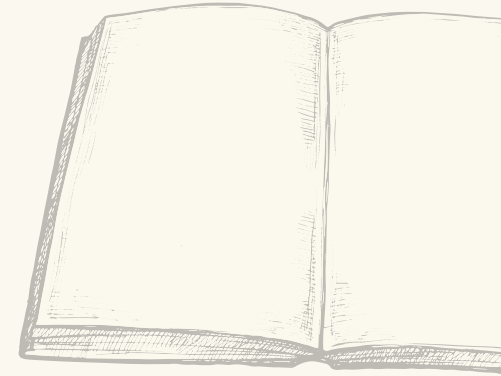
Podemos ficar tranquilos. Santa Catarina de amanhã revelará e bendirá o trabalho fecundo dos educadores de hoje, respondendo, assim, na realidade, aos que nos negam.

XXX

Quando conseguiremos ver, com a razão, o que por uma cegueira afetiva, o coração não quer ver? Quando aprendermos a não negar o a não desprezirmos o que nos resta servir de legítimo orgulho, diante dos nossos irmãos brasileiros?



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVII— Nº 11.137  
20 de maio de 1951



### *O ESTADO, 20 de maio de 1951*

O momento que passa é de aprendizado e aprendizado intenso, para todos quantos entendem a vida, com uma finalidade útil que foge a um simples passar. Na verdade, todo aquele que se der ao trabalho de avançar, observando, olhando e procurando ver a paisagem psicológica que dá colorido à vida, sentirá, como nós, a riqueza de ensinamentos com que nos presenteia o momento que vivemos.

Não somos dos que descreem do Bem, só porque, momentaneamente, o Mal o ofuscou, nem afirmaremos a inexistência do sol se uma nuvem o escondeu. Ao contrário. Não poucas vezes, nosso coração tem batido fartas palmas, em face desses fenômenos. É que os quadros luminosos têm, no fundo escuro, fator decisivo, para realçar-lhes o brilho e a beleza.

A nossa profissão fez-nos idealistas. Assim, lutamos e esperamos. Não consentimos que cheguem até nós os gritos e os gestos dos que nos querem desviar da rota que traçamos, dos que trocam a luta construtiva, ao sol, onde há manifestação de esforço, num desejo de algo melhor e mais elevado, pela calma sem expressão das sombras, que os anonimiza<sup>1</sup>, dentro da vida, como inúteis.

Já caminhamos bastante para compreender que precisamos de uma larga sementeira de sonhos bons, para uma colheita regular de concretizações. O caminho dos idealistas não é dos mais pródigos, mas nunca é estéril, se o Ideal é positivo.

Todavia, se não houvesse os incontentáveis que lutam, confiando num amanhã melhor, mais digno, mais luminoso, o mundo seria um caos. Pelo caos de amanhã serão responsabilizados os educadores de hoje. Mas o educador não é somente o Mestre, dentro da Escola. Assim, todo aquele que, entre os pequeninos e os jovens, semear descrença; que tiver avareza de uma palavra de estímulo; que retiver os gestos de bondade; que criticar, sem razão; que se fizer cego voluntário, diante da Verdade, da Justiça e do Direito, será responsável pelo que de negativo surgir na vida de amanhã.

E essa responsabilidade mais cresce e avulta-se<sup>2</sup> se forem conscientes esses comportamentos de falta de colaboração com o trabalho construtivo da Família e da Escola. Toda gente sabe que o presente é a oficina do futuro e que, nos homens de amanhã, vicejam, em flores e frutos, as sementes, lançadas hoje, no seu espírito em formação. Só os mágicos semeiam e já colhem, para divertimento das plateias.

O trabalho real segue o ritmo regular da vida, concretizando a verdade de que “a Natureza não dá saltos<sup>3</sup>”.

Se o Destino, o nosso feliz Destino, não nos tivesse dado a Escola, para realizá-lo, a esta altura, estaríamos, com certeza, profundamente, tristes.

E essa tristeza, natural e explicável, pelo amor que temos ao nosso chão, teria fundamento na perspectiva do futuro negativo que a Mensagem governamental traça para Santa Catarina, quando deixa entender que o ensino estadual não é, na realidade, um veículo de educação e instrução da juventude, uma vez que lá encontramos ser “pensamento do Governo fazer com que o ensino estadual seja, na realidade, um veículo de educação e instrução da juventude”.

Neste ponto, o presente responde pelo futuro.

Se, desgraçadamente, um povo tem a sua juventude, na realidade, deseducada (e na educação subentende-se a instrução) a ele se reserva o mais triste dos destinos. No entanto, todos nós que acompanhamos a Educação em Santa Catarina sabemos que não é assim, como também sabemos que não estamos fazendo intriga.

O nosso Magistério e os técnicos, ultimamente, todos nossos, todos da terra, todos de casa, sem estardalhaço, mas conscientemente, carinhosamente e inteligentemente, deram a Santa Catarina lugar de relevo invejável, dentro do Brasil no campo educacional.

Podemos ficar tranquilos. Santa Catarina de amanhã revelará e bendirá o trabalho fecundo dos educadores de hoje, respondendo, assim, na realidade, aos que nos negam.

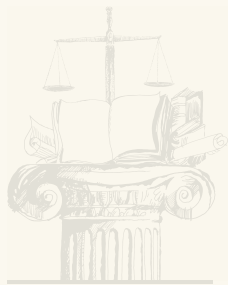
Quando conseguiremos ver com a razão, o que por uma cegueira afetiva, o coração não quer ver?

Quando aprenderemos a não negar e a não desprestigiar o que nos pode servir de legítimo orgulho, diante dos nossos irmãos brasileiros?

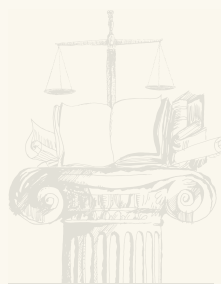
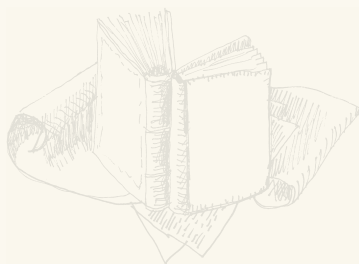
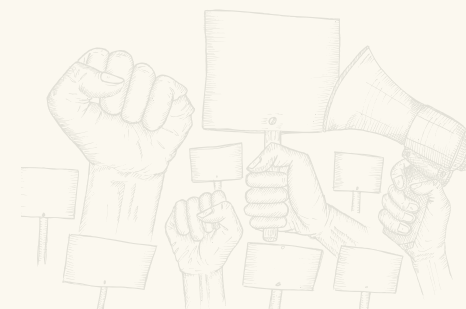
1 - Torna anônimos. 2 - Ganha vulto, ganha corpo, fica maior.

3 - A autora cita o botânico e pesquisador sueco Carl von Linné, também conhecido como Carlos Lineu.





# Politica e Governo





*“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano I – Nº 304  
24 de outubro de 1931*

Faz hoje um ano a República Nova. Com o alvorecer de 24 de outubro de 1930, devia surgir, no horizonte da pátria brasileira, o sol esplendente da vitória dos ideais populares. Um povo não é grande pela sua expressão numérica, nem pela extensão territorial que ocupa, mas pelo seu civismo, pelas suas conquistas espirituais, pelos ideais que lhe norteiam os destinos, pelo poder da sua vontade, orientada, sempre, para horizontes mais largos.

O Brasileiro tem dado ao mundo provas incontestáveis do seu valor. Não é esta a nossa primeira arrancada cívica.

Vinte-e-quatro de outubro é a repetição de quinze de novembro, como este o foi de sete de abril.

Foi há um ano que um frémito de civismo, percorrendo, de norte a sul, o país, o despertou, para a grande reivindicação.

Deve-se ao verbo e à pena incandescentes dos idealistas dum pátria melhor, a mais completa e soberba das realizações—a derrocada do regime, que já não satisfazia a mentalidade do Brasil novo e altaneiro.

Creio no poder da força bruta, da força armada, mas creio, também, no poder indiscutível e maravilhoso da força mental.

A vitória de vinte-e-quatro nada mais é que a concretização dos ritmos e anseios anímicos que, dispersos até então, se reuniram e potenciaram, enquanto a alma brasileira esteve aflita, genuflexa, palpitante, diante dos destinos da nacionalidade.

O triunfo de vinte-e-quatro, em que a Razão venceu à Força e à Prepotência, é a consubstanciação, a transfiguração, em realidade palpável, do desejo de milhões e milhões de almas.

E, porque assim é:

Brasileiros! No primeiro marco da nova fase vital do Brasil, confraternizemo-nos, e, agora e sempre, sem odios nem ressentimentos, elevemos, coesos, aos céus, o coração pelo ideal comum—tornar a mais linda das nações, na mais feliz das pátrias!

ANTONIEIA DE BARROS



### REPÚBLICA, 24 de outubro de 1931

Faz hoje um ano a República Nova.

Com o alvorecer de 24 de outubro de 1930, devia surgir, no horizonte da pátria brasileira, o sol esplendente<sup>1</sup> da vitória dos ideais populares.

Um povo não é grande pela sua expressão numérica, nem pela extensão territorial que ocupa, mas pelo seu civismo, pelas suas conquistas espirituais, pelos ideais que lhe norteiam os destinos, pelo poder da sua vontade, orientada, sempre, para horizontes mais largos.

O Brasileiro tem dado ao mundo provas incontestáveis do seu valor.

Não é esta a nossa primeira arrancada cívica.

Vinte e quatro de outubro é a repetição de quinze de novembro, como este o foi de sete de abril.

Foi há um ano que um frêmito<sup>2</sup> de civismo, percorrendo, de norte a sul, o país, o despertou, para a grande reivindicação.

Deve-se ao verbo e à pena incandescentes dos idealistas dum pátria melhor, a mais completa e soberba das realizações – a derrocada do regime, que já não satisfazia à mentalidade do Brasil novo e altaneiro<sup>3</sup>.

Creio no poder da força bruta, da força armada, mas creio, também, no poder indiscutível e maravilhoso da força mental.

A vitória de vinte e quatro nada mais é que a concretização dos ritmos e anseios anímicos<sup>4</sup> que, dispersos até então, se reuniram e potenciaram<sup>5</sup>, enquanto a alma brasileira esteve aflita, genuflexa<sup>6</sup>, palpitante, diante dos destinos da nacionalidade.

O triunfo de vinte e quatro, em que a Razão venceu a Força e a Prepotência, é a consubstanciação<sup>7</sup>, a transfiguração<sup>8</sup>, em realidade palpável, do desejo de milhões e milhões de almas.

E, porque assim é:

Brasileiros! No primeiro marco da nova fase vital do Brasil, confraternizemo-nos, e, agora e sempre, sem ódios nem ressentimentos, elevemos, coesos, aos céus, o coração pelo ideal comum – tornar a mais linda das nações, na mais feliz das pátrias!

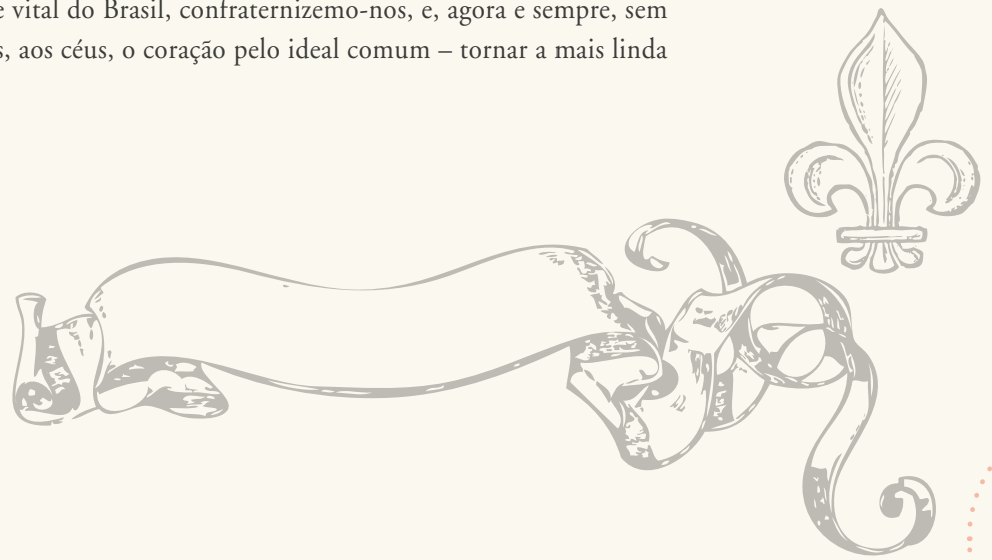
1 - Resplandecente. 2 - Estrondo, som alto, barulho.

3 - Que se eleva, que busca grandes alturas. 4 - Que dão vida, animam.

5 - Possibilitaram. 6 - De joelhos, em posição de humildade.

7 - Que se tornou algo, uma substância, passou a existir.

8 - Que mudou de forma para algo mais elevado.



102 - Nos um grande psicólogo que o homem só está apto para a grande ventura de viver, quando possui a mesma energia da Natureza que dá à caça aurora a mesma riqueza de vitalidade e formosura, fazendo esquecer o entardecer da véspera.

É lindo este conceito. Todo o labor de um dia vivido não abate o sol; o entardecer não lhe é sinal de agonia, porque na sua volta, há a mesma ansia, o mesmo amor, o mesmo cuidado de ser bencção de luz em todas as caminhadas, sem distinguir as que lhe agradecem os raios vivificadores e as que se escondem, sem coragem, para enfrentá-los.

Indiferente às nuvens, que, por serem, pela própria destinação, passageiras, mais lhe realçam o fugir, ele cumpre, lealmente, um lindo destino, traçado pela excelsa democracia divina, e dá aos homens uma esplêndida lição.

XXX

Na vida das democracias, de quando em vez, partidos e homens chegam ao entardecer.

Mas, se têm um destino de luz a cumprir dentro da vida dos povos, fazem do surgir do amanhã, uma nova aurora, cheia de força e beleza, início de novas lutas e novas conquistas, para o bem comum.

XXX

O crepúsculo da legislatura em 1950, a que o P. S. D. assistiu de fúta, por ter tido, sob a

## Farrapos de Idéias

MARIA DA ILHA

sua bandeira de homens bravos, três miseros suicidas morais, fez o adversário acreditar numa verdadeira e fatal agonia.

Enfóricos, subiram ao Poder, que transformaram em verdugo. E a onda de vingança espalhou-se, dentro do Estado. Espelhando-se no exemplo que vinha de cima, chefes maltratam subordinados, para forçá-los aos pedidos de demissão.

E, neste ambiente de intranquilidade, gerado por uma política de ódio em que o Poder se desrespeita, não respeitando o direito dos cidadãos, chegamos às primeiras lutas em campo aberto: as eleições para a MESA da Assembleia.

O resultado deve ter sido um solavanco bastante forte, para acordar os sonhadores, mas não cremos, para arrebatá-los da sua maldade consciente.

XXX

Nós não agonizávamos. A realidade aí está.

Voltamos, com a consciência de quem não pode estacionar, porque tem um destino de luz a cumprir, na vida da nossa santa terra.

Os trabalhos que hoje se reiniciam, na Assembleia, com a instalação da segunda legislatura, encontram-nos, na oposição, mas numa oposição que será digna, porque cumprirá, com fidelidade, o seu papel fiscalizador, dentro das democracias.

O nosso programa de VIGILANCIA não descerá à pequenez dos homens, mas se alicerçará no engrandecimento do chão sagrado, que é o nosso; à defesa dos direitos que forem negados; à ressurreição dos princípios legais que se quiserem asfixiar.

E tudo faremos, pelo respeito que devemos a nós mesmos, dentro do clima elevado e respeitoso, em que se debatem os problemas do único e verdadeiro senhor, dentro das democracias — O POVO.

XXX

Por amor do nosso grande povo e para felicidade da terra bendita, que é a nossa, o partido, sempre majoritário destruído, na Assembleia, a bandeira da oposição, guarda e garante seguras das aspirações populares, continuando, assim, a sua inalterável trajetória de luz.



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVI - Nº 11.109  
15 de abril de 1951



### O ESTADO, 15 de abril de 1951

Diz-nos um grande psicólogo que o homem só está apto para a grande ventura<sup>1</sup> de viver quando possui a mesma energia da Natureza que dá a cada aurora a mesma riqueza de vitalidade e formosura, fazendo esquecer o entardecer da véspera.

É lindo esse conceito.

Todo o labor<sup>2</sup> de um dia vivido não abate o sol; o entardecer não lhe é sinal de agonia, porque na sua volta há a mesma ânsia, o mesmo amor, o mesmo cuidado de ser bênção de luz em todas as caminhadas, sem distinguir os que lhe agradecem os raios vivificadores e os que se escondem, sem coragem, para enfrentá-los.

Indiferente às nuvens que, por serem, pela própria destinação, passageiras, mais lhe realçam o fulgor, ele cumpre, lealmente, um lindo destino, traçado pela excelsa<sup>3</sup> democracia divina, e dá aos homens uma esplêndida lição.

Na vida das democracias, de quando em vez, partidos e homens chegam ao entardecer.

Mas, se têm um destino de luz a cumprir dentro da vida dos povos, fazem do surgir do amanhã, uma nova aurora, cheia de força e beleza, início de novas lutas e novas conquistas, para o bem comum.

O crepúsculo da legislatura em 1950, a que o PSD<sup>4</sup> assistiu de luto, por ter tido, sob a sua bandeira de homens bravos, três míseros suicidas morais, fez o adversário acreditar numa verdadeira e fatal agonia.

Eufóricos, subiram ao Poder, que transformaram em verdugo<sup>5</sup>. E a onda de vingança espraiou-se, dentro do Estado. Espelhando-se no exemplo que vinha de cima, chefes maltratam subordinados, para forçá-los aos pedidos de demissão.

E, nesse ambiente de intranquilidade, gerado por uma política de ódio em que o Poder se desrespeita, não respeitando o direito dos cidadãos, chegamos às primeiras lutas em campo aberto: as eleições para a MESA da Assembleia.

O resultado deve ter sido um solavanco bastante forte, para acordar os sonhadores, mas não cremos, para arrebatá-los da sua maldade consciente.

Nós não agonizávamos. A realidade aí está.

Voltamos com a consciência de quem não pode estacionar, porque tem um destino de luz a cumprir, na vida da nossa santa terra.

Os trabalhos que hoje se reiniciam, na Assembleia, com a instalação da segunda legislatura, encontram-nos, na oposição, mas numa oposição que será digna, porque cumprirá, com fidelidade, o seu papel fiscalizador, dentro das democracias.

O nosso programa de VIGILANCIA não descerá à pequenez dos homens, mas se alteará ao engrandecimento do chão sagrado, que é o nosso; à defesa dos direitos que forem negados; à ressurreição dos princípios legais que se quiserem asfixiar.

E tudo faremos, pelo respeito que devemos a nós mesmos, dentro do clima elevado e respeitoso, em que se debatem os problemas do único e verdadeiro senhor dentro das democracias – O POVO.

Por amor do nosso grande povo e para felicidade da terra bendita, que é a nossa, o partido, sempre, majoritário desfralda, na Assembleia, a bandeira da oposição, guarda e garantia seguras das aspirações populares, continuando, assim, a sua inalterável trajetória de luz.

1 - Aventura, sorte, destino.

2 - Esforço, trabalho.

3 - Excelente, elevada.

4 - Partido Social Democrático, partido político brasileiro de 1945 a 1965.

5 - Carrasco, executor.

A dignidade da Magistério se elevará, quando a consciência social prestigiar o seu valor. Ingenieros.

Ha um principio de moral cristã que ordena: NAO MATARAS.

Passando pela vida, um infinito de criaturas caminha de mãos limpas do sangue do próximo. É o respeito ao preceito cristão, no sentido material. Todavia, nem só a matéria sucumbe. Nem só o corpo é susceptível de sofrer o ataque, e morrer. Matam-se esporaneas, matam-se sonhos, matam-se ideais. E, nem, por não haver sangue, deixa de haver crime e crime inotimável.

Os criminosos destes crimes que a sociedade não pune, são as criaturas, cuja secura do coração não lhes dá a felicidade de, sem calculo, impulsivamente, estender as mãos aos que as sollicitam, e cuja alma não se abre num sorriso de bênção que se concretiza numa palavra de gratidão e respeito, para os que trabalham, lutam e constroem.

É esta secura do coração que estrangula a beleza do Sonho, nas almas idealistas e faz que lágrimas de desceença esterilizem as camishadas, matando solução de continuidade, nos gestos e comportamentos que o Bem e o Amor Illuminam.

Focalizemos, aqui, há dias, um infinito de conceitos, lindos, elevados e justos, que andam na boca de toda gente — alfabeta ou não, a respeito da Escola e do Professor, o que significa dizer do Magistério.

Aqueles conceitos, sem favor, podemos dizer sem falsa modestia, o Magistério barriga verde os merece. Para que não os merecessem, não poderíamos crer na Santa Catarina de hoje, nem confiar na Santa Catarina de amanhã.

Se o Magistério catarinense não fosse um magistério do escol, rivalizando-se com os melhores do país, tudo seria destruição entre nós. Os povos só se engrandecem, quando têm mestres capazes.

Qualquer dos mestres deste rincão querido, se lançado no colcho para o caminho andado, não dirá como o poeta que "é um cemitério a estrada a custo percorrida". E não falara como o poeta, porque nela não verá

## Farrapos de Ideias

MARIA DA ILHA

cedêveres de Ideia, mas flores e frutos que a embotozam e enriquecem, como uma doce compensação ao seu trabalho de Amor, por um Brasil melhor.

Palamos, conscientosamente, e podemos fazê-lo, pela autoridade que nos vem de mais de trinta anos de convivência observadora com estes desprenteados obreiros da grande Pátria, no pedaço de chão que quis Deus fosse o nosso.

Por isto, sofremos grande decepção, ao ler a fala do Governo, ao Peder Legislativo, no capítulo referente ao ensino. Lá está escrito textualmente: "A situação do ensino público é desoladora".

Tão grande nos foi o desencanto, que pensamos honvesse, na expressão julgadora, as artimanhas de um infeliz, mas misericordioso pastel.

É que não queremos crer na afirmativa, cuja rudeza teria força para matar todo o desejo de luta e trabalho, pela felicidade da Pátria e da Humanidade, se não se collocasse o Brasil acima dos homens.

Todavia, a ofensa ali está, viva e contundente. Ao Magistério Catarinense, naquela frase, nega o Governo, a dignidade, a honra do sacerdotio, o Amor a causa santa do Brasil, na educação da sua gente.

Sim, porque a desolação no ensino só pode ser fruto da inépcia, da ignorância, do desamor pela causa, num achincalhe ao titulo máximo a que pode aspirar a criatura, como enobrecedor e honroso.

É ao povo de nossa terra e ao país inteiro, — porque a Mensagem, a esta hora, já deve estar, oficialmente, correndo, — os professores catarinenses são apontados como relapsos, irresponsáveis, parasitas do Tesouro, que não cumprem os seus deveres, uma vez que o ensino público está em situação desoladora.

Como eu desejava que houvesse um pastel, nesta expressão?

O pastel seria uma redenção maravilhosa, porque os julgamentos serenos e justos impõem, sempre, respeito e despertam simpatias.

Mas o pastel não existe. E a palavra do Chefe do Estado, ali, está, jogando a fama da incompetência e da negligência a todo o professorado barriga-verde.

E a palavra do Chefe do Estado, seca e metálica, que vibra no ar, e lhes atinge a face, castigando-lhes a alma, entenebrecendo-lhes o espirito, pela injusticia do conceito.

Por que não dizer os fatos, à luz das estatísticas?

Por que matar o Sonho ou tentar ofuscar o Ideal dos que se dedicaram a trabalhar o delicado material, que é a alma humana? Por que? Não se esperava o óbulo duma palavra de estímulo. Não é caridade o que reclamamos, mas, tão somente e precisamente, JUSTIÇA.

A vida não para. A luta por um mundo melhor, através de um homem melhor, não pode sofrer solução de continuidade.

E, enquanto, assim, se maltrata a Legião dos Obreiros do Estado, a educação continua a ser semeada, com fartura, em todos os recantos catarinenses.

E, no conforto das salas dos nossos grupos escolares, ou na modestia avariciante das escolas isoladas, dentro da poesia das nossas zonas rurais, os professores que têm a responsabilidade da Santa Catarina de amanhã, estorcos, com serenidade e constância apostolares, ensinam aos pequeninos e aos jovens, cimentando o trabalho do aluno, que a Justiça deve iluminar todos os gestos e palavras do homem; que devemos ser educados do coração; que, nos caminhos almeios, só nos cabe o direito de colocar tudo quanto for capaz de embellezã-lo; que a vertigem das alturas e do poder não deve ofuscar os julgamentos; que só o Bem e o Amor constroem; que a reputação e a dignidade albeias, nos as devemos zelar, respeitando-as; que a palavra, também, fere, maltrata a machuca, e, se não mata, deixa alma cicatrizes tremendas, perdurando por toda uma existência; e, que, no principio, e por cautela, não se deve en-pi-nho o alho.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVI - Nº 11.121  
29 de abril de 1951



## O ESTADO, 29 de abril de 1951

*A dignidade do Magistério se elevará, quando a consciência social prestigiar o seu valor. Ingenieros<sup>1</sup>.*

Há um princípio de moral cristã que ordena: NÃO MATARÁS.

Passando pela vida, um infinito de criaturas caminha de mãos limpas do sangue do próximo. É o respeito ao preceito cristão, no sentido material. Todavia, nem só a matéria sucumbe. Nem só o corpo é suscetível de sofrer o ataque e morrer. Matam-se esperanças, matam-se sonhos, matam-se ideais. E, nem, por não haver sangue, deixa de haver crime e crime inominável.

Os criminosos destes crimes que a sociedade não pune são as criaturas, cuja secura de coração não lhes dá a felicidade de, sem cálculo, impulsivamente, estender as mãos aos que as solicitam, e cuja alma não se abre num sorriso de bênção que se concretiza numa palavra de gratidão e respeito, para os que trabalham, lutam e constroem.

É essa secura de coração que estrangula a beleza do Sonho nas almas idealistas, e faz que lágrimas de descrença esterilizem as caminhadas, marcando solução de continuidade, nos gestos e comportamentos que o Bem e o Amor iluminam.

Focalizamos, aqui, há dias, um infinito de conceitos, lindos, elevados e justos, que andam na boca de toda gente – alfabeta<sup>2</sup> ou não, a respeito da Escola e do Professor, o que significa dizer do Magistério.

Aqueles conceitos, sem favor, podemos dizer sem falsa modéstia, o Magistério barriga-verde os merece.

Para que não os merecesse, não poderíamos crer na Santa Catarina de hoje, nem confiar na Santa Catarina de amanhã.

Se o Magistério catarinense não fosse um magistério de escol<sup>3</sup>, rivalizando-se com os melhores do país, tudo seria destroço entre nós. Os povos só se engrandecem quando têm mestres capazes.

Qualquer dos mestres deste rincão querido, se lançar os olhos para o caminho andado, não dirá como o poeta que “é um cemitério a estrada a custo percorrida”.

E não falará como o poeta, porque nela não verá cadáveres de Ideal, mas flores e frutos que a embelezam e enriquecem, como uma doce compensação ao seu trabalho de Amor, por um Brasil melhor.

Falamos, conscienciosamente, e podemos fazê-lo, pela autoridade que nos vem de mais de trinta anos de convivência observadora com estes despreziosos obreiros<sup>4</sup> da grande Pátria, no pedaço de chão que quis Deus fosse o nosso.

Por isto, sofremos grande decepção ao ler a fala do Governo, ao Poder Legislativo, no capítulo referente ao ensino. Lá está escrito textualmente: “A situação do ensino público é desoladora”.

Tão grande nos foi o desencanto, que pensamos houvesse, na expressão julgadora, as artimanhas de um infeliz, mas misericordioso pastel.

É que não queríamos crer na afirmativa, cuja rudeza teria força para matar todo o desejo de luta e trabalho, pela felicidade da Pátria e da Humanidade, se não se colocasse o Brasil acima dos homens.

Todavia, a ofensa ali está, viva e contundente<sup>5</sup>.

Ao Magistério Catarinense, naquela frase, nega o Governo, a dignidade, a honra do sacerdócio, o Amor à causa santa do Brasil, na educação da sua gente.

Sim, porque a desolação no ensino só pode ser fruto da inépcia<sup>6</sup>, da ignorância, do desamor pela causa, num achincalhe<sup>7</sup> ao título máximo a que pode aspirar a criatura, como enobrecedor e honroso.

E ao povo de nossa terra e ao país inteiro – porque a Mensagem, a esta hora, já deve estar, oficialmente, correndo, – os professores catarinenses são apontados como relapsos, irresponsáveis, parasitas do Tesouro, que não cumprem os seus deveres, uma vez que o ensino público está em situação desoladora.

Como eu desejava que houvesse um pastel, nesta expressão!

O pastel seria uma redenção maravilhosa, porque os julgamentos serenos e justos impõem, sempre, respeito e despertam simpatias.

Mas o pastel não existe. E a palavra do Chefe do Estado, ali, está jogando a fama da incompetência e da negligência a todo o professorado barriga-verde.

É a palavra do Chefe do Estado, seca e metálica, que vibra no ar, e lhes atinge a face, castigando-lhes a alma, entenebrecendo-lhes o espírito, pela injustiça do conceito.

Por que não dizer os fatos, à luz das estatísticas?

Por que matar o Sonho ou tentar ofuscar o Ideal dos que se dedicaram a trabalhar o delicado material que é a alma humana? Por quê? Não se esperava o óbolo duma palavra de estímulo.

Não é caridade o que reclamamos, mas tão somente e precisamente JUSTIÇA.

A vida não para. A luta por um mundo melhor, através de um homem melhor, não pode sofrer solução de continuidade.

E, enquanto assim se maltrata a Legião dos Obreiros do Estado, a educação continua a ser semeada, com fartura, em todos os recantos catarinenses.

E, no conforto das aulas dos nossos grupos escolares, ou na modéstia acariciante das escolas isoladas, dentro da poesia das nossas zonas rurais, os professores têm a responsabilidade da Santa Catarina de amanhã, estoicos<sup>9</sup>, com serenidade e constância apostolares, ensinam aos pequeninos e aos jovens, cimentando o trabalho do abc, que a Justiça deve iluminar todos os gestos e palavras do homem; que devemos ser educados de coração; que, nos caminhos alheios, só nos cabe o direito de colocar tudo quanto for capaz de embelezá-los; que a vertigem das alturas e do poder não deve ofuscar os julgamentos; que só o Bem e o Amor constroem; que a reputação e a dignidade alheias, nós as devemos zelar, respeitando-as; que a palavra, também fere, maltrata e machuca e, se não mata, deixa na alma cicatrizes tremendas, perdurando por toda uma existência; e que, por princípio, e por cautela, não se deve cuspir para o alto...

1 - A autora cita José Ingenieros, político e filósofo argentino. 2 - Alfabetizada. 3 - De melhor qualidade, excelente. 4 - Trabalhadores. 5 - Incisivo, certo, que causa impacto. 6 - Falta de habilidade, de talento. 7 - Ataque, humilhação. 8 - Esmola. 9 - Que encara os problemas da vida com resignação, sem reclamar.

#### INTRIGA BARATA DE SENZALA

(Palavras do Dep. Oswaldo R. Cabral, no comentário ao nosso editorial de domingo passado, na Assembleia Legislativa).

Tencionávamos, hoje, continuar as nossas considerações despreziosas, à cerca da fala governamental na Assembleia Legislativa, no capítulo referente à Educação.

Todavia, porque um nobre deputado nos apanhou as idéias esfarrapadas (segundo expressão sua) e as levou para a Assembleia, tivemos de alterar os nossos propósitos.

E, pelo respeito que nos merecem os leitores amigos, aqui estamos, repisando o mesmo terreno, para nos esclarecer a atitude, em face da afirmativa do deputado.

xxx

Não conhecemos, na íntegra, o discurso com que o irritado e nobre deputado da posição nos castigou a incrível ousadia de achar injustos os conceitos com que o Governo aponta o Magistério no Estado e no país.

Da peça — monumental e admirável, por certo, como são todos os trabalhos do ilustrado tribuno e historiador — apenas nos contaram a frase final e conceitos depreciativos sobre os nossos pobres Farrapos.

A frase é a que epigrafava estas linhas. Rimos. E tudo tão pueril, que achamos graça. E, pensamento distante, perguntamos aos amigos: Mas onde foi isto? Na Alemanha de Hitler, ou nos Estados Unidos?

xxx

Discordar das nossas considerações é direito de toda gente e, principalmente, dos que militam na situação, embora haja certos fatos, cuja cristalinidade e transparência impõem silêncio, para evitar que sejam mais focos.

Este é o caso da situação desoladora do ensino público, de que fala a Mensagem.

## Farrapos de Idéias

MARIA DA ILHA

Por que desce o deputado a apanhar as nossas idéias esfarrapadas? Qual foi o nosso crime? O de ter dito pela imprensa o que se comenta à boca pequena? Fomos nós, por acaso, que eríamos aquela afirmativa chorante de que a situação do ensino público é desoladora? Não.

Lá está ela na Mensagem governamental, como um interessante louvor à respeitável classe do Magistério.

Se aquela frase não grita, implicitamente, a ineficiência do professorado barriga verde, não compreendemos mais nada. A quem se culparia, se fosse apontada como dolorosa a situação da nossa legislação? Aos legisladores, parece-nos. E não há como sair daí.

xxx

Onde a intriga? Não existiu. Não é do nosso feito moral essa modalidade de comportamento. Somos leal, leal e agradecida. Sempre o fomos. É um dos característicos dos negros.

Fixemos do Magistério o nosso caminho, e agimos, sempre, respeitando a professora que não morreu em nós, ainda, graças a Deus. Como, pois, descer à intriga?

Ademais, para que os professores conhecessem a extensão da injustiça com que lhes reconheciam os esforços, o sem descanso, o desvelo pela educação pública, não havia necessidade das nossas pobres idéias esfarrapadas, no rodapé de O ESTADO. Havia necessidade de ler a Mensagem, que foi publicada, também, pelos jornais. Os professores sabem ler. Ou o nobre deputado julga que não?

xxx

Compreendemos que a delicada sensibilidade do nobre deputado não tenha sofrido, diante daquela frase, S. Excia., para felicidade de todos quantos não são avanos — apesar de portador de um diploma de formalista, não milita no ensino público.

Dizemos felicidade, porque a S. Excia., falta uma das indispensáveis qualidades do professor: não distinguir raças, nem castas, nem classes.

Não, porém, até 1950, que foi ontem, contribuimos com o nosso trabalho para o ensino público.

Temos, portanto, uma grande parcela de responsabilidade, na suposta situação desoladora do ensino, e até nós, chegou, atingindo-nos, na forma da expressão, o juízo do governo sobre o Magistério.

Dal a intensidade da nossa mágoa, que o nobre deputado não quis ou não pôde compreender; daí a sinceridade dos nossos despreziosos conceitos, em que explanamos a injustiça de um julgamento.

xxx

Assim, não houve intriga, nem barata, nem cara. Foi mero engano de S. Excia.. A nossa palavra não tem preço.

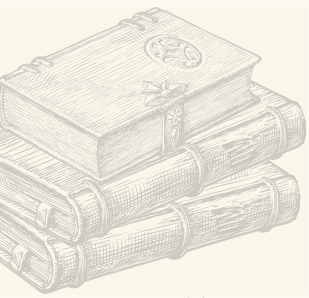
A chave de ouro com que fechou o seu monumental discurso, não nos ofendeu. A ofensa viria e nós a reprimiríamos, se vislumbrássemos que quis chamar-nos de branca.

Na verdade, não a intriga, porque não houve, mas as considerações em torno da situação desoladora do ensino pública, foram ditadas pelo coração de uma negra brasileira, que se orgulha de ser-lo, que nunca se pintou de outra cor, que nasceu, trabalhou e vive nesta terra e que bendiz a Mãe, a santa Mãe, também negra, que a educa, ensinando-a a ter liberdade interior, para compreender e lastimar a tortura dos pobres escravos que vivem acorrentados, no mundo infinitamente pequeno das coisas infinitamente pequeninas e insignificantes...

(Não voltaremos ao assunto).



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVI - Nº 11.125  
06 de maio de 1951



## O ESTADO, 06 de maio de 1951

### INTRIGA BARATA DE SENZALA

(Palavras do Dep. Oswaldo R. Cabral, ao comentar o nosso editorial de domingo passado, na Assembleia Legislativa).

Tencionávamos, hoje, continuar as nossas considerações despreziosas, acerca da fala governamental ao Legislativo, no capítulo referente à Educação.

Todavia, porque um nobre deputado nos apanhou as ideias esfarrapadas (segundo a expressão sua) e as levou para a Assembleia, tivemos de alterar os nossos propósitos.

E, pelo respeito que nos merecem os leitores amigos, aqui estamos, repisando o mesmo terreno, para nos esclarecer a atitude, em face da afirmativa do deputado.

Não conhecemos, na íntegra, o discurso com que o irritado e nobre deputado da posição nos castigou a incrível ousadia de achar injustos os conceitos com que o Governo aponta o Magistério ao Estado e ao país.

Da peça – monumental e admirável, por certo, como são todos os trabalhos do ilustrado tribuno<sup>1</sup> e historiador – apenas nos contaram a frase final e conceitos depreciativos sobre os nossos pobres Farrapos.

A frase é a que epigrafa<sup>2</sup> estas linhas.

Rimos. É tudo tão pueril, que achamos graça. E, pensamento distante, perguntamos aos amigos: Mas onde foi isto? Na Alemanha de Hitler, ou nos Estados Unidos? Discordar das nossas considerações é direito de toda gente e, principalmente, dos que militam na situação, embora haja certos fatos, cuja cristalinidade e transparência impõem silêncio, para evitar que sejam mais focados.

Este é o caso da situação desoladora do ensino público, de que fala a Mensagem.

Por que desce o deputado a apanhar as nossas ideias esfarrapadas? Qual foi o nosso crime? O de ter dito pela Imprensa o que se comenta à boca pequena? Fomos nós, por acaso, que criamos aquela afirmativa chocante de que a situação do ensino público é desoladora? Não.

Lá está ela na Mensagem governamental, como um interessante louvor à respeitável classe do Magistério.

Se aquela frase não grita, implicitamente<sup>3</sup>, a ineficiência do professorado barriga-verde, não compreendemos mais nada. A quem se culparia, se fosse apontada como dolorosa a situação da nossa legislação? Aos legisladores, parece-nos. E não há como sair daí.

Onde a intriga? Não existiu. Não é do nosso feitio moral essa modalidade de comportamento. Somos leais. Leais e agradecidas. Sempre o fomos. É uma das características dos negros. Fizemos do Magistério o nosso caminho, e agimos, sempre, respeitando a professora que não morreu em nós, ainda, graças a Deus. Como, pois, descer à intriga?

Ademais, para que os professores conhecessem a extensão da injustiça com que lhes reconheciam os esforços, o sem descanso, o desvelo<sup>4</sup> pela educação pública, não havia necessidade das nossas pobres ideias esfarrapadas, no rodapé de O ESTADO. Havia necessidade de ler a Mensagem, que foi publicada, também, pelos jornais. Os professores sabem ler. Ou o nobre deputado julga que não?

Compreendemos que a delicada sensibilidade do nobre deputado nada tenha sofrido, diante daquela frase. S. Excia.<sup>5</sup>, para felicidade de todos quantos não são arianos – apesar de portador de um diploma de normalista, não milita no ensino público.

Dizemos felicidade, porque a S. Excia., falta uma das indispensáveis qualidades de professor: não distinguir raças, nem castas, nem classes.

Nós, porém, até 1950, que foi ontem, contribuímos com o nosso trabalho para o ensino público.

Temos, portanto, uma grande parcela de responsabilidade, na suposta situação desoladora do ensino, e, até nós, chegou, atingindo-nos, na dureza da expressão, o juízo do governo sobre o Magistério.

Daí a intensidade da nossa mágoa, que o nobre deputado não quis ou não pôde compreender; daí a sinceridade dos nossos despreziosos conceitos, em que explanamos a injustiça de um julgamento.

Assim, não houve intriga, nem barata, nem cara. Foi mero engano de S. Excia.. A nossa palavra não tem preço.

A chave de ouro com que fechou o seu monumental discurso, não nos ofendeu. A ofensa viria e nós a repeliríamos, se vislumbrássemos que quis chamar-nos de branca. Na verdade, não a intriga, porque não houve, mas as considerações em torno da situação desoladora do ensino público, foram ditadas pelo coração de uma negra brasileira, que se orgulha de sê-lo, que nunca se pintou de outra cor, que nasceu, trabalhou e vive nesta terra e que bendiz a Mãe, a santa Mãe, também negra, que a educou, ensinando-a a ter liberdade interior, para compreender e lastimar a tortura dos pobres escravos que vivem acorrentados, no mundo infinitamente pequeno das coisas infinitamente pequeninas e insignificantes...

(Não voltaremos ao assunto).

1 - Político, que exerce cargo público.

2 - Que serve de epígrafe, uma citação que se faz antes do próprio discurso ou texto, como inspiração.

3 - Sem ser às claras, indiretamente. 4 - Grande cuidado, dedicação.

5 - Abreviação para "Sua Excelência".

A vida, dentro das Democracias que o sejam em toda a plenitude, deve ser uma doce maravilha.

O direito de opinar, de votar, de ter o seu credo politico e religioso, o direito de se sentir individuo e de não ser uma cousa, no seio da coletividade, dá à criatura, com o senso da responsabilidade, um justificável prazer de viver.

Sim, porque ela compreende que as leis e os homens que respeitam essas leis e que as vivificam, cumprindo-as, têm o equilibrio perfeito da Liberdade, base indispensável para todas as conquistas estáveis.

XXX

Sem Liberdade, as criaturas conscientes do seu valor, como parte integrante da sociedade em que vivem, perdem as qualidades que as distinguem das cousas mortas.

A escravização mata por asfixia moral. Por isto mesmo os espiritos libertos maisinam os totalitarismos e tudo quanto possa arranhar, de leve, a liberdade do individuo.

Viver sob o céu que a todos resguarda, sob os raios de um sol que a todos ilumina e aquece, sem acotovelar, mas, também, sem ser acotovelado; respeitando o próximo, que o respeita; e agindo, como um individuo, cujos direitos são reconhecidos e cujos próprios deveres ele não os desconhece...

XXX

Sem reconhecer no Poder a divindade, compreendem todos — Governo e governados — a possibilidade do erro.

## Farrapos de Idéias

MARIA DA ILHA

Se aquele o pratica, estes o criticam, sem outra finalidade que não seja a de cooperação; se o erro é óstete, aquele os corrige.

E o sentido exato e perfeito da vida, dentro da Democracia, em que todos se ajudam e todos se dão as mãos, para o bem comum.

Viver assim, num regime assim, com uma alta compreensão assim, seria agradável, porque haveria Paz, porque todos encontrariam Justiça, e, como consequência natural, todos se veriam embalados por uma sedutora Harmonia.

XXX

Mas há DEMOCRACIA e Democracia.

E, sempre e cada vez mais, ficamos no principio de que as palavras, muitas vezes, têm um falso significado. E, quando os homens esquecerem o verdadeiro, a vida é uma Babel.

A nossa democracia, é menina ainda. De quando em vez, tropeça, muitas vezes cai e basta outras, anda de gatinhas.

O mal não é do regime. O mal não é das leis.

O mal é dos homens que praticam o regime e vivem as leis.

Falta-lhes liberdade interior, para não negar ao próximo, o que exigem para si.

Presos pelo egoísmo que os apequena e amesquinha, eles, indiferentemente, vão pisando, ferindo, maltratando, no próximo, o direito sagrado da Liberdade.

Muitas vezes, levados pela fúria vertiginosa com que se despendem — porque todos os comportamentos negativos são forças que impellem o homem a descidas — vão além mesmo dos limites com que se valem das leis, para acobertar-lhes as ações.

XXX

Isto pensávamos nós, quando nos contaram que, ao lado do Diário das dispensas, das exonerações, das remoções, vamos ter o Diário das permutas.

Até aí nada de mais. Exonerar, dispensar, remover é um direito do Governo.

Mas as permutas, dá a lei, só se fazem mediante pedido escrito das partes interessadas.

Se as partes ignoram o lido presente com que lhes premia o Governo a ingenuidade de crer na Democracia, na inviolabilidade das leis e no fascínio da Liberdade, permuta será permuta ou remoção?

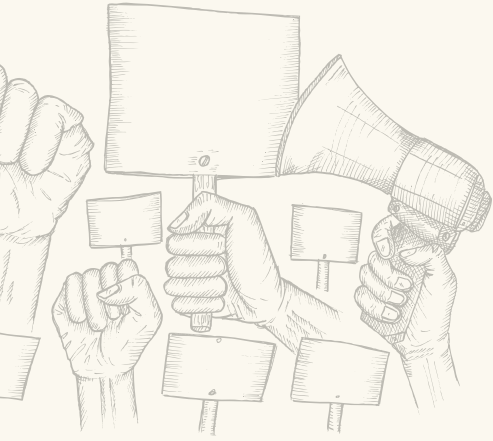
E remoção assim, dará direito à ajuda de custo?

XXX

Como é difícil a caminhada, sentindo-se a odisseia que obriga o refluxo do Bem, do Direito e da Justiça!



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVII - Nº 11.147  
03 de junho de 1951



### *O ESTADO, 03 de junho de 1951*

A vida, dentro das Democracias que o sejam em toda a plenitude, deve ser uma doce maravilha.

O direito de opinar, de votar, de ter o seu credo político e religioso, o direito de se sentir indivíduo e de não ser uma coisa, no seio da coletividade, dá à criatura, com o senso da responsabilidade, um justificável prazer de viver.

Sim, porque ela compreende que as leis e os homens que respeitam essas leis e que as vivificam, cumprindo-as, têm o equilíbrio perfeito da Liberdade, base indispensável para todas as conquistas estáveis.

Sem Liberdade, as criaturas conscientes do seu valor, como parte integrante da sociedade em que vivem, perdem as qualidades que as distinguem das coisas mortas.

A escravização mata por asfixia moral.

Por isto mesmo os espíritos libertos malsinam<sup>1</sup> os totalitarismos e tudo quanto possa arranhar, de leve, a liberdade do indivíduo.

Viver sob o céu que a todos resguarda, sob os raios de um sol a que todos ilumina e aquece, sem acotovelar, mas, também, sem ser acotovelado; respeitando o próximo, que o respeita; e agindo, como um indivíduo, cujos direitos são reconhecidos e cujos próprios deveres ele não os desconhece...

Sem reconhecer no Poder a divindade, compreendem todos – Governo e governados – a possibilidade do erro.

Se aquele o pratica, estes o criticam, sem outra finalidade que não seja a de cooperação; se o erro é destes, aquele os corrige.

É o sentido exato e perfeito da vida, dentro da Democracia, em que todos se ajudam e todos se dão as mãos, para o bem comum.

Viver assim, num regime assim, com uma alta compreensão assim, seria agradável, porque haveria Paz, porque todos encontrariam Justiça, e, como consequência natural, todos se veriam embalados por uma sedutora Harmonia.

Mas há DEMOCRACIA e Democracia.

E, sempre e cada vez mais, ficamos no princípio de que as palavras, muitas vezes, têm um falso significado. E, quando os homens esquecem o verdadeiro, a vida é uma Babel.

A nossa democracia é menina ainda. De quando em vez tropeça, muitas vezes cai e bastas<sup>2</sup> outras, anda de gatinhas.

O mal não é do regime. O mal não é das leis.

O mal é dos homens que praticam o regime e vivem as leis.

Falta-lhes liberdade interior, para não negar ao próximo, o que exigem para si.

Presos pelo egoísmo que os apequena e amesquinha, eles, indiferentemente, vão pisando, ferindo, maltratando, no próximo, o direito sagrado da Liberdade.

Muitas vezes, levados pela fúria vertiginosa com que despencam – porque todos os comportamentos negativos são forças que impelem o homem a descidas – vão além mesmo dos limites com que se valem das leis, para acobertar-lhes as ações.

Isto pensávamos nós, quando nos contaram que, ao lado do Diário das dispensas, das exonerações, das remoções, vamos ter o Diário das permutas<sup>3</sup>.

Até aí nada de mais. Exonerar, dispensar, remover é um direito do Governo.

Mas as permutas, diz a lei, só se farão mediante pedido escrito das partes interessadas.

Se as partes ignoram o lindo presente com que lhes premia o Governo a ingenuidade de crer na Democracia, na inviolabilidade das leis e no fascínio da Liberdade, permuta será permuta ou remoção?

E remoção, assim, dará direito à ajuda de custo?

Como é difícil a caminhada, sentindo-se a onda que obriga o refluxo do Bem, do Direito e da Justiça!

1 - Condenam, atacam.

2 - Muitas, várias.

3 - Trocas, negociações.

Os movimentos que agitam e dão colorido à vida das coletividades, põem, em evidência, quase sempre, certas palavras, cujo significado se esbate e desaparece, diante da realidade dos fatos.

Na última campanha política, muito se usou e abusou da palavra Democracia.

Pela amplitude de Liberdade e pela igualdade de direitos, em face da inteligência e da aptidão, a Democracia oferece aos espíritos libertos um clima de vida, profundamente, sedutor.

As sombras não são privilégio de ninguém e o sol é direito de todos. Os degraus que levam aos cumes mais elevados não se fecham aos que, podendo, querem galgá-los. Uma integral igualdade de direitos, sem diversidade de deveres.

Reposando no respeito devido às maiorias e não na tirania que estas possam exercer, a Democracia não agasalha escravos, mas homens.

Os democratas compreendem o poder vital dos ambientes purificados pela Liberdade; são homens com a consciência do direito de agir e optar e reconhecem, como primeiro e sagrado dever do vencedor, o respeito à individualidade do vencido.

xxx

A diversidade de opiniões no ambiente elevado das competições políticas, dentro das Democracias, é necessária, como força vitalizante e revigoradora do próprio regime.

Só os regimes totalitários, pelo poder da força e asfixia da Liberdade, têm a unidade

## Farrapos de Idéias

MARIA DA ILHA

nacional, em torno de um partido.

Dai, nas Democracias, não se justificarem máscaras, nem atitudes postizas, na vida partidária das coletividades.

Cada um é o que é, pelo direito de sê-lo.

É a liberdade que só encontra fronteira no limite da individualidade do próprio homem.

xxx

Assim, entendemos nós a Democracia. Assim a entendiam, ontem, os homens, hoje, da situação.

"O Governo do Povo, governar com o Povo, Governar acima de Partidos, homens para os cargos, a liberdade de ser ou não ser, ensino à margem de informações político-partidárias, ambiente de Paz e Harmonia" tudo isto se dizia, implícita ou explicitamente, como definição da Democracia que o partido, hoje Governo, implantaria no Estado, para felicidade do povo barriga-verde.

E era bonito de se ouvir. E, se não fôsse tão longo o nosso trato com as criaturas, faria bem até à alma da gente, pela elevada educação política que se revelava, e porque indicaria o gran-

de proveito de vinte anos de aprendizado, à margem do Poder...

xxx

Mas, como foi desvirtuada a significação de DEMOCRACIA!

Onde o respeito à individualidade dos vencidos? Onde o respeito ao direito de ter um credo político diverso do vitorioso? Onde a prática de Justiça administrativa de homens para os cargos? Onde o Governo acima de Partidos? Onde o ensino à margem das informações político-partidárias? Onde a Paz e Harmonia? Onde?

xxx

Tudo desapareceu ou foi esquecido.

Os funcionários, que por se julgarem indivíduos e não cousas, usaram do direito que a lei lhes concede, e votaram no Majoritário, expiam este crime inominável, marchando para pontos afastados, tangidos pelo vendaval das remoções, que sacode o Estado.

As dispensas, as exonerações e singulares permutas completam a magistral maneira de fazer viver, pelo avesso, a beleza de uma pregação cívica.

O ensino, hoje, em situação desoladora, pelo crime do afastamento, em pleno período letivo e sem motivo justificado, de professores, até com mais de um decênio de trabalho, numa mesma escola.

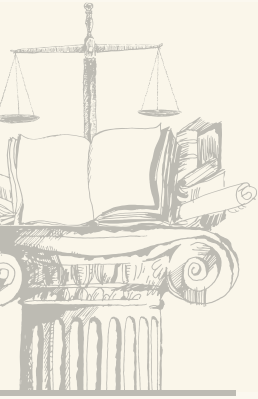
xxx

Assim, a Democracia, a magistral Democracia que vivemos.

Como fica distante e é diferente da que nos foi prometida!...



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.159  
17 de junho de 1951



### *O ESTADO, 17 de junho de 1951*

Os movimentos que agitam e dão colorido à vida das coletividades põem, em evidência, quase sempre, certas palavras, cujo significado se esbate<sup>1</sup> e desaparece, diante da realidade dos fatos.

Na última campanha política, muito se usou e abusou da palavra Democracia.

Pela amplitude de Liberdade e pela igualdade de direitos, em face da inteligência e da aptidão, a Democracia oferece aos espíritos libertos um clima de vida profundamente sedutor.

As sombras não são privilégio de ninguém e o sol é direito de todos. Os degraus que levam aos cumes mais elevados não se fecham aos que, podendo, querem galgá-los. Uma integral igualdade de direitos, sem diversidade de deveres.

Repousando no respeito devido às maiorias e não na tirania que estas possam exercer, a Democracia não agasalha escravos, mas homens.

Os democratas compreendem o poder vital dos ambientes purificados pela Liberdade; são homens com a consciência do direito de agir e optar e reconhecem, como primeiro e sagrado dever do vencedor, o respeito à individualidade do vencido.

A diversidade de opiniões no ambiente elevado das competições políticas, dentro das Democracias, é necessária, como força vitalizante e revigoradora do próprio regime.

Só os regimes totalitários, pelo poder da força e asfixia da Liberdade, têm a unidade nacional em torno de um partido.

Daí, nas Democracias, não se justificarem máscaras, nem atitudes postiças, na vida partidária das coletividades.

Cada um é o que é, pelo direito de sê-lo.

É a liberdade que só encontra fronteira no limite da individualidade do próprio homem.

Assim entendemos nós a Democracia. Assim a entendiam, ontem, os homens, hoje, da situação.

“O Governo do povo, governar com o Povo, Governar acima de Partidos, homens para os cargos, a liberdade de ser ou não ser, ensino à margem de informações político-partidárias, ambiente de Paz e Harmonia” tudo isto se dizia, implícita ou explicitamente, como definição da Democracia que o partido, hoje Governo, implantaria no Estado, para felicidade do povo barriga-verde.

E era bonito de se ouvir. E, se não fosse tão longo o nosso trato com as criaturas, faria bem até à alma da gente, pela elevada educação política que se revelava, e porque indicaria o grande proveito de vinte anos de aprendizado, à margem do Poder...

Mas como foi desvirtuada a significação de DEMOCRACIA!

Onde o respeito à individualidade dos vencidos? Onde o respeito ao direito de ter um credo político diverso do vitorioso? Onde a prática de Justiça administrativa de homens para os cargos? Onde o Governo acima de Partidos? Onde o ensino à margem das informações político-partidárias? Onde a Paz e Harmonia? Onde?

Tudo desapareceu ou foi esquecido.

Os funcionários, que por se julgarem indivíduos e não coisas, usaram do direito que a lei lhes concede, e votaram no Majoritário, expiam<sup>2</sup> esse crime inominável, marchando para pontos afastados, tangidos<sup>3</sup> pelo vendaval das remoções, que sacode o Estado.

As dispensas, as exonerações e singulares permutas completam a magistral maneira de fazer viver, pelo avesso, a beleza de uma pregação cívica.

O ensino, hoje, em situação desoladora, pelo crime do afastamento, em pleno período letivo e sem motivo justificado, de professores, até com mais de um decênio de trabalho, numa mesma escola.

Assim, a Democracia, a magistral Democracia que vivemos.

Como fica distante e é diferente da que nos foi prometida! ...



1 - Dar forma, esculpir.

2 - Pagam pecados, cumprem penas.

3 - Guiados.

Na paisagem política catarinense, no crepúsculo do primeiro ano da era udenista entre nós, os que se dão à meditação, olhando em torno, e percorrendo os fatos que vêm assinalando a presença do GOVERNADOR DE TODOS OS CATARINENSES à testa dos destinos de nossa terra, procuram, ainda, o clima de Paz, Harmonia e Justiça, que constituiu, uma linda e sedutora promessa do candidato.

Dizemos linda, porque nela havia a alta compreensão dos princípios da Democracia, que se estriba no respeito à Liberdade de cada um; linda e sedutora, porque revelava manifestação de conhecimento, e conhecimento profundo, da extraordinária ciência e delicada arte de governar; linda e sedutora, porque os que se sentem presos a este pedaço de chão, querem vê-lo a alçar-se, cada vez mais, pondo a margem as convicções partidárias.

Mas, a beleza e a sedução da promessa do candidato esbateram-se, na estreiteza sem claridade dos dias vívidos, neste primeiro ano de governo udenista.

Como por encanto inexplicável, o Governador esqueceu o evangelho da campanha política.

Os louros e as alegrias do poder ofuscaram a memória do candidato vitorioso.

E, apesar de a promessa ter sido repetida em vários lugares; apesar de proclamar, muitas vezes, esta soberba moralidade que constituiria traço marcante na sua administração; apesar de tudo isto, elas, as palavras do candidato, não tiveram o poder de plasmar-se nas "alamedas interiores" do Chefe de hoje, para viverem nos atos que lhe marcam, indelévelmente, a passagem pelo cargo a que o elevou a soberania vontade popular.

## Farrapos de Idéas

MARIA DA ILHA

Não queremos descrever da sinceridade daqueles propósitos do candidato, e por isso os julgamos fruto de entusiasmo momentâneo. Sim, porque, a não acreditar na pureza da prêgação cívica do candidato de ontem, seriamente forçados a pensar que se brincou com a boa-fé da maioria dos catarinenses.

Os fatos no-lo provam. O udenismo, subido ao poder, transformou-se em verdugo duma parcela do povo catarinense — aquela que lhe negou o voto.

E os atos do Governo negam a serenidade do Candidato decepcionando e matando risonhas esperanças dos que colocam o bem de Santa Catarina acima dos homens, e das cores partidárias.

Num eclipse total da forças morais, que sustentam os homens na sua posição vertical, tem-se feito da Vingança e do Ódio os substitutos da Paz, Harmonia e Justiça prometidas.

Persegue-se sem pejo, porque o Governo é a força.

Uma legião de funcionários movimentou-se, para atender as remoções. Sangra-se o Tesouro com a despesa que as remoções acarretam. O Magistério, o grande Magistério, castigado. E tudo é uma sequen-

cia em que se manifesta uma acanhada visão política, uma estreiteza de horizontes de educação democrática, que entristece todos quantos acreditavam nos frutos admiráveis do aprendizado na maravilhosa ESCOLA DA VIDA.

Os nossos correligionários, cuja situação não era a da efetividade, pagaram e estão a pagar, duramente, o crime de, dentro de uma Democracia, votar no Partido que sua consciência escolheu.

E o interessante é que, agindo assim, maltratando-nos assim, de vez em quando, grita-se pela necessidade da Paz na vida política do Estado, como se fôssemos responsáveis pelo seu desaparecimento.

Se o comportamento dos homens da situação não nos faz perder a serenidade e nos capacita, cada vez mais, da necessidade de persistirmos na defesa do povo, pelo trabalho indormido dos nossos representantes nos legislativos, mostra-nos, também, a infinita covardia moral, que seria a nossa, se se anesteziasse, em nossa alma partidária, o sofrimento de todos os pessedistas catarinenses, para um apêto de mão de amizade com os que foram agentes desse sofrimento.

O erro não é nosso. O erro é de quem se esqueceu de que a vitória das urnas o fez governador de todos os catarinenses. O erro é de quem falou em Paz, Harmonia e Justiça, sem lhes explicar a significação em linguagem udenista. O erro é dos que perseguiram, dos que pisaram e tripudiaram nos direitos sagrados dos cidadãos.

Do Governo que nos rege, não queremos generosidade, mas exigimos o respeito à nossa dignidade de adversários, e respeito ao Direito, pela consagração da Justiça.



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.329  
13 de janeiro de 1952

### O ESTADO, 13 de janeiro de 1952

Na paisagem política catarinense, no crepúsculo do primeiro ano da era udenista<sup>1</sup> entre nós, os que se dão à meditação, olhando em torno, e percorrendo os fatos que vêm assinalando a presença do GOVERNADOR DE TODOS OS CATARINENSES à testa dos destinos de nossa terra, procuram, ainda, o clima de Paz, Harmonia e Justiça que constituiu uma linda e sedutora promessa do candidato.

Dizemos linda, porque nela havia a alta compreensão dos princípios da Democracia, que se estriba no respeito à Liberdade de cada um; linda e sedutora, porque revelava manifestação de conhecimento, e conhecimento profundo, da extraordinária ciência e delicada arte de governar; linda e sedutora, porque os que se sentem presos a este pedaço de chão querem vê-lo a alçar-se, cada vez mais, pondo à margem as convicções partidárias.

Mas a beleza e a sedução da promessa do candidato esbateram<sup>2</sup>-se, na estreiteza sem claridade dos dias vividos, neste primeiro ano de governo udenista.

Como por encanto inexplicável, o Governador esqueceu o evangelho da campanha política.

Os louros e as alegrias do poder ofuscaram a memória do candidato vitorioso.

E, apesar de a promessa ter sido repetida em vários lugares; apesar de proclamar, muitas vezes, esta soberba moralidade que constituiria traço marcante na sua administração; apesar de tudo isso, elas, as palavras do candidato, não tiveram o poder de plasmar-se nas “alamedas interiores” do Chefe de hoje, para viverem nos atos que lhe marcam, indelevelmente<sup>3</sup>, a passagem pelo cargo a que o elevou a soberana vontade popular.

Não queremos descrever da sinceridade daqueles propósitos do candidato, e por isso os julgamos fruto de entusiasmo momentâneo. Sim, porque, a não acreditar na pureza da pregação cívica do candidato de ontem, seríamos forçados a pensar que se brincou com a boa-fé da maioria dos catarinenses.

Os fatos no-lo provam. O udenismo, subido ao poder, transformou-se em verdugo duma parcela do povo catarinense – aquela que lhe negou o voto.

E os atos do Governo negam a serenidade do Candidato, decepcionando e matando risonhas esperanças dos que colocam o bem de Santa Catarina acima dos homens e das cores partidárias.

Num eclipse total das forças morais, que sustentam os homens na sua posição vertical, tem-se feito da Vingança e do Ódio os substitutos da Paz, Harmonia e Justiça prometidas.

Persegue-se sem pejo, porque o Governo é a força.

Uma legião de funcionários movimenta-se, para atender as remoções. Sangra-se o Tesouro com a despesa que as remoções acarretam. O Magistério, o grande Magistério, castigado. E tudo é uma seqüência em que se manifesta uma acanhada visão política, uma estreiteza de horizontes de educação democrática, que entristece todos quantos acreditavam nos frutos admiráveis do aprendizado na maravilhosa ESCOLA DA VIDA.

Os nossos correligionários, cuja situação não era a da efetividade, pagaram e estão a pagar, duramente, o crime de, dentro de uma Democracia, votar no Partido que sua consciência escolheu.

E o interessante é que, agindo assim, maltratando-nos assim, de vez em quando, grita-se pela necessidade da Paz na vida política do Estado, como se fôssemos responsáveis pelo seu desaparecimento.

Se o comportamento dos homens da situação não nos faz perder a serenidade e nos capacita, cada vez mais, da necessidade de persistirmos na defesa do povo, pelo trabalho indormido<sup>4</sup> dos nossos representantes nos legislativos, mostra-nos, também, a infinita covardia moral, que seria a nossa, se se anestesiasse, em nossa alma partidária, o sofrimento de todos os pessedistas<sup>5</sup> catarinenses, para um aperto de mão de amizade com os que foram agentes desse sofrimento.

O erro não é nosso. O erro é de quem se esqueceu de que a vitória das urnas o fez governador de todos os catarinenses. O erro é de quem falou em Paz, Harmonia e Justiça, sem lhes explicar a significação em linguagem udenista. O erro é dos que perseguiram, dos que pisaram e tripudiaram nos direitos sagrados dos cidadãos.

Do Governo que nos rege, não queremos generosidade, mas exigimos o respeito à nossa dignidade de adversários, e respeito ao Direito, pela consagração da Justiça.



1 - Relativo a UDN, União Democrática Nacional, partido político brasileiro fundado em 1945 e extinto em 1965.

2 - Atenuaram-se, tornaram-se menos fortes. 3 - De um jeito que não se pode apagar.

4 - Atento, vigilante, que não está dormindo.

5 - Relativo ao PSD, Partido Social Democrático, partido político brasileiro criado em 1945 e extinto em 1965.

A semana que findou, teve a emoldurá-la, como fato principal, a sessão de encerramento da primeira sessão legislativa. Foi, na verdade, uma grande sessão, pela sua linda expressão democrática e pela reafirmação do alto sentido de defesa dos interesses populares, que vem caracterizando e com que se vem acentuando, cada vez mais, todo o trabalho da oposição no Estado.

No zelo indescortinado por tudo quanto constitua a própria vida do Estado e o bem estar da sua gente, cientes de que o "direito é o presidio do cidadão", na feliz expressão de Rui, os que são maioria na Assembleia — o P. S. D. e o P. T. R. dissidente — neste ano legislativo, desenvolveram e realizaram um trabalho admirável e profícuo, agindo com elevação e descortino.

Ao Governo nada que pudesse dificultar-lhe ou tornar menos eficiente a administração, foi negado. Contudo, isto foi feito, evitando-se, sempre, ferir os interesses do povo.

Se a eficiência não se realizou, se estamos vendo instantes inexpressivos de paralisação, se o presente regista a inação dos sem ideal e a quietude e indecisão dos tímidos ou dos vencidos, se a administração não tem o colorido das caminhadas dos que entendem que as vidas se medem pelas realizações, se a sabedoria da vida nos nega os frutos que sabe oferecer e oferecer com fartura, a culpa não cabe ao Legislativo, cuja oposição, vigilante, mas patriota, tudo fez, para que não sofresse solução de continuidade a marcha progressista de Santa Catarina.

## Farrapos de Ideias

MARIA DA ILHA

Mas, infelizmente, a descontinuidade aí está.

Em tudo, há um hiato que desconserta e desencanta até outros que não somos nós...

A vida administrativa do Estado parou.

Mas o Legislativo, pela sua oposição deve estar satisfeito daquela satisfação que surge dos aplausos com que nos brinda a consciência, quando damos ao dever o esplendor da lei. Satisfeitos porque, mandatários do povo, os deputados oposicionistas fizeram dos interesses do povo a causa única da sua estada na CASA do POVO.

Tudo isto não nos surpreendeu. Quando da instalação desta legislatura, destas mesmas colunas, falamos da maneira por que se nortearia a oposição na Assembleia.

E não erramos. Levada por imperativo profissional a conviver com os moços, sempre tivemos Fé na cristalinidade do seu idealismo.

Muito se fez, nesses pequenos, muito se lutou contra a maldade dos que se esqueceram da massa.

Foi um trabalho feliz, que teve a presidio um grande PRESIDENTE, um verdadeiro Presidente, um Presidente, um HOMEM, no sentido elevado do termo, pela bravura moral e dignidade excepcional

com que honrou o cargo a que o conduziu o voto quase unânime da Casa.

Aliás, já devíamos prever isto, desde a instalação da legislatura, quando pessoas respeitáveis se disfarçaram em moleques inconscientes, para valem o Poder, para diminuir uma das três Colunas sobre que que repousa o regime, pensando que vavam e diminuam o homem...

Desde aí até o desassombro da sua palavra final, em que, com a coragem da lealdade castiga a ação do Executivo, na pessoa do Governador em relação à Assembleia, o jovem Presidente revelou-se um extraordinário Presidente.

E que se dizer do trabalho oposição?

Se todo o imenso esforço que desenvolveram, não bastasse para exaltá-los aos olhos do eleitorado que neles confluiu; se se desconhecisse o carinho com que trataram dos problemas que atingiam a grande massa, dificultando-lhes, ainda mais a vida, a última batalha, travada na última sessão, de que saíram vencedores, com a rejeição do celeberrimo Projeto do Governo que atualizava a lei do selo, diria da dignidade do seu mandato.

E, nesta luta do Direito contra a Força, a vitória do Direito é a vitória da Democracia, que empolga todos quantos vêm, neste regime apesar das incompreensões, a vitória do próprio povo.

Dá não nos poderemos furtar a trazer aqui os nossos aplausos, cordiais e sinceros, à brava oposição, aos possedistas e petebistas dissidentes, a quem cabe a honrosa tarefa de resguardar a felicidade da gente harriga verde, na Assembleia Legislativa.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.335  
20 de janeiro de 1952



### O ESTADO, 20 de janeiro de 1952

A semana que findou teve a emoldurá-la, como fato principal, a sessão de encerramento da primeira sessão legislativa. Foi, na verdade, uma grande sessão, pela sua linda expressão democrática e pela reafirmação do alto sentido de defesa dos interesses populares, que vem caracterizando e com que se vem acentuando, cada vez mais, todo o trabalho da oposição no Estado.

No zelo indescontínuo<sup>1</sup> por tudo quanto constitui a própria vida do Estado e o bem-estar da sua gente, cientes de que o “direito é o presídio do cidadão”, na feliz expressão de Rui, os que são maioria na Assembleia – o PSD<sup>2</sup> e o PTB<sup>3</sup>. dissidente –, neste ano legislativo, desenvolveram e realizaram um trabalho admirável e profícuo<sup>4</sup>, agindo com elevação e descortino<sup>5</sup>. Ao Governo nada que pudesse dificultar-lhe ou tornar menos eficiente a administração foi negado. Contudo, isto foi feito, evitando-se, sempre, ferir os interesses do povo. Se a eficiência não se realizou, se estamos vivendo instantes inexpressivos de paralisação, se o presente registra a inação dos sem ideal e a quietude e indecisão dos tímidos ou dos vencidos, se a administração não tem o colorido das caminhadas dos que entendem que as vidas se medem pelas realizações, se a sabedoria da vida nos nega os frutos que sabe oferecer e oferecer com fartura, a culpa não cabe ao Legislativo, cuja oposição, vigilante, mas patriota, tudo fez, para que não sofresse solução de continuidade a marcha progressista de Santa Catarina.

Mas, infelizmente, a descontinuidade aí está.

Em tudo, há um hiato que desconcerta<sup>6</sup> e desencanta até outros que não somos nós...

A vida administrativa do Estado parou.

Mas o Legislativo, pela sua oposição, deve estar satisfeito daquela satisfação que surge dos aplausos com que nos brinda a consciência, quando damos ao dever o esplendor da lei. Satisfeitos porque, mandatários do povo, os deputados oposicionistas fizeram dos interesses do povo a causa única da sua estada na CASA do POVO. Tudo isto não nos surpreendeu. Quando da instalação desta legislatura, destas mesmas colunas, falamos da maneira por que se nortearia a oposição na Assembleia. E não erramos. Levada por imperativo profissional a conviver com os moços, sempre tivemos Fé na cristalinidade do seu idealismo.

Muito se fez pelos pequenos, muito se lutou contra a maldade dos que se esqueceram da massa.

Foi um trabalho feliz, que teve a presidi-lo um grande PRESIDENTE, um verdadeiro Presidente, um Presidente, um HOMEM, no sentido elevado do termo, pela bravura moral e dignidade excepcional com que honrou o cargo a que o conduziu o voto quase unânime da Casa.

Aliás, já devíamos prever isto, desde a instalação da legislatura, quando pessoas respeitáveis se disfarçaram em moleques inconscientes, para vaiarem o Poder, para diminuírem uma das três Colunas sobre qual repousa o regime, pensando que vaiavam e diminuíam o homem...

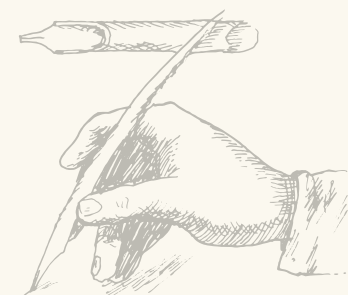
Desde aí até o desassombro da sua palavra final, em que, com a coragem da lealdade castiga a ação do Executivo, na pessoa do Governador em relação à Assembleia, o jovem Presidente revelou-se um extraordinário Presidente.

E que se dizer do trabalho da oposição?

Se todo o imenso esforço que desenvolveram, não bastasse para exalçá-los aos olhos do eleitorado que neles confiou; se se desconhecesse o carinho com que trataram dos problemas que atingiam a grande massa, dificultando-lhes, ainda mais a vida, a última batalha, travada na última sessão, de que saíram vencedores, com a rejeição do celeberrimo Projeto do Governo que atualizava a lei do selo, diria da dignidade do seu mandato.

E, nesta luta do Direito contra a Força, a vitória do Direito é a vitória da Democracia, que empolga todos quantos veem, neste regime, apesar das incompreensões, a vitória do próprio povo.

Daí não nos podermos furtar a trazer aqui os nossos aplausos, cordiais e sinceros, à brava oposição, aos pessedistas e petebistas dissidentes, a quem cabe a honrosa tarefa de resguardar a felicidade da gente barriga verde, na Assembleia Legislativa.



1 - O mesmo que contínuo. 2 - Partido Social Democrático. 3 - Partido Trabalhista Brasileiro.

4 - Que dá resultado. 5 - Perspicácia, com alta percepção. 6 - Que entra em desacordo.

A publicação do sucinto relatório que S. Excia. o Sr. Governador, a 31 de janeiro, leu, cumprindo o indeclinável dever de falar ao povo catarinense, para prestar contas do primeiro ano da sua administração, permitiu-nos o prazer de analisá-lo com o carinho de quem acompanha "palavras e fatos" que fixam a personalidade dos nossos homens.

Quando, naquela data, palmas correligionárias coroavam o fim da leitura, que ouvimos atentamente, ficamos a perguntar a nós mesma:

Por que S. Excia. não aproveitou a oportunidade da data, para esclarecer o seu povo das superiores razões que o levaram à grande despesa de mais de um milhão com as remoções dos funcionários pebedistas? Por que, nesta hora, não explicar a razão das dispensas e exonerações dos que não pertencem ao grupo coligado?

Por que S. Excia. não aproveitou as ondas da nossa A. Mais Popular, para explicar ao seu magnânimo povo, as extraordinárias razões que fizeram erguer-se as paredes da majestosa Casa do Governador, ali, no pitoresco recanto da Agronômica, entre o Hospital Nerêu Ramos e o Abrigo dos Menores?

xxx

S. Excia. não quis "prestar contas" destes "fatos" do seu infecundo governo. Talvez não encontrasse "palavras", para tanto . . .

Talvez quisesse, com o seu silêncio, desafiar a sagacidade dos seus governados . . .

Se S. Excia. não quis referir-se a estes fatos, para nós de grande importância, o mesmo não fez com outros.

E entre os capítulos que constituem o seu sucinto relatório, lá está o da Educação, exigindo de nós uma leitura especial.

xxx

De início, S. Excia. afirma que "várias me-

## Farrapos de Idéas

MARIA DA ILHA

didias foram tomadas, para tornar mais eficiente o ensino primário e normal". Curiosa, procuramos conhecer tais medidas.

Era, plenamente, justificável a nossa curiosidade.

S. Excia. já havia declarado que encontrara o ensino público, em situação desoladora. E tudo quanto viesse desfazer aquela suposta situação, devia interessar-nos, e muito.

Desde que estamos na era udenista, o que sabemos de novo, na vida do professorado barrega-verde, são as remoções e dispensas, em pleno ano letivo; é o absurdo da suspensão de um concurso de ingresso legalmente realizado; é uma segunda época desse concurso de ingresso; é um punhado de jovens professores, prejudicados nos seus direitos, iniciando o exercício em agosto, quando devia fazê-lo em fevereiro; é o ensino prejudicado por toda essa onda de desgoverno, que fixa uma página triste na vida da nossa terra . . .

O que sabíamos de novo, era o castigo moral das remoções de inspetores e diretores, que não sintonizavam com os partidos políticos, que formam a situação.

De novo, até nós, havia chegado só isto. Dai, a nossa grande curiosidade.

xxx

Mas . . . nem a maior boa vontade, que tem o poder de irisar, e valorizar e colorir as cousas menos atraentes; nem a maior boa vontade, que

é capaz do sortilégio de transformar, para engano do coração, os espinhos que se amontoam no caminho, em flores sedutoras; nem a boa vontade, que é capaz de fazer com que vejamos concretizações de sonhos, num deserto, onde existe o grande NADA; nem essa boa vontade assim fará achar, no capítulo EDUCAÇÃO, as medidas proclamadas.

O provimento de classes e escolas, pelo concurso de ingresso é cousa velha, para os que, hoje, constituem a oposição.

Foi esse concurso o modo de nulificar o célebre cartão da ponta dourada dos pistóles, que matava o mérito e criava a descrença no valor das conquistas da inteligência.

A lei que estabeleceu este concurso vem do governo constitucional de Nerêu Ramos, que foi quem a sugeriu à então deputada Antonieta de Barros, a fim de se premiar o esforço dos normalistas, evitar-lhes a humilhação de ter de esmolar o que lhe era um direito, e dar à capacidade a prioridade que deve ocupar dentro da vida.

Desconheceriam os situacionistas esta verdade?

xxx

O interessante é que bastou a realização do concurso sob a orientação udenista, para que se esbatasse a situação desoladora, e S. Excia. viesse, (como nós, sempre fizemos) proclamar a capacidade dos nossos professores.

Isto, ao menos, nos consola. Mais vale tarde do que nunca, diz a sabedoria popular.

E a gratuidade do ensino normal, em Mafra? E novidade também?

xxx

Como a excessiva benevolência no julgamento dos nossos atos é bem uma varinha mágica que nos cria um mundo encantado de sonhos, cujas belezas só nós percebemos . . .



“Crônica farrapos de idéias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.357  
17 de fevereiro de 1952

*O ESTADO, 17 de fevereiro de 1952*

A publicação do sucinto relatório que S. Excia., o Sr. Governador, a 31 de janeiro, leu, cumprindo o indeclinável dever de falar ao povo catarinense, para prestar contas do primeiro ano da sua administração, permitiu-nos o prazer de analisá-lo com o carinho de quem acompanha “palavras e fatos” que fixam a personalidade dos nossos homens. Quando, naquela data, palmas correligionárias coroavam o fim da leitura, que ouvimos atentamente, ficamos a perguntar a nós mesmas: Por que S. Excia.<sup>1</sup> não aproveitou a oportunidade da data para esclarecer o seu povo das superiores razões que o levaram à grande despesa de mais de um milhão com as remoções dos funcionários pessedistas<sup>2</sup>? Por que, nesta hora, não explicar a razão das dispensas e exonerações dos que não pertencem ao grupo coligado? Por que S. Excia. não aproveitou as ondas da nossa A Mais Popular<sup>3</sup> para explicar ao seu magnânimo povo, as extraordinárias razões que fizeram erguer-se as paredes da majestosa Casa do Governador, ali, no pitoresco recanto da Agrônômica, entre o Hospital Nerêu Ramos e o Abrigo dos Menores? S. Excia. não quis “prestar contas” destes “fatos” do seu infecundo govêrno. Talvez não encontrasse “palavras”, para tanto... Talvez quisesse, com o seu silêncio, desafiar a sagacidade dos seus governados... Se S. Excia. não quis referir-se a estes fatos, para nós de grande importância, o mesmo não fez com outros. E entre os capítulos que constituem o seu sucinto relatório, lá está o da Educação, exigindo de nós uma leitura especial. De início, S. Excia. afirma que “várias medidas foram tomadas, para tornar mais eficiente o ensino primário e normal”. Curiosa, procuramos conhecer tais medidas. Era, plenamente, justificável a nossa curiosidade. S. Excia. já havia declarado que encontrara o ensino público, em situação desoladora. E tudo quanto viesse desfazer aquela suposta situação, devia interessar-nos, e muito. Desde que estamos na era udenista<sup>4</sup>, o que sabemos de novo, na vida do professorado barriga-verde, são as remoções e dispensas, em pleno ano letivo; é o absurdo da suspensão de um concurso de ingresso legalmente realizado; é uma segunda época desse concurso de ingresso; é um punhado de jovens professores, prejudicados nos seus direitos, iniciando o exercício em agosto, quando devia fazê-lo em fevereiro; é o ensino prejudicado por toda essa onda de desgoverno, que fixa uma página triste na vida da nossa terra... O que sabíamos de novo era o castigo moral das remoções de inspetores e diretores, que não sintonizavam com os partidos políticos, que formam a situação. De novo, até nós, havia chegado só isto. Daí, a nossa grande curiosidade. Mas... nem a maior boa vontade, que tem o poder de irisar<sup>5</sup>, e valorizar e colorir as coisas menos atraentes; nem a maior boa vontade, que é capaz do sortilégio<sup>6</sup> de transformar, para engano do coração, os espinhos que se amontoam no caminho, em flores sedutoras; nem a boa vontade, que é capaz de fazer com que vejamos concretizações de sonhos, num deserto onde existe o grande NADA; nem essa boa vontade assim fará achar, no capítulo EDUCAÇÃO, as medidas proclamadas. O provimento de classes e escolas, pelo concurso de ingresso é coisa velha, para os que, hoje, constituem a oposição. Foi esse concurso o modo de nulificar<sup>7</sup> o célebre cartão da ponta dourada dos pistolões, que matava o mérito e criava a descrença no valor das conquistas da inteligência. A lei que estabeleceu este concurso vem do governo constitucional de Nereu Ramos, que foi quem a sugeriu à então deputada Antonieta de Barros, a fim de se premiar o esforço dos normalistas<sup>8</sup>, evitar-lhes a humilhação de ter de esmolar o que lhe era um direito, e dar à capacidade a prioridade que deve ocupar dentro da vida. Desconheceriam os situacionistas essa verdade? O interessante é que bastou a realização do concurso sob a orientação udenista para que se esbatesse a situação desoladora, e S. Excia. viesse, (como nós, sempre fizemos) proclamar a capacidade dos nossos professores. . . Isto, ao menos, nos consola. Mais vale tarde do que nunca, diz a sabedoria popular. E a gratuidade do ensino normal, em Mafra? É novidade também? Como a excessiva benevolência no julgamento dos nossos atos é bem uma varinha mágica que nos cria um mundo encantado de sonhos, cujas belezas só nós percebemos. . .

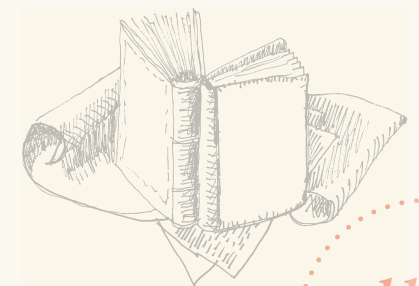
1 - Abreviação de “Sua Excelência”, pronome de tratamento destinado a membros dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.

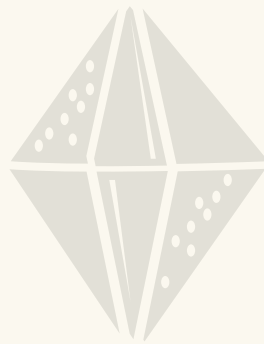
2 - Relativo ao PSD, Partido Social Democrático, partido político fundado em 1945 e extinto em 1965.

3 - Assim era referia a Rádio Difusora. 4 - Relativo a UDN, União Democrática Nacional, partido político fundado em 1945 e extinto em 1965.

5 - Colorir, colocar cores nas coisas. 6 - Mágica, milagre, grande feito. 7 - Tornar nulo, invalidar.

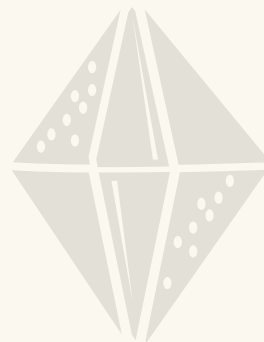
8 - Professores com habilitação para as séries iniciais, que lecionavam nas ditas “Escolas Normais”.







# *Cidade, Cotidiano, Jornalismo*



## FARRAPOS DE IDEIAS

MARIA DA ILHA

Hoje, em todas as épocas, uma admiração profunda pela bravura proveniente das pequeninas e das grandes guerras, onde se medem forças, onde se perdem vidas, e se sepultam pedaços de felicidade.

A civilização do século XX, com todos os seus mentirosos apelos de paz, não conseguiu melhorar o modo vesgo de se julgarem as cousas.

É esse sentimento de admiração é atávico: as crianças, em geral, torcem, com prazer, quando presenciam as bravatas dos mocinhos. E vivem a limitar os mocinhos.

É tão mocinhos toda uma existência.

Não se consegue despertar lhes os corações, maleáveis ainda, para a admiração pela vida, dentro do lindo sonho de amor, que é a sua finalidade.

Futuros boxeuses, vivem, continuamente, em posição: pé adiante, pé atrás, corpo meio curvado, mãos fechadas, mirando a vítima para o belo sóco que a pulverizará.

Os pequeninos agem assim, por um poderoso espírito de imitação.

É esta se transforma em hábito no adolescente, que, quando adulto, dela faz uma segunda edição, correta e aumentada.

É mocinho para o sóco físico e para o outro sóco, ter

ricef, invisível, impalpável, mas medonhamente pesado, contundente.

Isto é a vida.

A fatalidade que leva o homem à guerra, para, numa passividade pasmosa, bater-se pelos sonhos alheios, impelo-o, depois, para as maiores provas do heroísmo louco, tão ao sabor das massas, em que se fende, esquecido de tudo, a si

mesmo, antes de mais nada.

O instinto da conservação, uma vez desperto, força o aos arrojados que a Humanidade admira, comenta e aos quais bate palmas.

É esta mesma Humanidade que passa indiferente, sem querer ver a bravura conciente da que enfrenta a vida, e procura desbravar o seu caminho, na calma construtora de cada dia.

dos que, levados por um profundo altruísmo, sacrificam toda uma existência, sobre a medida de estudos, procurando maravilhar os homens com uma descoberta que lhes adoce a caminhada, diminua o sofrimento ou sane uma das infinitas chagas que os destroem.

É esta mesma Humanidade que não divisa a bravura do que sonha e tenta realizar a escatada, embora sob a indiferença causticante dos eternos incompreensíveis, procurando passar por toda a maldade da existência, sem tocá-la.

É a valentia admirável do indivíduo na conquista do pão de cada dia; e a coragem do

desgraçado que, sem lelo e sem pão, dentro da amargura da vida, luta contra a indiferença das criaturas e, á noite, rende graças a Deus, pelo miserável dia vivido...

Estes são os heróis anônimos que pululam a cada canto, e que os homens teimam em não ver dentro da sua profunda cegueira.

Estes são as grandes valentes, os verdadeiros heróis, por quem, dentro da vida, que é e deve ser luta construtora e progressista, só há uma covardia — a de se deixarem arrastar

inertes, vencidos, sem ânimo, domesticados, no grande tumbão de cada dia; e a coragem do



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II— Nº 978  
01 de outubro de 1933



### REPÚBLICA, 01 de outubro de 1933

Houve, em todas as épocas, uma admiração profunda pela bravura proveniente das pequeninas e das grandes guerras, onde se medem forças; onde se perdem vidas e se sepultam pedaços de felicidade.

A civilização do século XX, com todos os seus mentirosos anseios de paz, não conseguiu melhorar o modo vesgo de se julgarem as coisas.

E esse sentimento de admiração é atávico<sup>1</sup>: as crianças, em geral, torcem, com prazer, quando presenciam as bravatas dos “mocinhos”. E vivem a imitar os mocinhos.

E são mocinhos toda uma existência.

Não se consegue despertar-lhes os corações, maleáveis ainda, para a admiração pela vida, dentro do lindo sonho de amor, que é a sua finalidade.

Futuros boxeadores vivem, continuamente, em posição: pé adiante, pé atrás, corpo meio curvado, mãos fechadas, mirando a vítima para o belo soco que a pulverizará.

Os pequeninos agem assim, por um poderoso espírito de imitação.

E esta se transforma em hábito no adolescente, que, quando adulto, dela faz uma segunda edição, correta e aumentada.

É mocinho para o soco físico e para o outro soco, terrível, invisível, impalpável, mas medonhamente pesado, contundente.

Isto é a vida.

A fatalidade que leva o homem à guerra para, numa passividade pasmosa, bater-se pelos sonhos alheios, impele-o, depois, para as maiores provas do heroísmo louco, tão ao sabor das massas, em que defende, esquecido de tudo, a si mesmo, antes de mais nada.

O instinto da conservação, uma vez desperto, força-o aos arrojões que a Humanidade admira, comenta e aos quais bate palmas.

E é esta mesma Humanidade que passa indiferente, sem querer ver a bravura consciente do que enfrenta a vida, e procura desbravar o seu caminho, na calma construtora de cada um dos que, levados por um profundo altruísmo, sacrificam toda uma existência, sobre a mesa de estudos, procurando maravilhar os homens com uma descoberta que lhes adoce a caminhada, diminua o sofrimento ou sane uma das infinitas chagas que os destroem.

E essa mesma Humanidade que não divisa a bravura do que sonha e tenta realizar a escalada, embora sob a indiferença causticante<sup>2</sup> dos eternos incompreensíveis, procurando passar por toda a maldade da existência, sem tocá-la.

E a valentia admirável do operário na conquista do pão de cada dia; e a coragem do desgraçado que, sem teto e sem pão, dentro da amargura da vida, luta contra a indiferença das criaturas e, à noite, rende graças a Deus, pelo miserável dia vivido...

Esses são os heróis anônimos que pululam a cada canto, e que os homens teimam em não ver dentro da sua profunda cegueira.

Esses são os grandes valentes, os verdadeiros heróis, porque, dentro da vida, que é e deve ser luta construtora e progressista, só há uma covardia – a de se deixarem arrastar, inertes, vencidos, sem ânimo, domesticados, no grande turbilhão.

1 - Hereditário.

2 - Que corrói a pele, que causa sofrimento e dor.

# FARRAPOS DE IDÉIAS

— NOITE DE S. JOÃO! FOGUEIRAS! BALÕES! A VIDA. —

A vida não é somente um balão joanino, porque tem o seu caminho, a sua finalidade traçada.

Há, dentro da grande e tormentosa passagem, rotas invisíveis, mas, perceptivelmente, determinadas. Os homens que sentem e vivem a vida, ao contrário do grande santo de hoje, acordados, transformaram-na em uma estonteante e, diabolicamente, irresistível, noite de S. João.

A tradição fez dessa noite, entre nós, a noite da fogueira.

Que é a vida mais do que uma enorme fogueira de ambições, ao redor da qual, os homens, acócoras, num equilíbrio instável, acotovelando-se, numa ânsia incontida e manifesta, procuram apoderar-se do maior quinhão?

E, enquanto esperam, enquanto lutam, rostos afogueados, estremejam o céu com os balões, do seu sonho, dando-lhe uma beleza espetacular.

A paciência carinhosa com que fazem os balões... E quando os soltam á aventura, como os seguem enternecidamente! como os conhecem entre mil!

Pobres balões! Lá se vão, bamboleando, estrélas errantes do grande céu da vida.

E sobem e descem, dansam, cirandam a ciranda mentirosa da ilusão, e depois, como tudo o mais, dentro do limitadíssimo horizonte humano, se queimam ou se perdem.

Que importa, porém, a nós outros, que os nossos sonhos morram e que, como os balões, se queimem e desapareçam?

Nós temos, para a relativa felicidade, neste mundo, a «divina mentira».

Sonhos que morrem, sonhos que vivem! Balões que descem, balões que sobem...

Sem cuidarmos no cemiterio que é a estrada, a custo percorrida, nós temos, sempre, a coragem de, no desejo, sempre insatisfeito, de sermos felizes, soltar novos balões, crear novos sonhos, para nos iluminarem o céu trevosos.

E a fogueira em que os homens se destroem, que dá á vida, o colorido atraente da beleza e da vitalidade.

Sem os balões, iluminado-nos as noites tenebrosas da existencia, sem a possibilidade de creá-los, dar-lhes a liberdade, embora momentânea, dos espaços, onde cirandam para alegria dos nossos olhos, a vida seria a mais terrível das pasmaceiras.

O encanto de vivê-la consiste em iluminá-la sempre!

Que caiam uns e subam outros! Que a alma conquiste pouco, pêlo muito que sonhou!

A vida é assim: uma eterna noite de S. João, em que a luz das fogueiras, o estremejamento dos sonhos e o cuidado com que se lhe seguem os destinos, lhe dão atração e encanto.

E o homem vai, dentro da vida, embora com a alma a transbordar de desejos, insensível e molemente, descrevendo, como as lesmas, em pratos fumados, em a noite de S. João, o seu proprio destino.

Noite de S. João, fogueira, balões: a vida.

MARIA DA ILHA

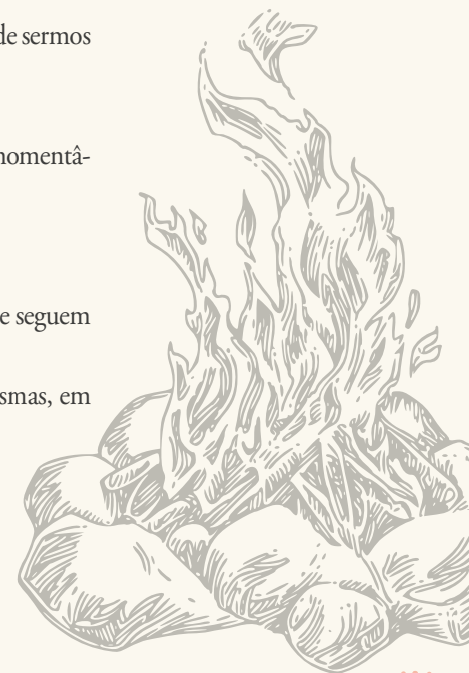


“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II - Nº 948  
27 de agosto de 1933



*REPÚBLICA, 27 de agosto de 1933*

A vida não é somente um balão joanino, porque tem o seu caminho, a sua finalidade traçada. Há, dentro da grande e tormentosa passagem, rotas invisíveis, mas, perceptivelmente, determinadas. Os homens que sentem e vivem a vida, ao contrário do grande santo de hoje, acordados, transformaram-na em uma estonteante e, diabolicamente, irresistível, noite de S. João. A tradição fez dessa noite, entre nós, a noite da fogueira. Que é a vida mais do que uma enorme fogueira de ambições, ao redor da qual os homens, de cócoras, num equilíbrio instável, acotovelando-se, numa ânsia incontida e manifesta, procuram apoderar-se do maior quinhão? E, enquanto esperam, enquanto lutam, rostos afogeados, estrelejam o céu com balões, do seu sonho, dando-lhe uma beleza espetacular. A paciência carinhosa com que fazem os balões... E quando os soltam à aventura, como os seguem enternecidamente! Como os conhecem entre mil! Pobres balões! Lá se vão, bamboleando, estrelas errantes do grande céu da vida. E sobem e descem, dançam, cirandam a ciranda mentirosa da ilusão, e depois, como tudo o mais dentro do limitadíssimo horizonte humano, se queimam ou se perdem. Que importa, porém, a nós outros, que os nossos sonhos morram e que, como os balões, se queimem e desapareçam? Nós temos, para a relativa felicidade, neste mundo, a “divina mentira”<sup>1</sup>. Sonhos que morrem, sonhos que vivem! Balões que descem, balões que sobem... Sem cuidarmos no cemitério que é a estrada, a custo percorrida, nós temos, sempre, a coragem de, no desejo, sempre insatisfeito, de sermos felizes, soltar novos balões, criar novos sonhos, para nos iluminarem o céu trevoso. É a fogueira em que os homens se destroem que dá à vida o colorido atraente da beleza e da vitalidade. Sem os balões, iluminando-nos as noites tenebrosas da existência, sem a possibilidade de criá-los, dar-lhes a liberdade, embora momentânea, dos espaços, onde cirandam para alegria dos nossos olhos, a vida seria a mais terrível das pasmaceiras<sup>2</sup>. O encanto de vivê-la consiste em iluminá-la sempre! Que caíam uns e subam outros! Que a alma conquiste pouco, pelo muito que sonhou! A vida é assim: uma eterna noite de S. João, em que a luz das fogueiras, o estreleçamento<sup>3</sup> dos sonhos e o cuidado com que se lhe seguem os destinos, lhe dão atração e encanto. E o homem vai, dentro da vida, embora com a alma a transbordar de desejos, insensível e molemente, descrevendo, como as lesmas, em pratos fumados, na noite de S. João, o seu próprio destino. Noite de S. João, fogueira, balões: a vida.



1 - A autora cita Olavo Bilac, que assim chama a esperança no soneto “Benedicte”.

2 - Apatia, falta de interesse.

3 - Ato de estrelar, no sentido de encher de estrelas, iluminar.



“Crônica Falando aos Moços”  
crônica publicada em  
Jornal O IDEALISTA (Órgão  
Oficial do Grêmio Cultural  
“Antonieta de Barros” do  
Instituto de Educação de  
Florianópolis)  
Ano I – Nº 02  
Junho de 1945

## FALANDO AOS MOÇOS

Aos Redatores de O IDEALISTA

Maria da Ilha

Não se compreende a vida de povos civilizados sem imprensa. E isto, por que o jornal é uma alta tribuna do povo, que só devem ocupar que sentem e compreendem a dignidade desse mesmo povo. Porta-voz das causas que exigem Fé e nobreza de atitudes, o jornal deve ser o espelho da Sociedade, cuja vida ele focaliza e orienta, passo a passo.

Cooperador de todos os educadores, representa, na vida da coletividade, um papel de alta relevância, por isso que as instrui, educa, orienta, alargando-lhes os conhecimentos, abrindo-lhes os horizontes, possibilitando-lhes alcançar, sempre, um pouco mais, dentro do muito que sonharam, e cuja concretização integral é o ponto centrípeto, em todas as caminhadas, ainda as mais diversas.

Se instrui e educa, o seu norte deve ser a Justiça. Se instrui e educa, a sua claridade deve ser de Luz e de Progresso.

Assim, o jornalista não incensa, não bajula, não rasteja, não tem espinha flexível, não desce à lama, mas, também, não denigre reputações, não mente, não enodôa nomes, não semeia ódios, não apeleja inocentes, não se deixa cegar pelas paixões pessoais, nem vive o sadismo dos iconoclastas; não destrói o Bem, não macula, não mata o Ideal, não se mercantiliza, mas preserva as coisas boas, mas constrói, mas respeita cada indivíduo, como parcela dumá coletividade, mas estimula o que ainda pode sonhar, mas reage contra a própria maldade, para ser luz, nos caminhos alheios.

E o que assim não agir, o que não tiver a elegância e a coragem não se impessoalizar, quando no sacerdócio do jornalismo, desrespeita-se, porque mente ao povo, mentindo às finalidades do seu mistér. É um desajustado. Como conduzir povos ou mostrar rumos a outrem, se não encontrou o seu?

Os moços, que são todos os que têm Esperança num amanhã, sempre melhor; os moços, que são todos que, ainda, não perderam a Fé na Humanidade, embora sintam e vejam que os homens, de vez em quando fazem da lama a sua grande atração; os moços têm a grande responsabilidade do Futuro.

Prepará-lo é obra do Presente. E o jornal é alavanca poderosa, inestimável, e indispensável.

Mas só as boas sementes dão bons frutos. Só os homens de bem podem evangelizar, dentro do Direito, da Razão e da Justiça.

Que cada mesa de jornalista seja um altar, onde, diariamente, e religiosamente, pela magia do pensamento objetivado, se sacrifique o homem, para a grandeza da coletividade que ele encarna e cujo coração deve unificar-se o seu!

Que cada jornalista tenha a virtude e a sabedoria de, para não mentir ao seu sacerdócio, imolar-se, por amor do Bem, e da Verdade e da Justiça, a-fim de que,



### *O IDEALISTA, 01 de junho de 1945*



Não se compreende a vida de povos civilizados sem Imprensa.

E isto, por que o jornal é uma alta tribuna do povo, que só devem ocupar que sentem e compreendem a dignidade desse mesmo povo. Porta-voz das causas que exigem Fé e nobreza de atitudes, o jornal deve ser o espelho da Sociedade, cuja vida ele focaliza e orienta, passo a passo.

Cooperador de todos os educadores, representa, na vida da coletividade, um papel de alta relevância, por isso que as instrui; educa, orienta, alargando-lhes os conhecimentos, abrindo-lhes os horizontes, possibilitando-lhes alcançar, sempre, um pouco mais, dentro do muito que sonharam, e cuja concretização integral é o ponto centrípeto, em todas as caminhadas, ainda as mais diversas.

Se instrui e educa, o seu norte deve ser a Justiça. Se instrui e educa, a sua clarinada deve ser de Luz e de Progresso.

Assim, o jornalista não incensa, não bajula, não rasteja, não tem espinha flexível, não desce à lama, mas, também, não denigre reputações, não mente, não enodoa<sup>1</sup> nomes, não semeia ódios, não apedreja inocentes, não se deixa cegar pelas paixões pessoais, nem vive o sadismo dos iconoclastas<sup>2</sup>; não destrói o Bem, não macula, não mata o Ideal, não se mercantiliza, mas preserva as coisas boas, mas constrói, mas respeita cada indivíduo, como parcela duma coletividade, mas estimula o que ainda pode sonhar, mas reage contra a própria maldade, para ser luz nos caminhos alheios.

E o que assim não agir, o que não tiver a elegância e a coragem de se impessoalizar, quando no sacerdócio do jornalismo, desrespeita-se, porque mente ao povo, mentindo às finalidades do seu mister<sup>3</sup>. É um desajustado. Como conduzir povos ou mostrar rumos a outrem, se não encontrou o seu?

Os moços, que são todos os que têm Esperança num amanhã, sempre melhor; os moços, que são todos que, ainda, não perderam a Fé na Humanidade, embora sintam e vejam que os homens, de vez em quando fazem da lama a sua grande atração; os moços têm a grande responsabilidade do Futuro.

Prepará-lo é obra do Presente. E o jornal é alavanca poderosa, inestimável e indispensável.

Mas só as boas sementes dão bons frutos. Só os homens de bem podem evangelizar, dentro do Direito, da Razão e da Justiça.

Que cada mesa de jornalistas seja um altar, onde, diariamente e religiosamente, pela magia do pensamento objetivado, se sacrifique o homem, para a grandeza da coletividade que ele encarna e a cujo coração deve unificar-se o seu!

Que cada jornalista tenha a virtude e a sabedoria de, para não mentir ao seu sacerdócio, imolar-se<sup>4</sup>, por amor do Bem, da Verdade e da Justiça, a fim de que, nos amanhã, possa receber a gratidão e as palmas que, nunca, faltaram e, jamais, faltarão aos que, com dignidade, sabem cumprir o seu dever.

1 - Colocar nódoa, mancha, sujeira.

2 - Historicamente, dissidência religiosa do Império Bizantino que quebra imagens. No contexto, radicais que sentem prazer com atos de violência, físicas ou verbais.

3 - Ofício, profissão.

4 - Sacrificar.

Nestes nossos maravilhosos tempos de paz e harmonia, pregadas e concretizadas, li, numa das folhas da terra, a notícia da apulação do concurso de ingresso e remoção ao Magistério.

Dentro de mim, uma névoa de tristeza e mágoa foi crescendo, crescendo e se adensando, até dominar, por completo, todo o meu mundo interior.

Era a simpatia devida pela professora que, ainda, não morreu em mim, as colegas, cujo caminho um decreto governamental fechou.

Não discutimos o acerto ou o erro da medida. Da legalidade ou ilegalidade do ato só poderá falar a JUSTIÇA, que, talvez, por ter os olhos vendados, conhece melhor os direitos humanos.

Não discuto o fato, na sua cruza. O que me aterra e entristeceu, foram as consequências psíquicas deste sócio hratat do Declínio, na alma inexpectante dos jovens professores; foi pensar nos momentos amargos de desalento, na aridez do desencanto, por que acaba de passar um punhado de moços, quando tentavam concretizar um sonho lindo, acalentado, carinhosamente, durante sete longos anos.

O caminho que trilhavam, enlevados por um ideal muito alto e sedutor, o caminho que julgavam não ter fim, forças imprevisíveis transformaram em uma simples e curta via.

## Farrapos de Ideias

MARIA DA ILHA

Por isto, tiveram de voltar, esmagados por uma descomunal decepção.

Voltar, para recomeçar. E que recomeçar, santo Deus!

Recomeçar sobre os destroços do que lhes foi o único anseio e o motivo de uma linda parte de sua vida!

Mas, como não tentar recomeçar? A dureza da vida não permite paradas. A luta econômica não dá tregua a ninguém.

E, em torno de nós, indiferente aos arranhões que nos sangram a alma, a vida continua.

Alguns deles, segundo acabam de contar-me, já andam, na peregrinação, à procura de emprego nos escritórios.

A vida manda. E preciso obedecer.

E nós, que já vimos tanta luta malograda, sentimos lágrimas no coração, pensando no profundo sofrimento que a derradeira dum santo e puro ideal, fatalmente, fez surgir, na estrada em cuneco deste grupo de professores.

Que culpa expiarão eles, para serem, assim, tão duramente tratados pela vida?

Nada daquele sublime programa de educar, conduzir, de dar forma e beleza aos mundos plásticos dos pequeninos!

A escola, o ambiente de Amor construtivo, puro de ódios, de malquerenças, de vinganças, o desejo de dar à Pátria uma contribuição maior, formando-lhe o alicerce, com a argamassa poderosa do abe, tudo isto, foi um sonho lindo, simplesmente um sonho que uma realidade má destruiu.

Que triste despertar!

E a par dos choques e desalustes que a decepção arrasta: quantos destes moços e destas moças — arrimo de mães viúvas, de pais pobres — não contraíram dívidas, autorizados pela conquista do cargo que um concurso regular lhes possibilitou?

Quantos, a esta hora, de volta dum viagem inglória, não terão o problema financeiro arrojado de maiores responsabilidades?

E que se dizer dos que, como se ouvissem a voz de um falso Messias, se deslizeram do que possuíam, para a pregação do feticheiro evangelho do abe, em terras distantes?

Que falem os que têm coração e sensibilidade, para comungar das dores alheias.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVI - Nº 11.092  
13 de março de 1951



### O ESTADO, 13 de março de 1951

Nestes nossos maravilhosos tempos de paz e harmonia, pregadas e concretizadas, li, numa das folhas da terra, a notícia da anulação do concurso de ingresso e remoção ao Magistério. Dentro de mim, uma névoa de tristeza e mágoa foi crescendo, crescendo e se adensando, até dominar, por completo, todo o meu mundo interior.

Era a simpatia devida pela professora que, ainda, não morreu em mim, aos colegas, cujo caminho um decreto governamental fechou.

Não discutimos o acerto ou o erro da medida. Da legalidade ou ilegalidade do ato só poderá falar a JUSTIÇA, que, talvez, por ter os olhos vendados, conhece melhor os direitos humanos.

Não discuto o fato, mas sua crieza.

O que me aterrou<sup>1</sup> e entristeceu foram as consequências psíquicas deste soco brutal do Destino, na alma inexperiente dos jovens professores; foi pensar nos momentos amargos de desalento, na aridez do desencanto, por que acaba de passar um punhado de moços, quanto tentavam concretizar um sonho lindo, acalentado, carinhosamente, durante sete longos anos. O caminho que trilhavam, enlevados por um Ideal muito alto e sedutor, o caminho que julgavam não ter fim, forças imprevisíveis transformaram em uma simples e curta viela.

Por isto, tiveram de voltar, esmagados por uma descomunal decepção.

Voltar, para recomeçar. E que recomeçar, santo Deus!

Recomeçar sobre os destroços do que lhes foi o único anseio e o motivo de uma linda parte de sua vida!

Mas, como não tentar recomeçar? A dureza da vida não permite paradas. A luta econômica não dá tréguas a ninguém.

E, em torno de nós, indiferente aos arranhões que nos sangram a alma, a vida continua.

Alguns deles, segundo acabam de contar-me, já andam, na peregrinação, à procura de emprego nos escritórios.

A vida manda. É preciso obedecer.

E nós, que já vimos tanta luta malograda<sup>2</sup>, sentimos lágrimas no coração, pensando no profundo sofrimento que a derrocada dum santo e puro Ideal, fatalmente, fez surgir, na estrada em começo desse grupo de professores.

Que culpa expiarão<sup>3</sup> eles, para serem, assim, tão duramente tratados pela vida?

Nada daquele sublime programa de educar, conduzir, de dar forma e beleza aos mundos plásticos dos pequeninos!...

A escola, o ambiente de Amor construtivo, puro de ódios, de malquerenças<sup>4</sup>, de vinganças, o desejo de dar à Pátria uma contribuição maior, formando-lhe o alicerce, com a argamassa poderosa do abc, tudo isto foi um sonho lindo, simplesmente um sonho que uma realidade má destruiu.

Que triste despertar!

E a par dos choques e desajustes que a decepção arrasta: quantos destes moços e destas moças – arrimo<sup>5</sup> de mães viúvas, de pais pobres – não contraíram dívidas, autorizados pela conquista do cargo que um concurso regular lhes possibilitou?

Quantos, a esta hora, de volta dum viagem inglória, não terão o problema financeiro acrescido de maiores responsabilidades?

E que se dizer dos que, como se ouvissem a voz de um falso Messias, se desfizeram do que possuíam, para a pregação do feiticeiro evangelho do abc, em terras distantes?

Que falem os que têm coração e sensibilidade, para comungar das dores alheias...

1 - Deixou por terra, em sinal de tristeza, desconsolo.

2 - Que acabou mal, que não obteve sucesso.

3 - Pagar por um crime, cumprir uma pena.

4 - Desavenças.



Quebrando o silêncio costumeiro em que, apenas anoitece, se agasalha a rua onde moro, vozes alegres de garotos lembram-nos a véspera de S. João, o santo das fogueiras, o santo dos balões, fonte emotiva para a alma cândida das crianças.

E os garotos, dedos espetados no ar frio, não cansam de anunciar, riscando, com traços invisíveis, a caminhada luminosa: Olha o balão! Olha o balão!

Obedientes, insensivelmente obedientes, muitos olhos se prendem magnetizados, à luz erradia que vai rodando, dansando a ciranda singular dos balões, numa fuga decisiva da terra, em ousada busca dos céus.

xxx

Os balões ... O destino descolorido dos balões: subir para cair.

A princípio, vazios, magros, inexpressivos.

Depois, é interessante ver como, aos poucos, pelo engenho humano, se enchem de nada, como estufam, como crescem, e se avolumam e se agigantam.

Parecendo ter vida, como já se impacientam nas mãos que os criaram e, ainda, os prendem.

É o anseio de fuga, de libertação, para cumprimento do seu inglorio destino.

xxx

Mais um impulso, e ei-los, soltos no espaço, a subir e a viver a vida de estrelas singulares.

Oscilantes, indecisos, lá vão eles, subindo, e subindo.

## Farrapos de Ideias

MARIA DA ILHA

Aos poucos, a sua forma vai desaparecendo, no fundo escuro da noite. Agora, já são, apenas, pontos luminosos, tanto mais distantes, mais fracos e diminutos.

De súbito, a noite absorve-os. Já não os distinguimos.

É o ponto máximo da trajetória ascendente, e o início do fim inevitável.

xxx

Há estrelas no céu. Mas as estrelas são do céu. Onde está o balão? Qual das luzes é a sua?

Alguns dos observadores, mais ilusos, enganando-se — tamanho poder tem o sonho — ainda dizem vê-los, dentro do azul constelado.

A maioria, no entanto, desencantada e vencida, abandona o entusiasmo da observação, esperando que os céus devolvam os intrusos.

xxx

Boiando no azul, ao sabor dos ventos, sem rota determinada, bamboleante, inseguro, cheio de nada,

o balão é a própria incompetência, a própria fatuidade em marcha.

Se a alegria brinca nos olhos dos que, alcançando, lhe emprestaram vida, há, em torno, a expectativa, que é certeza, da queda que virá.

E, porque lhe falta a segurança da direção própria: porque nada da vida fictícia que lhe dá momentâneo esplendor, lhe é próprio, cedo, o balão despenca-se-á, numa palpável manifestação de derrota.

xxx

O destino descolorido dos balões: subir, para morrer.

E morrer, numa queda sem glória, ficando aos pedaços, nas pontas dos telhados, nas irregularidades ponteadas dos caminhos, ou perdendo-se, anônimos, longe, ou queimando-se, na mesma luz que lhes deu, pelo sortilégio poderoso da distância, o encanto de estrela ...

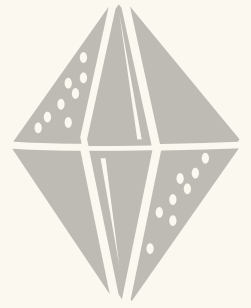
Projetados para o alto, na cristalização de um sonho fugaz, os balões são, sempre, naufragos, sem salvação possível, porque não podem fugir à fatalidade que preside aos destinos dos que não regem os próprios caminhos; porque a força que os impulsionou para o azul, não vem da sua própria essência; porque o céu é das estrelas, cuja fixidez lhes garante a bem-aventurança da perpetuidade de um radioso destino de luz ...

xxx

Os balões, a vida, os homens ...



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.165  
24 de junho de 1951



### *O ESTADO, 24 de junho de 1951*

Quebrando o silêncio costumeiro em que, apenas anoitece, se agasalha a rua onde moro, vozes alegres de garotos lembram-nos a véspera de S. João, o santo das fogueiras, o santo dos balões, fonte emotiva para a alma cândida<sup>1</sup> das crianças.

E os garotos, dedos espetados no ar frio, não cansam de anunciar, riscando, com traços invisíveis, a caminhada luminosa: Olha o balão! Olha o balão!

Obedientes, insensivelmente obedientes, muitos olhos se prendem magnetizados, à luz erradia<sup>2</sup> que vai rodando, dançando a ciranda singular dos balões, numa fuga decisiva da terra, em ousada busca dos céus.

Os balões... O destino descolorido dos balões: subir para cair.

A princípio, vazios, magros, inexpressivos.

Depois, é interessante ver como, aos poucos, pelo engenho humano, se enchem de nada, como estufam, como crescem, e se avolumam e se agigantam.

Parecendo ter vida, como já se impacientam nas mãos que os criaram e, ainda, os prendem.

É o anseio de fuga, de libertação, para cumprimento do seu inglório destino.

Mais um impulso, e ei-los, soltos no espaço, a subir e a viver a vida de estrelas singulares.

Oscilantes, indecisos, lá vão eles, subindo e subindo.

Aos poucos, a sua forma vai desaparecendo, no fundo escuro da noite. Agora, já são, apenas, pontos luminosos, tanto mais distantes, mais fracos e diminutos.

De súbito, a noite absorve-os. Já não os distinguimos.

É o ponto máximo da trajetória ascendente, e o início do fim inevitável.

Há estrelas no céu. Mas as estrelas são do céu. Onde está o balão? Qual das luzes é a sua?

Alguns dos observadores, mais ilusos<sup>3</sup>, enganando-se – tamanho poder tem o sonho – ainda dizem vê-los, dentro do azul constelado.

A maioria, no entanto, desencantada e vencida, abandona o entusiasmo da observação, esperando que os céus devolvam os intrusos.

Boiando no azul, ao sabor dos ventos, sem rota determinada, bamboleante, inseguro, cheio de nada, o balão é a própria incompetência, a própria fatuidade<sup>4</sup> em marcha.

Se a alegria brinca nos olhos dos que, alçando-o, lhe emprestaram vida, há, em torno, a expectativa, que é certeza, da queda que virá.

E, porque lhe falta a segurança da direção própria; porque nada da vida fictícia que lhe dá momentâneo esplendor, lhe é próprio, cedo, o balão despencar-se-á, numa palpável manifestação de derrota.

O destino descolorido dos balões: subir, para morrer.

E morrer, numa queda sem glória, ficando aos pedaços, nas pontas dos telhados, nas irregularidades pontiagudas dos caminhos, ou perdendo-se, anônimos, longe, ou queimando-se, na mesma luz que lhes deu, pelo sortilégio<sup>5</sup> poderoso da distância, o encanto de estrela...

Projetados para o alto, na cristalização de um sonho fugaz, os balões são, sempre, naufragos, sem salvação possível, porque não podem fugir à fatalidade que preside aos destinos dos que não regem os próprios caminhos; porque a força que os impulsionou para o azul, não vem da sua própria essência; porque o céu é das estrelas, cuja fixidez lhes garante a bem-aventurança da perpetuidade de um radioso destino de luz...

Os balões, a vida, os homens...

1 - Meiga, inocente, pura.

2 - Errática, sem destino certo.

3 - Iludidos.

4 - Transitoriedade, coisa passageira.

5 - Encanto, feitiço.





# *Espiritualidade, Fé*



## BENEDICITE !

(Especial para a Folha Academica)

Bendito seja o que ameniza as estradas íngremes e pedregosas da vida, com a doçura do Sonho e a semente da Ilusão !  
Benditas sejam as mãos dadiosas e ocultas, que a cada passo nos refrigeram a alma, sedenta e incontentável, com os frutos da sua sabedoria !

Bendito seja o que dulcifica as dores e cicatriza as chagas da alma !

Mas benditos sejam os que compreendem o hino de ternura, existente no sorriso da criança e o infinito de tortura em cada lágrima de desgraçado !

É o que sonha e realiza; e o que acaricia o humilde e protege os infelizes !

É o que faz nascer dos gemidos e dos ais, hinos de bênçãos e alegrias; e o que transforma torrentes de lágrimas em cascatas de sorrisos e felicidades !

É o que abençoa a dor, e amaldiçoa o mal !

É o que luta e morre, engolfado no Sonho, sentindo toda a doce tortura da alegria de viver !

Ipolis., 930.

Maria da Ilha



*“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
FOLHA ACADEMICA  
(orgão do Centro Academico  
Dr. José Boiteux)  
Ano II – Nº 14  
Julho de 1930*



*FOLHA ACADÊMICA, Julho de 1930*

Bendito seja o que ameniza as estradas íngremes e pedregosas da vida, com a doçura do Sonho e a semente da Ilusão!

Benditas sejam as mãos dadivosas e ocultas, que a cada passo nos refrigeram<sup>2</sup> a alma, sedenta e incontentável, com os frutos da sua sabedoria!

Bendito seja o que dulcifica<sup>3</sup> as dores e cicatriza as chagas da alma!

Mas benditos sejam os que compreendem o hino de ternura, existente no sorriso da criança e o infinito de tortura em cada lágrima de desgraçado!

É o que sonha e realiza; e o que acaricia o humilde e protege os infelizes!...

E o que faz nascer dos gemidos e dos ais, hinos de bênçãos e alegrias; e o que transforma torrentes de lágrimas em cascatas de sorrisos e felicidades!

E o que abençoa a dor; e amaldiçoa o mal!

E o que luta e morre, engolfado no Sonho, sentindo toda a doce tortura da alegria de viver!...



1 - Cântico da liturgia católica, com conteúdo de louvor e agradecimento.

2 - Refrescam.

3 - Torna doce.

## Farrapos de ideias

*Finados... dia dos mortos... dia da grande fraternidade, porquanto só a Dor irmana as criaturas.*

*Dentro do tumulto da vida, o homem, que ainda não se tornou pó, tem um dia, para pensar nos que em pó já se tornaram, revertendo ao Nada, donde saíram.*

*E, insensivelmente, é se levada a meditar em o Nada que fomos, que somos e que seremos...*

*Neste dia dolorido, enquanto o coração se debruça, religiosamente, sobre o passado, revivendo, com carinho, os entes queridos, roubados, pêla força inevitável, ao nosso convívio, as saudades, fluidificadas, espalhadas pelos cantos da alma, espiritualizam-se, e sobem aos céus, na doçura da prece, e, muita vez, corporificam-se na unção da lágrima...*

*O' homem! que te cega a ciência, envaidece o poder, e te orgulha o ouro, detem-te, neste dia, e olha e medita a razão de ser da vida,—na última derrota, ou verdadeira conquista!...*

*O' homem do século, que conquistaste as terras, os mares e os ares, que o saber te elevou aos pináculos deslumbrantes do maravilhoso, pára um instante, deca da tua divindade, e lembra-te, por segundos, pelo menos, de que és pó e em pó te tornarás.*

**Marla da Ilha**



*“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano I—Nº 310  
01 de novembro de 1931*



*REPÚBLICA, 01 de novembro de 1931*

Finados... dia dos mortos... dia da grande fraternidade, porquanto só a Dor irmana<sup>1</sup> as criaturas.

Dentro do tumulto da vida, o homem, que ainda não se tornou pó, tem um dia para pensar nos que em pó já se tornaram, revertendo ao Nada, donde saíram.

E, insensivelmente, é se levada a meditar no Nada que fomos, que somos e que seremos...

Neste dia dolorido, enquanto o coração se debruça, religiosamente, sobre o passado, revivendo, com carinho, os entes queridos, roubados, pela força inevitável, ao nosso convívio, as saudades, fluidificadas<sup>2</sup>, espalhadas pelos cantos da alma, espiritualizam-se, e sobem aos céus, na doçura da prece, e, muita vez, corporificam-se na unção<sup>3</sup> da lágrima...

Ó homem, que te cega a ciência, envaidece o poder, e te orgulha o ouro, detém-te, neste dia, e olha e medita a razão de ser da vida, – na última derrota, ou verdadeira conquista...

Ó homem do século, que conquistaste as terras, os mares e os ares, que o saber te elevou aos píncaros<sup>4</sup> deslumbrantes do maravilhoso, para um instante, desce da tua divindade, e lembra-te, por segundos, pelo menos, de que és pó e em pó te tornarás.



1 - Torna irmãos.

2 - Transformadas em fluidos, sentidas por todo o corpo.

3 - Resultado de se ungir, ser ungido, abençoado, com um óleo.

4 - Ponto mais alto de uma montanha.

Às vezes, sempre, no coração hu-  
mano, alguma coisa, miga-  
lhas, átomos, talvez, daque-  
le doce sentimento de fraterni-  
dade, com que Cristo palmi-  
thon a sua estrada...

E' que nem tudo passa, em-  
bora se modifique.

Assim, de quando em vez, os gemidos da miséria, da fome,  
dessa coisa que Vieira julgava o mais absoluto império, do-  
minando os viventes, chegam até os favorecidos da fortuna.

E, sob o pretexto de se fazerem calar ou sorrir os des-  
graçados, organizam-se festas, depois das quais, cãdi, nas mãos  
súplicas, alguma coisa com que enganarão, por dias ou por  
instantes, a viscera incontentável, rebelde e exigente, por exce-  
lência---o estômago.

Que importa, porém, aos que recebem, que essas almas  
caridosas, infinitamente boas, se tenham divertido um pouco?

Que lhes importa que a sua dor desse margem a diverti-  
mentos?

Se Humanitas precisa comer, tem necessidade, também,  
de esquecer, embora por curtos instantes, a vida, que, no fundo,  
é, terrivelmente, má, para todos, como filosofaria Quincas Borba.

Sem o sentirem, às criaturas se estudam profundamente,  
e chegaram à conclusão acertadíssima de que, as mais das ve-  
zes, as bolsas só se abrem, podendo os donos tirar dêsse ges-  
to, algum proveito.

## FARRAPOS DE IDE'AS

Maria da Ilha

Entre nos, anunciam os jor-  
nais, organizou-se uma comis-  
são, com o fim, verdadeiramen-  
te admirável, de combater o  
Frio e a Fome.

Só esse objetivo chegava para  
desafiar nos palmas.

Mas essas criaturas foram além, e, numa compreensão  
lindíssima da mais perfeita caridade, escondem se.

Florianópolis precisa dar o seu intelto apoio a essa cam-  
panha de saneamento material e moral.

Dar pão e roupa aos infelizes; ir-lhes ao encontro das  
necessidades, evitando-lhes a tortura de pedir, evitando que pais  
inescrupulosos explorem o que há de mais lindo e mais puro  
na vida -- a infância, evitando os frutos péssimos que, forço-  
samente, advirão desta legião infantil, creada e educada ao  
Deus dará --- eis o grande projeto.

Esta iniciativa, duplamente caridosa, faz-nos lembrar a  
imperiosa ncessidade da ressurreição da Caixa de Escolas.

Que as autoridades aproveitem a iniciativa da campanha  
altruística, o gesto suave dessas criaturas que se esbatem na  
sombra e restabeleçam a Caixa, dando tréguas ao doloroso  
desfile dos sábados!..

O caminho está aberto.

Se todas as coisas más acontecem, as agradáveis, as  
lindas, as uteis, também podem realizar-se, quando há boa  
vontade.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano II - Nº 948  
27 de agosto de 1933



*REPÚBLICA, 27 de agosto de 1933*

Há, sempre, no coração humano, alguma coisa, migalhas, átomos talvez, daquele doce sentimento de fraternidade, com que Cristo palmilhou a sua estrada...

É que nem tudo passa, embora se modifique.

Assim, de quando em vez, os gemidos da miséria, da fome, dessa coisa que Vieira julgava o mais absoluto império, dominando os viventes, chegam até os favorecidos da fortuna.

E, sob o pretexto de se fazerem calar ou sorrir os desgraçados, organizam-se festas, depois das quais, cai, nas mãos súplices<sup>1</sup>, alguma coisa com que enganarão, por dias ou por instantes, a víscera incontentável, rebelde e exigente, por excelência – o estômago.

Que importa, porém, aos que recebem, que essas almas caridosas, infinitamente boas, se tenham divertido um pouco? Que lhes importa que a sua dor desse margem a divertimentos?

Se Humanitas precisa comer, tem necessidade, também, de esquecer, embora por curtos instantes, a vida, que, no fundo, é, terrivelmente, má, para todos, como filosofaria Quincas Borba<sup>2</sup>.

Sem o sentirem, as criaturas se estudam profundamente, e chegaram à conclusão acertadíssima de que, as mais das vezes, as bolsas só se abrem, podendo os donos tirar desse gesto, algum proveito.

Entre nós, anunciam os jornais, organizou-se uma comissão, com o fim, verdadeiramente admirável, de combater o Frio e a Fome.

Só esse objetivo chegava para desafiar nas palmas.

Mas essas criaturas foram além, e, numa compreensão lindíssima da mais perfeita caridade, escondem-se.

Florianópolis precisa dar o seu inteiro apoio a essa campanha de saneamento material e moral.

Dar pão e roupa aos infelizes; ir-lhes ao encontro das necessidades, evitando-lhes a tortura de pedir, evitando que pais inescrupulosos explorem o que há de mais lindo e mais puro na vida – a infância, evitando os frutos péssimos que, forçosamente, advirão desta legião infantil, criada e educada ao Deus dará – eis o grande projeto.

Esta iniciativa, duplamente caridosa, faz-nos lembrar a imperiosa necessidade da ressurreição da Caixa de Esmolas. Que as autoridades aproveitem a iniciativa da campanha altruística, o gesto suave dessas criaturas que se esbatem na sombra e restabeleçam a Caixa, dando tréguas ao doloroso desfile dos sábados!...

O caminho está aberto.

Se “todas as coisas más acontecem”, as agradáveis, as lindas, as úteis, também podem realizar-se, quando há boa vontade.



1 - Que suplicam, que imploram.

2 - A autora cito livro “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis. “Humanitas” pode ser entendido como a qualidade que faz das pessoas humanos.

Há mil novecentos e trinta e três anos, a Humanidade grita ante o nome, as leis, os sonhos, as promessas feiticiaras do máximo pregador do Amor — Cristo.

Podem os céticos, aqueles a quem foi negada a preciosa bemaventurança da Fé, discutir-lhe a personalidade divina; podem negá-lo, como Deus, mas o que não é possível desconhecer é o seu lindo e sentimental trabalho, procurando dar aos homens, a noção da finalidade da vida — uma escalada, embora dolorida e difícil, em busca de algo mais perfeito e durador.

E os seus gestos, reflexos da sua palavra sãbia e amorosa, revelaram aos homens de todas as épocas, a convicção da sua

doutrina, onde o Amor é o princípio, a causa, e o fim.

E os seus gestos, firmes e coerentes, e cheios duma doutrina infinita, revelaram aos homens de todos os tempos, que, dentro da vida, há uma beleza máxima que subsiste pereneamente, desafiando toda maldade e beleza oriunda do bem que se dissemina.

Há mil novecentos e tantos anos, a sua palavra, sãbia e amorosa, tem conseguido conter os impetus de ferocidade dos homens e despertar-lhes a alma, sempre maleável, para surtos superiores.

E, ainda hoje, em os nossos dias, quando mesmo os homens, numa fúria insana de destruição e de maldade, multiplicam, aperfeiçoam e aceleram os meios

## FARRAPOS DE IDEIAS

A' d. Delia Regis

### MARIA DA ILHA

de se matarem; ainda mesmo em os nossos dias, quando a egolatria é o princípio triunfante entre as creaturas, a sua palavra sãbia e amorosa, é o ímã a que se prendem milhares de almas, na ânsia esperançosa de melhores ambientes, de sentimentos mais puros, mais suaves, mais elevados.

Se se admitisse, por uma hipótese absurda, que a sua resplendente doutrina, branca ban-

deira de paz, envolvendo todas as creaturas, não passasse de utopia, ainda assim ela representaria, e representa, para os miseros mortais que somos, a mais linda e soberba das bemaventuranças, pelo bem que espalha, dando-nos força, para olharmos os cadáveres de sono, deixados á margem da estrada poeirenta, e buscarmos nas renúncias involuntárias de todos os instantes, energia, para que possamos avançar, sonhando sempre, lutando sempre...

Se o seu Evangelho, causa mater de todos os gestos belos e humanamente perfeitos, que vemos, não passasse de sonho da alma dum iluso; se tudo quanto o seu profundo Amor aos homens, concebeu como justo para os que soubessem passar pela vida, cumprindo o mais belo dos deveres — Ama ao próximo como a ti mesmo; — se tudo quanto pregou e fez antever, não fosse sendo a promessa falaz dum sonhador, ainda assim seria bendito o seu trabalho.

Bendito pelo pranto que enxuga, pela felicidade que faz raiar no fundo da alma dos mais desgraçados, pela fartura que prometeu aos miseráveis, pelo íeto de esperança em que se agasalham todos os infelizes.

Há mil novecentos e trinta e três

anos, o Verbo -feito Carne, desceu até os homens, para alçá-los até Ele.

E deu em troca do esgarço, da perseguição, do castigo, e da morte, sofridos por amor dos homens a doçura da sua palavra, a humildade carinhosa dos seus gestos e dos seus atos, a justiça dos seus princípios, e o seu desmedido amor às creaturas.

E revolucionou as religiões, então dominantes, e marcou uma era, e realiza, ainda hoje, como ontem, e como sempre, o maravilhoso milagre de ter, diante de si, gentileza e contrita, no seu dia, — o Natal universal — toda a Humanidade, que a sua doutrina amorosa envolveu, e cujas cadeias de sofrimento, a força da sua palavra, sãbia e cheia de luz, afrouzou e amenizou.



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal REPUBLICA  
Ano III - Nº 1045  
24 de dezembro de 1933



*REPÚBLICA, 24 de dezembro de 1933*

Há mil novecentos e trinta e três anos, a Humanidade gravita ante o nome, as leis, os sonhos, as promessas feiticeiras do máximo pregador do Amor – Cristo. Podem os cétricos, aqueles a quem foi negada a preciosa bem-aventurança da Fé, discutir-lhe a personalidade divina; podem negá-lo, como Deus, mas o que não é possível desconhecer é o seu lindo e sentimental trabalho, procurando dar aos homens a noção da finalidade da vida – uma escalada, embora dolorida e difícil, em busca de algo mais perfeito e duradouro.

E os seus gestos, reflexos da sua palavra sábia e amorosa, revelaram aos homens de todas as épocas, a convicção da sua doutrina, onde o Amor é o princípio, a causa e o fim.

E os seus gestos, firmes e coerentes, e cheios duma doçura infinita, revelaram aos homens de todos os tempos que, dentro da vida, há uma beleza máxima que subsiste perenemente, desafiando toda a maldade a beleza oriunda do bem que se dissemina.

Há mil novecentos e tantos anos, a sua palavra, sábia e amorosa, tem conseguido conter os ímpetos de ferocidade dos homens e despertar-lhes a alma, sempre maleável, para surtos superiores.

E, ainda hoje, em os nossos dias, quando mesmo os homens, numa fúria insana de destruição e de maldade, multiplicam, aperfeiçoam e aceleram os meios de se matarem; ainda mesmo em nossos dias, quando a egolatria é o princípio triunfante entre as criaturas, a sua palavra sábia e amorosa é o imã a que se prendem milhares de almas, na ânsia esperançosa de melhores ambientes, de sentimentos mais puros, mais suaves, mais elevados.

Se se admitisse, por uma hipótese absurda, que a sua resplendente<sup>1</sup> doutrina, branca bandeira de paz, envolvendo todas as criaturas, não passasse de utopia, ainda assim ela representaria, e representa, para os míseros mortais que somos, a mais linda e soberba das bem-aventuranças, pelo bem que espalha, dando-nos força, para olharmos os cadáveres de sonho, deixados à margem da estrada poeirenta, e buscarmos nas renúncias involuntárias de todos os instantes, energia, para querermos avançar, sonhando sempre, lutando sempre...

Se o seu Evangelho, causa mater<sup>2</sup> de todos os gestos belos e humanamente perfeitos que vemos, não passasse de sonho da alma de um iluso<sup>3</sup>; se tudo quanto o seu profundo Amor aos homens, concebeu como justo para os que soubessem passar pela vida, cumprindo o mais belo dos deveres – Ama ao próximo como a ti mesmo; – se tudo quanto pregou e fez antever, não fosse senão a promessa falaz<sup>4</sup> dum sonhador, ainda assim seria bendito o seu trabalho.

Bendito pelo pranto que enxuga, pela felicidade que faz raiar no fundo da alma dos mais desgraçados, pela fartura que prometeu aos miseráveis, pelo teto de esperança em que se agasalham todos os infelizes.

Há mil novecentos e trinta e três anos, o Verbo feito Carne, desceu até os homens, para alçá-los até Ele.

E deu em troca do escárnio<sup>5</sup>, da perseguição, do castigo e da morte sofridos por amor dos homens a doçura da sua palavra, a humildade carinhosa dos seus gestos e dos seus atos, a justiça dos seus princípios, e o seu desmedido amor às criaturas.

E revolucionou as religiões, então dominantes, e marcou uma era, e realiza, ainda hoje, como ontem, e como sempre, o maravilhoso milagre de ter, diante de si, genuflexa e contrita, no seu dia, – o Natal universal – toda a Humanidade, que a sua doutrina amorosa envolveu, e cujas cadeias de sofrimento, a força da sua palavra, sábia e cheia de luz, afrouxa e ameniza.

1 - Resplandecente.

2 - Causa primeira, causa mãe.

3 - Que foi enganado, iludido.

4 - Enganador.

5 - Humilhação.





*Crônica póstuma*

Fronda-se pela sabedoria com que estendia os seus ramos, era a que amparava umas e fazia crescer outras.

Quando veio a ruína da ventania, nos cochichos de um sereno e nos rugidos de feras incompreensíveis, e entre as suas irmãs mais novas as virtudes que Deus lhe dera.

Muitas vezes os seus ramos, na fraternal atitude de apagar os humídeos, debateram-se ao vento. Um dia, ela tombou. Uma clareira abriu-se no bosque com Heresia!

Uma árvore próxima falou: Irá, estendendo mais os seus ramos; unam-se a esta que se foi aprendendo a inclinar-se aos ventos; defendam-se os pequenos; defendam os pequenos; defendam os pequenos.

Uma grande Moura morre;

NDIDO

## LIBERTAÇÃO

### Aquela Arvore

aberta no brioso magistério catarinense.

Centenas de jovens ouviram-lhe a palavra de fé e de missão.

E desses, um grande número se transformou em luzeira, destruindo as trevas dos que buscam luz.

São brasileiros a mais — dignos do nosso respeito — que trilham pedregosos caminhos, na missão sublime de dar à Pátria aquilo que a Pátria lhes deu.

Maria da Ilha legou-nos, entre outras, três coisas: Respeito aos direitos de liberdade, soberania e humanidade.

Doen-lhe ver o vergonhoso massacre imposto a humildes professores. E muito mais sofreria se, nos derradeiros momentos de vida, tivesse sabido que em Caru, distrito de Içara, um chefe político CM PÁRIA — fizera mais uma vítima, separando do esposo enfermo e de seus filhos, uma abnegada professora com 24 anos de magistério.

Uma Arvore tombou. Milhares de outras, vorazes, não de levantar-se, numa proclamação de soberania, à memória da saudosa Educadora.

Que Deus a tenha em sua PAZ!

G. SIVIERA



“Crônica farrapos de ideias”  
crônica publicada em  
Jornal O ESTADO  
Ano XXXVIII – Nº 11.314  
23 de dezembro de 1951

*Libertação - Aquela Árvore*  
*G. Silveira, 23 de dezembro de 1951*



Frondosa pela sabedoria com que estendia os seus ramos, era a que amparava umas e fazia crescer outras. Indiferente às raiadas da ventania, aos cochilos de aves tagarelas ou aos rugidos de feras indomáveis, distribuía, a todas as suas irmãs mais novas, as virtudes que Deus lhe dera. Muitas vezes os seus ramos, na fraternal atitude de amparar os humildes, debateram-se ao vento. Um dia, ela tombou. Uma clareira abriu-se no ar, na copa florestal. Mas uma árvore próxima falou: Irmãs, estendamos mais os nossos ramos; unamo-nos. À sombra saudosa desta que se foi, aprendamos a desafiar a inclemência das borrascas<sup>1</sup>, defendendo a soberania das nossas aspirações. Uma grande Mestra morreu. Uma lacuna ficará aberta no brioso<sup>2</sup> magistério catarinense. Centenas de jovens ouviram-lhe a palavra de fé e de missão. E desses, um grande número se transformou em luzeiro, destruindo as trevas dos que buscam luz. São brasileiros a mais – dignos do nosso respeito – que trilham pedregosos caminhos, na missão sublime de dar à Pátria aquilo que a Pátria lhes deu. Maria da Ilha legou-nos, entre outras, três cousas: Respeito aos direitos de liberdade, soberania e humanidade. Doeu-lhe ver o vergonhoso massacre imposto a humildes professores. E muito mais sofreria se, nos derradeiros momentos de vida, tivesse sabido que, em Caru, distrito de Lages, um chefe político – UM PÁRIA – fizera mais uma vítima, separando do esposo enfermo e de seus filhos, uma abnegada<sup>3</sup> professora com 24 anos de magistério. Uma árvore tombou. Milhares de outras vozes hão de levantar-se, numa proclamação de soberania, à memória da saudosa Educadora. Que Deus a tenha em sua PAZ!



1 - Tempestades, vendavais.

2 - Orgulhoso, que tem brío.

3 - Que trabalha com dedicação, sem interesses secundários, dedicada.



*Epilogo*

## EPÍLOGO

*Tiremos o véu que encobre a palavra escrita há mais de um século e descobriremos o espírito que ainda ecoa, alto e claro, fatos do presente no agora.*

Seguindo a tradição retórica, a finalização de uma obra é o epílogo, que prolonga o ato, a cena, o texto... contextualizando o espectador.

A ideia da concepção desta obra foi motivada pela percepção da necessidade da difusão dessa personalidade catarinense que sofreu um grande apagamento da sua história.

No desfecho desta pesquisa de resgate histórico, em memória dos 120 anos de nascimento de Antonieta de Barros, se descortinam textos modernos, atuais e, infelizmente, sendo suas temáticas ainda recorrentes em pleno século XXI.

O teor de suas crônicas define as desigualdades da sociedade, talvez influenciadas pelos movimentos da Europa na segunda metade do século XIX, que exigiam a formulação de políticas em benefício do povo, principalmente da classe operária, as quais registravam índices de pobreza crescente, reflexo também do processo de urbanização e industrialização das cidades, o que foi positivo, sem dúvida, pela elevação das condições humanas, porém aumentou o abismo da desigualdade social.

A movimentação social, motivada pelo formador de opinião, é o indicador mais expressivo para a análise das condições sociais e de como se encontra a organização da sociedade, permitindo identificar as tensões entre os diferentes grupos, revelando as deficiências dos mecanismos de desenvolvimento da sociedade.

Em cada momento da história, são os abnegados articulistas que movimentam as manifestações sociais e que revelam, como um “Raio-X”, as áreas desprovidas, as insatisfações, os anseios da coletividade - permitindo um novo olhar para a realização de uma intervenção nas relações sociais.

Para a leitura desse “Raio-X”, há de se compreender a macroestrutura que motiva as discussões sociais do escritor, indo além das carências percebidas e demandas apontadas, permitindo de fato o conhecimento do modelo de sociedade dentro da qual se articulam, cujas deficiências se tornam, por intermédio dos articulistas/cronistas, identificadas, reveladas e visíveis.

As crônicas sociais realizam, por certo, um relevante papel para a história, indo além de revelar as tensões e contradições sociais de cada tempo, passando a ser uma bússola para a ação social, impulsionando o agir das instâncias superiores de organização e buscando a institucionalização da legalidade das conquistas.

As questões sociais, abordadas nas crônicas, refletem a desigualdade social da época, que acabaram motivando o debate na sociedade, a fim de fazer mudanças nas políticas públicas, bem como orientar a representação da sociedade para a adequação legislativa necessária.

Mudanças institucionais resultam da existência da inquietude de alguns e da sua qualidade, estando intimamente atreladas à força transformadora deles.

A inexistência das vozes dos discursos das crônicas sociais, numa sociedade, reflete, inevitavelmente, na estrutura social, limitando o alcance da pluralização de ideias e da democratização política e, conseqüentemente, do espaço de desenvolvimento e de atuação das identidades sociais e individuais.

Por longos anos, Antonieta teve a consciência do valor de sua voz, buscando dignidade e cidadania através do discurso de seus textos, desestabilizando superfícies sociais cristalizadas.

Como citei anteriormente – para se compreender e fazer a leitura das movimentações sociais de uma determinada época, há que se interpretar o “Raio-X”.

Então devemos nos situar no início do século XX, até a Era Vargas, período de vida de Antonieta, quando os anos foram de enorme eferescência política.

Contextualizando os movimentos, compreenderemos a motivação dos temas das crônicas sociais daquela época, citando algumas passagens históricas, como a Greve Geral de 1917, considerada a mais importante das manifestações públicas da Primeira República. Também foi de grande relevância a Revolução dos Tenentes, iniciada com o Levante do Forte de Copacabana e que se estendeu para várias regiões do país, consolidando, na segunda metade da década de 1920, a Coluna Prestes. Vários outros fatos e movimentos poderiam ser citados como importantes para este período. Cabe lembrar rapidamente, além dos já citados, a criação do primeiro Código de Menores do Brasil, em 1927; as ações de Padre Cícero em Juazeiro; o Movimento do Cangaço por Lampião; o movimento estético em torno da Semana de 1922; e o surgimento de várias organizações de classe.

Os acontecimentos da década de 1930 marcaram o início de um novo momento histórico no Brasil, como, por exemplo, a industrialização, que toma conta do cenário nacional, mesmo com a continuidade da força das elites rurais conservadoras. O desenvolvimento urbano ganhou destaque como bandeira de políticas públicas, com grande expressão a partir das décadas dos anos 1940 e 1950, marco da moderna economia urbano-industrial, com a decorrente concentração dos espaços dos meios de produção, dos mercados e da força de trabalho.

Nesse novo contexto socioeconômico, emergiram com nova força os setores populares, provenientes das áreas rurais, os quais passaram a ocupar as áreas periféricas das cidades. Esse segmento populacional, marcado pelo involuntário movimento migratório do campo para a cidade, passou a substituir as correntes de imigração europeias.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas também pela criação de ordenamentos jurídicos novos e o início da intervenção do Estado na economia e na sociedade. Em decorrência das mudanças na economia e na política, iniciou-se, nesse período, grande polarização política que favoreceu o surgimento ditatorial de 1937, com o Estado Novo. O Estado Novo se estabelece com a outorga de uma nova Constituição, também chamada de “Polaca”, em virtude de sua semelhança com a Constituição Polonesa, igualmente de cunho fascista. Essa Constituição descaracterizou várias conquistas da Constituição de 1934 que, embora tenha contado com uma pequena participação popular, havia reconhecido os sindicatos e as associações profissionais, criado a Justiça do Trabalho, a Justiça Eleitoral e estendido o direito do voto às mulheres e aos maiores de 18 anos. A Constituição de 1937, além de liquidar a autonomia sindical e partidária, criou a figura dos interventores, que foram nomeados por Vargas para governarem os estados.

Este resgate objetiva ir além de reconstruir a bravura de uma mulher que se colocou à frente do seu tempo, enfrentando todas as adversidades, não se calando e colocou em movimentos questões sociais relevantes.

Queremos que esta coletânea de crônicas inspire a sociedade brasileira contemporânea

na mobilização estratégica da sua força transformadora, na busca de alternativas eficientes de organização em sociedade, mantendo no horizonte a participação democrática.

Nessa linha de amadurecimento social, a educação é peça chave para assegurar esta constante travessia que vislumbra dias melhores no horizonte da cidadania.

A história é cíclica, tudo o que acontece hoje já ocorreu de alguma forma, mas a inquietude humana estimula a alteração, sempre na direção do melhor.

Na atualidade, o que mobiliza a opinião social no Brasil e no mundo é a luta por reconhecimento de direitos das minorias na sociedade. Por exemplo, o movimento negro, que reúne ativistas pela luta contra a discriminação racial, a aceitação e respeito de sua cultura e herança histórica; o movimento feminista que atua pelo fim da discriminação de gênero, levantando importantes bandeiras, como o combate à violência contra a mulher, a inserção das mulheres na política e a diferença salarial entre gêneros; o movimento LGBT que atua no combate à discriminação em razão da orientação sexual, tendo como atuação principal a luta pela criminalização da homofobia, a defesa do casamento civil igualitário e o reconhecimento da identidade de gênero, incluindo a possibilidade do uso do nome social.

As questões voltadas ao meio ambiente têm ocupado um bom espaço nas temáticas sociais relevantes contemporâneas, estudando o impacto que o consumo em massa tem causado ao meio ambiente. A orientação para o consumo consciente, com sustentabilidade felizmente tem estado presente na pauta educacional.

A liberdade de expressão tem assegurado espaço amplo para as questões sociais com o objetivo de promover o engajamento político na sociedade. Essa questão leva a bandeira da renovação das práticas políticas e se identificam como suprapartidários, apesar de possuírem vínculos ideológicos definidos, indo desde grupos identificados com o liberalismo de direita a grupos identificados com a socialdemocracia, mais à esquerda do espectro político.

No contexto dos 120 anos do nascimento de Antonieta de Barros, constatamos que a caminhada da cidadania no Brasil é longa e difícil e, ao olharmos para o nosso contexto atual, a sensação é desafiante diante de tudo que ainda não alcançamos.

É inegável o progresso que tivemos, mas foram lentos e escancaram o longo caminho que ainda falta percorrer.

Como cantou Elis Regina, “somos jovens”, na convivência com os direitos civis, políticos e sociais, conquistados a partir 1946. No transcorrer destes 75 anos, as crônicas têm assumido o arauto de inúmeras batalhas pelo aprimoramento da cidadania no Brasil, conscientizando que devem ser encarados como inerentes aos direitos civis, e não como uma mera concessão de uma pessoa ou figura qualquer.

A intitulada “Constituição Cidadã” trouxe o fortalecimento da cidadania participativa com a sua promulgação em 1988, assegurando diversos mecanismos de participação popular em seu texto.

É compreensível que somente a previsão constitucional e regulamentação legal dos direitos à participação popular não são, por si só, suficientes para que o princípio da participação seja amplamente assimilado pelo povo devido a nossa pouca vivência histórica com um estado democrático, por ser o Brasil um país “constitucionalmente jovem”, apesar dos 33 anos da Constituição de 1988.

Desse modo, quando esses mecanismos não são incorporados como de observância obri-

gatória pelo poder público, a criação e implantação fica a cargo da voluntariedade das lideranças políticas que são movimentadas pelas vozes discursivas das crônicas sociais.

A participação social que expressa o pensamento e o senso de justiça, antigamente tido como ousadia, conquistou de fato a posição de protagonista na sociedade contemporânea.

Assim a experiência democrática é cada vez mais consolidada no Brasil, permitindo que a sociedade se reinvente e se reorganize a cada novo ciclo, com a efetivação de canais para a manifestação das opiniões, que são fortalecidos pela facilidade da comunicação na contemporaneidade, articulando importantes pautas a serem observadas e debatidas.

Esse amplo processo do desenvolvimento da cidadania no Brasil, sem dúvida, está atrelado ao desenvolvimento da educação brasileira, formando cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres.

A escola tem uma grande janela para consolidar os debates em torno da cidadania em seus currículos, que são os Temas Contemporâneos Transversais – TCTs, trabalhando conteúdos básicos, através dos quais o indivíduo passe a entender de forma consciente o debate público no país, com condições de intervir de maneira precisa para modificar a realidade social.

Tenho certeza de que foi uma leitura prazerosa ao remontar a época de cada uma das temáticas, onde inevitavelmente contrapomos com a nossa realidade de hoje.

Nos textos selecionados destacamos o tema Educação, onde a autora versa sobre a alfabetização de adultos, reconhecimento do professor, instrução para o professor, concurso público para o magistério, disciplina e compostura, situação do ensino público, a importância e a responsabilidade do magistério, estudos e pesquisa. Relacionado aos Direitos Humanos escreve sobre o respeito, amor, racismo, pré-conceito, humanidade, fraternidade, virtude da bondade, maldade e guerra. Nas questões Morais e ética destacou princípios, egoísmo e liberdade de expressão. Sobre o mundo do Trabalho pontuou as derrotas, as conquistas, o trabalho infantil e as desigualdades. Na Segurança destacou a angústia da insegurança. Na Cultura registrou o folclore catarinense. A frente do seu tempo falou sobre Ciência alinhando a vida, evolução e futuro. Na Religiosidade vaticinou sobre o amor e a fé. Na Política observou a República Nova, a democracia, a oposição e críticas ao sistema. A sua principal bandeira foi a temática MULHER, onde procurou conscientizar sobre a importância feminina, o papel da mulher na sociedade e a necessidade do empoderamento feminino na perspectiva de eliminar a desigualdade de gênero.

A memória afetiva que estamos (re)construindo de Antonieta de Barros e de sua luta incansável e perseverante em favor da cidadania é evocada nessa obra, como um sentimento de esperança de que é possível mudar as realidades que estão em descompasso com a humanidade.

Resgatar a imagem de Antonieta como pessoa e de sua luta social é uma inspiração para engajar o público jovem nas ações de cunho social “como nossos pais” na perspectiva de uma sociedade mais justa.

*Felipe Felisbino*

*Vice-presidente do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina – CEE / SC*  
*Professor*



# Considerações bibliográficas

As fontes das crônicas escolhidas são os jornais onde foram publicadas, já devidamente indicadas na apresentação de cada uma. Algumas dessas crônicas, depois de publicadas, foram reunidas no livro “Farrapos de Ideias”, de autoria de Antonieta de Barros, em 1937.

As imagens dos jornais foram reproduzidas a partir de originais digitalizados, encontrados nos arquivos dos veículos e na Hemeroteca Digital Catarinense, um projeto do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) / IDCH - Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas da Universidade do Estado de Santa Catarina e a Biblioteca Pública de Santa Catarina - Fundação Catarinense de Cultura ([www.hemeroteca.ciasc.sc.gov.br](http://www.hemeroteca.ciasc.sc.gov.br)).

A vida de Antonieta de Barros já foi tema de diversos trabalhos literários, incluindo dissertações e teses, livros e até filme. Neste trabalho, para traçar o perfil de Antonieta de Barros, além de publicações nos jornais indicados, a seguinte bibliografia foi consultada:

BARROS, Antonieta de. *Farrapos de Ideias*. Palhoça-SC: Editora Unisul, 2016;  
DRANKA, Renata Aparecida Paupitz. *Antonieta de Barros – Trajetórias Discursivas – Dissertação de mestrado na Universidade do Sul de Santa Catarina*. Tubarão-SC: Unisul, 2003;  
PONTICELLI, Joares Carlos. *Santa Catarina – Estado Feminino*. Tubarão-SC: Editora Copiart, 2021.  
[www.memoriapolitica.alesc.sc.gov.br](http://www.memoriapolitica.alesc.sc.gov.br)







**CEE**  
Conselho Estadual de Educação  
de Santa Catarina



**ASSEMBLEIA LEGISLATIVA**  
**DO ESTADO DE SANTA CATARINA**